



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

FERNANDA MARCATO

ANÁLISE PROSÓDICA DE PREPOSIÇÕES MONOSSILÁBICAS

São José do Rio Preto

12 de agosto de 2013

FERNANDA MARCATO

ANÁLISE PROSÓDICA DE PREPOSIÇÕES MONOSSILÁBICAS

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise Linguística.

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto
2013

Marcato, Fernanda.

Análise prosódica de preposições monossilábicas/ Fernanda
Marcato.-- São José do Rio Preto, 2013
159 f. : il., gráfs., tabs.

Orientador: Luciani Ester Tenani

Dissertação (mestrado)– Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Língua portuguesa – Variação.
4. Língua portuguesa - Português falado - São José do Rio Preto, Região
de (SP)I. Tenani, Luciani Ester.II. Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.
III. Título.

CDU – 41:301

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Campus de São José do Rio Preto

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)
(orientador)

Prof^a. Dr^a. Ester Miriam Scarpa
(UNICAMP – Campinas)

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

Suplentes

Prof^a. Dr^a. Flaviane Romani Fernandes Svartman
(USP – São Paulo)

Prof^a. Dr^a. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi
(IBILCE/UNESP – São José do Rio Preto)

*Ao meu filho, Felipe, e ao meu
companheiro, Vagner,
dedico esta dissertação.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por sempre iluminar e guiar todas as decisões tomadas durante o percurso desta pesquisa;

Aos meus pais, pela dedicação e presença constante ao meu lado;

Ao meu esposo, pelo incondicional apoio, companheirismo, amizade e amor;

Ao meu filho, minha eterna alegria, pela paciência e compreensão nos momentos em que não estive presente;

As minhas sobrinhas, Beatriz e Bruna, e as minhas irmãs de coração, Gisele e Vanessa, por estarem sempre ao meu lado;

A toda a minha família, por sempre ter acreditado em mim;

Aos meus amigos, pelo carinho, companheirismo e incentivo;

À FAPESP, pelo apoio financeiro concedido durante os dois anos de elaboração desta pesquisa;

Aos professores doutores Roberto Gomes Camacho e Ester Miriam Scarpa, pelas contribuições de suma importância oferecidas ao longo do desenvolvimento deste trabalho;

Às professoras doutoras Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi e Flaviane Romani Fernandes Svartman, por participarem da comissão avaliadora como membros suplentes;

Aos professores dos departamentos de Estudos Linguísticos e Literários, de Letras Modernas e de Educação do IBILCE/UNESP, por terem contribuído com a minha formação;

Aos informantes do projeto ALIP, por terem se disposto a participar de um projeto que proporciona o desenvolvimento de diversas pesquisas científicas;

Em especial, a minha orientadora, sem a qual esse sonho não teria se realizado, pelos ensinamentos que me proporcionou desde a iniciação científica;

A todos que, direta ou indiretamente, incentivaram-me sempre,

meus sinceros agradecimentos.

“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.”

Clarice Lispector

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
APRESENTAÇÃO	16
SEÇÃO 1	21
PREPOSIÇÕES MONOSSILÁBICAS E SEU STATUS PROSÓDICO	21
<i>1.1. As preposições do PB</i>	<i>21</i>
<i>1.2. Os clíticos fonológicos: um breve panorama</i>	<i>27</i>
<i>1.3. O status dos clíticos na teoria prosódica</i>	<i>31</i>
<i>1.4. Resumo</i>	<i>41</i>
SEÇÃO 2	42
MATERIAL E METODOLOGIA	42
<i>2.1. O objeto de investigação</i>	<i>42</i>
<i>2.2. Material de investigação: o banco de dados IBORUNA</i>	<i>44</i>
<i>2.3. Composição do córpus</i>	<i>45</i>
<i>2.4. Procedimentos metodológicos de quantificação e análise fonológica dos dados</i>	<i>47</i>
<i>2.5. Definindo as variáveis de análise da prosodização</i>	<i>52</i>
<i>2.6. Resumo</i>	<i>59</i>
SEÇÃO 3	60
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DAS PREPOSIÇÕES	60
<i>3.1. Processos Segmentais</i>	<i>61</i>
<i>3.1.1. Apagamento do “r” em final de sílaba</i>	<i>61</i>
<i>3.1.2. Assimilação da nasal</i>	<i>62</i>
<i>3.1.3. Ditongação</i>	<i>63</i>
<i>3.1.4. Metátese</i>	<i>65</i>
<i>3.1.5. Queda da Consoante Nasal</i>	<i>65</i>
<i>3.1.6. Neutralização Vocálica</i>	<i>66</i>
<i>3.1.7. Palatalização da Consoante “d”</i>	<i>69</i>
<i>3.1.8. Redução Fonológica</i>	<i>70</i>

3.2. <i>Processos de Juntura</i>	77
3.2.1. <i>Haplologia</i>	77
3.2.2. <i>Vozeamento da Fricativa em Coda</i>	78
3.2.3. <i>Degeminação Consonantal</i>	82
3.2.4. <i>Tapping</i>	83
3.2.5. <i>Hiato</i>	86
3.2.6. <i>Sândi Vocálico Externo: Degeminação</i>	89
3.2.7. <i>Sândi Vocálico Externo: Ditongação</i>	101
3.2.8. <i>Sândi Vocálico Externo: Elisão</i>	119
3.3. <i>Resumo</i>	131
SEÇÃO 4	134
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PROSODIZAÇÃO DE PREPOSIÇÕES	134
4.1. <i>Preposições monossilábicas em contexto de sândi externo</i>	134
4.2. <i>Evidências segmentais da prosodização das preposições monossilábicas</i>	136
4.3. <i>Resumo</i>	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	152

RESUMO

Esta pesquisa objetiva descrever o comportamento prosódico das preposições *a*, *de*, *por*, *com*, *em*, *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *ao(s)*, *à(s)* e *para* do Português Brasileiro (PB) da variedade de São José do Rio Preto (SP), buscando-se evidências de processos segmentais da cliticização dessas preposições. Neste trabalho, para a análise fonológica dos dados, toma-se por base a teoria de Nespor e Vogel (1986), sobre os domínios prosódicos, e assumem-se os argumentos de Bisol (2005), sobre o comportamento dos clíticos no Português do Brasil. Como material de pesquisa, são utilizados 32 inquéritos de fala espontânea selecionados da amostra censo do banco de dados IBORUNA, resultado do projeto *Amostra Linguística do Interior Paulista – ALIP* (FAPESP 03/08058-6), em função das variáveis extralinguísticas controladas nesse banco de dados, a saber: (i) faixa etária, (ii) grau de escolaridade, e (iii) sexo/gênero. Com base na análise de oitiva dos inquéritos de fala, encontramos vários processos segmentais e de *sândi externo* a que as preposições estão sujeitas. Neste trabalho, descrevemos todos esses processos e focalizamos a análise dos processos de juntura de *sândi vocálico externo*, como os de *degeminação*, *ditongação* e *elisão*, por possibilitarem investigar o fenômeno da prosodização. A partir da descrição das preposições monossilábicas na variedade a ser investigada, busca-se contribuir para caracterização e ampliação da descrição do Português falado na região do Noroeste Paulista, além de proporcionar uma reflexão a respeito do estatuto prosódico desses elementos clíticos em Português.

Palavras-chave: Variação Linguística, Língua Portuguesa, Prosódia, Preposição, Clíticos.

ABSTRACT

The aim of this work is to describe the prosodic behavior of prepositions “a”, “de”, “por”, “com”, “em”, “do(s)”, “da(s)”, “no(s)”, “na(s)”, “ao(s)”, “à(s)” e “para” from Brazilian Portuguese (PB) variety of São José do Rio Preto (SP), searching for evidence of segmental processes of these prepositions cliticization. For the phonological analysis of data, it has been used Nespor and Vogel’s theory (1986), about the prosodic domains, and it has been considered Bisol’s arguments (2005), on the clitic’s behavior in Brazilian Portuguese Language. As research material, it has been used 32 surveys of spontaneous speech, selected from the census sample database, called IBORUNA - which results from the project Amostra Linguística do Interior Paulista ALIP (FAPESP 03/08058-6), according to the extralinguistic variables controlled in that database, as follows: (i) age, (ii) education level, and (iii) sex/gender. Based on the hearing analysis of the speech surveys, we found several segmental processes and external sandhi that the prepositions are subjected to. In this paper, we describe all these processes and focus on the analysis of joining processes of external vowel sandhi, such as degemination, diphthongization and elision, because they allow investigating the phenomenon of prosodization. From the description of monosyllabic prepositions in the variety to be investigated, we seek to contribute to the characterization and description expansion of spoken Portuguese from Northwest of São Paulo, besides providing a reflection on the prosodic status of these clitic elements in Brazilian Portuguese.

Keywords: *Linguistic Variation, Brazilian Portuguese Language, Prosody, Prepositions, Clitics.*

LISTA DE DIAGRAMAS, ESQUEMAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

LISTA DE DIAGRAMAS

Diagrama 1. Classificação das vogais postônicas do PB (CAMARA JR, 1970)	66
---	----

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1. Representação da sílaba <i>de</i>	56
Esquema 2. Representação da sílaba <i>com</i>	57
Esquema 3. Representação da sílaba <i>pra</i>	57
Esquema 4. Representação da sílaba <i>em</i>	58
Esquema 5. Representação da sílaba <i>a</i>	58
Esquema 6. Representação do processo de <i>redução</i>	75
Esquema 7. Representação do processo de <i>vozeamento da fricativa em coda</i>	80
Esquema 8. Representação do processo de <i>tapping</i>	84
Esquema 9. Representação do processo de <i>degeminação</i>	94
Esquema 10. Representação do processo de <i>degeminação</i>	98
Esquema 11. Representação do processo de <i>ditongação</i>	106
Esquema 12. Representação do processo de <i>ditongação</i>	117
Esquema 13. Representação do processo de <i>elisão</i>	120
Esquema 14. Representação do processo de <i>elisão</i>	128

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Ocorrências das preposições.....	51
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Aplicação dos fatores às preposições lexicais	26
Quadro 2. Aplicação dos fatores às preposições gramaticais	26
Quadro 3. Elementos clíticos do Português Europeu segundo Vigário (2001)	43
Quadro 4. Distribuição e identificação dos informantes selecionados da Amostra Censo do Banco de Dados IBORUNA (variáveis sociais).....	46
Quadro 5. Descrição das marcas linguísticas de hesitação	49
Quadro 6. Variáveis independentes consideradas.....	54
Quadro 7. Variável linguística: estrutura da sílaba do clítico.....	56
Quadro 8. Sequências observadas para o <i>hiato</i> envolvendo o item <i>na</i>	87
Quadro 9. Sequências observadas para a formação do <i>hiato</i> envolvendo o item <i>da</i>	88
Quadro 10. Sequências observadas para a <i>degeminação</i> do item <i>de</i>	92
Quadro 11. Sequências observadas para a <i>degeminação</i> do item <i>do</i>	96
Quadro 12. Sequências observadas para a <i>ditongação</i> do item <i>da</i>	103
Quadro 13. Sequências vocálicas observadas para a <i>ditongação</i> do item <i>de</i>	105
Quadro 14. Sequências observadas para a <i>ditongação</i> do item <i>do</i>	110
Quadro 15. Sequências observadas para a <i>ditongação</i> do item <i>no</i>	111

Quadro 16. Sequências observadas para a <i>ditongação</i> do item <i>na</i>	113
Quadro 17. Sequências observadas para a <i>ditongação</i> do item <i>com</i>	114
Quadro 18. Sequências observadas para a <i>elisão</i> do item <i>com</i>	127
Quadro 19. Sequências observadas para a <i>elisão</i> do item <i>na</i>	131
Quadro 20. Os processos segmentais e as preposições.....	132
Quadro 21. Os processos de junção externa e as preposições.....	133

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Ocorrências das preposições.....	50
Tabela 2. O processo de <i>ditongação</i> e as preposições.....	64
Tabela 3. O processo de <i>neutralização vocálica</i> e as preposições.....	67
Tabela 4. Ocorrências da realização da preposição <i>para</i>	70
Tabela 5. Frequência da forma <i>para</i> em relação ao fator grau de escolaridade.....	72
Tabela 6. Frequência da forma <i>para</i> em relação ao fator faixa etária.....	73
Tabela 7. Frequência da forma <i>para</i> em relação ao fator sexo.....	74
Tabela 8. O processo de <i>vozeamento da fricativa em coda</i> e as preposições.....	79
Tabela 9. O processo de <i>degeminação consonantal</i> e as preposições.....	83
Tabela 10. O processo de <i>hiato</i> e as preposições.....	86
Tabela 11. Índices de <i>hiato</i> envolvendo o item <i>na</i>	87
Tabela 12. Índices observados para a formação do <i>hiato</i> envolvendo o item <i>da</i>	89
Tabela 13. O processo de <i>sândi vocálico externo degeminação</i> e as preposições.....	91
Tabela 14. Ocorrências de <i>degeminação</i> do item <i>com</i>	97
Tabela 15. Aplicação do processo de <i>degeminação</i> com o item <i>para</i>	100

Tabela 16. O processo de sândi vocálico externo ditongação e as preposições	102
Tabela 17. Índices observados para a <i>ditongação</i> do item <i>da</i>	104
Tabela 18. Índices de <i>ditongação</i> do item <i>de</i>	105
Tabela 19. Aplicação do processo de <i>ditongação</i> com o item <i>para</i>	109
Tabela 20. Índices de <i>ditongação</i> do item <i>do</i>	110
Tabela 21. Índices observados para a <i>ditongação</i> do item <i>no</i>	112
Tabela 22. Índices de <i>ditongação</i> do item <i>na</i>	113
Tabela 23. Ocorrências de <i>ditongação</i> do item <i>com</i>	115
Tabela 24. O processo de sândi vocálico externo elisão e as preposições	121
Tabela 25. Processo de <i>elisão</i> com o item <i>para</i>	122
Tabela 26. Sequência <i>para o</i> e os processos de <i>ditongação</i> e <i>elisão</i>	123
Tabela 27. Sequência <i>de</i> e os processos de <i>ditongação</i> e <i>elisão</i>	125
Tabela 28. Ocorrências de <i>elisão</i> do item <i>com</i>	127
Tabela 29. Índices de <i>elisão</i> do item <i>na</i>	131
Tabela 30. Comparação da aplicação do sândi vocálico entre as preposições monossilábicas.....	135
Tabela 31. Sândis externos e contextos morfofonológicos para <i>de</i>	137
Tabela 32. Sândis externos e contextos morfofonológicos para <i>do</i>	138
Tabela 33. Sândis externos e contextos morfofonológicos para <i>da</i>	139
Tabela 34. Sândis externos e contextos morfofonológicos para <i>em</i>	140
Tabela 35. Sândis externos e contextos morfofonológicos para <i>no</i>	141
Tabela 36. Sândis externos e contextos morfofonológicos para <i>na</i>	142
Tabela 37. Sândis externos e contextos morfofonológicos para <i>com</i>	143
Tabela 38. Sândis externos e contextos morfofonológicos para <i>para</i>	144

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem, como objetivo central, descrever o comportamento prosódico das preposições *a*, *de*, *com*, *em*, *por*, *p(ar)a* e das contrações com clíticos *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *ao(s)* e *à(s)* do Português Brasileiro (PB), falado na variedade de São José do Rio Preto (SP), buscando-se indícios da prosodização desses elementos a partir da análise dos processos segmentais de sândi externo vocálico *degeminação*, como em *par[a]menizar*, *ditongação*, como em *par[ai]nformar*, e *elisão*, como em *par[I]sconder*.¹ A partir dessa descrição, busca-se contribuir para a caracterização e a ampliação da descrição do Português falado na variedade do Noroeste Paulista, além de propor uma reflexão a respeito do *status* prosódico desses elementos nessa variedade do Português.

As preposições, que são objetos de análise neste estudo, foram selecionadas por exibirem, na variedade do PE, funcionamento de clíticos prosódicos. Os clíticos, de modo geral, compreendem palavras funcionais, como preposições átonas, pronomes átonos, artigos, conjunções, e têm sido o foco de muitas investigações em diferentes línguas. Nos termos de Camara Jr. (1970), do ponto de vista sintático, são considerados formas dependentes de outras, como verbos e nomes, estando ligados ou ao elemento que os antecedem (ênclise) ou ao que os seguem (próclise), não sendo livres ou presos, uma vez que apresentam uma autonomia intermediária. Do ponto de vista fonológico, são partículas átonas, isto é, elementos clíticos, que não têm estatuto de vocábulo fonológico. Nesta pesquisa, interessa apenas o clítico fonológico por possibilitar investigar características da prosodização no PB.

¹ Na seção 3, detalhamos cada um desses processos.

No que se refere à questão teórica abarcada neste estudo, observa-se que, em função de sua natureza complexa, os clíticos exibem diversas maneiras de se juntar ao seu hospedeiro fonologicamente. Devido à complexidade desses elementos, na literatura fonológica, encontramos propostas antagônicas quanto à definição de seu estatuto prosódico, como mostraremos na seção 1. Em resumo, os clíticos podem ser definidos ou como pertencentes à palavra fonológica (ω), caso em que se assemelham a afixos, ou como pertencentes à frase fonológica, caso em que se assemelham a palavras independentes. Diante desse cenário, Nespor e Vogel (1986) argumentam que existem processos fonológicos que são característicos apenas do grupo composto de uma palavra mais clítico(s). As autoras apresentam evidências segmentais em diferentes línguas de que é necessário haver um componente na estrutura prosódica que tenha exatamente essa extensão, isto é, o grupo clítico (C).

No que diz respeito à definição do estatuto prosódico dos clíticos do PB, Bisol (2005) apresenta, com base em Nespor e Vogel (1986), argumentos favoráveis à existência de C. Segundo a autora, os clíticos se unem ao hospedeiro no componente pós-lexical, formando com este um constituinte prosódico. Para a autora, os clíticos estão sujeitos a apenas regras pós-lexicais, sendo invisíveis a processos fonológicos que ocorrem com itens pertencentes ao nível do léxico. Dos processos pós-lexicais que podem afetar o clítico e seu hospedeiro, Bisol (2005) afirma que somente o de *elisão* traria evidência favorável à inclusão do C como um constituinte da hierarquia prosódica de Nespor e Vogel (1986), uma vez que seria o único de caráter variável e pós-lexical. Em resumo, segundo a autora, o estudo dos clíticos contribui para a compreensão da organização prosódica da língua.

Da definição do *status* prosódico dos clíticos em dados do PB, destacamos o trabalho realizado por Brisolara (2008) sobre a análise dos clíticos pronominais em uma variedade gaúcha. A autora não defende que o C deva ser considerado como um constituinte prosódico.

Para Brisolará (2008), o clítico forma, com o seu hospedeiro, uma palavra fonológica pós-lexical, o que fora observado por Vigário (2001), para o PE.

No que concerne à definição do *status* prosódico dos clíticos, ressaltamos que esta pesquisa assume, como ponto de partida, o modelo teórico da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986), sobre os domínios prosódicos, e os argumentos de Bisol (2005), sobre o comportamento dos clíticos em PB, tendo como objeto de estudo as formas que sintaticamente funcionam como preposições. Mais precisamente, restringimo-nos ao estudo das preposições que são, também, clíticos prosódicos. Vale ressaltar que a definição do objeto de estudo está pautada em Vigário (2001), por apresentar uma classificação dos clíticos do PE, sob o ponto de vista sintático. Dos clíticos apresentados no trabalho da autora, optamos por selecionar os itens monossílabos, que podem se estabelecer no discurso como preposições, *a, de, por, com, em, do(s), da(s), no(s), na(s), ao(s), à(s)*. Também consideramos o clítico dissilábico *para*, por esse poder se reduzir a um clítico monossilábico, *pra ~ pa*.

A hipótese desta pesquisa é a de que a relação entre o clítico e seu hospedeiro pode ser evidenciada por meio da análise de processos fonológicos de sândi vocálico externo a que estão sujeitas as preposições monossilábicas. Da mesma forma que o comportamento prosódico dos clíticos pronominais dá pistas de características da interface sintaxe-fonologia, como argumentam Galves e Abaurre (1996), partimos da premissa de que as preposições em estudo também evidenciam essa interface, notadamente, no estabelecimento de um domínio prosódico de aplicação dos processos segmentais de sândi externo. Vislumbramos, portanto, investigar a possibilidade de haver evidências segmentais da prosodização das preposições monossilábicas na variedade do PB falada no interior paulista.

Como vimos, tendo em vista a hipótese desta pesquisa, fez-se necessário, como recorte teórico-metodológico, focalizar as preposições monossilábicas apenas em contexto de juntura, fato que excluiu da análise quantitativa e qualitativa o detalhamento dos demais processos

fonológicos a que os itens em estudos estão sujeitos na variedade do Noroeste Paulista. Com isso, não significa que processos fonológicos, como a *palatalização*, que afeta a preposição *de*, e a *neutralização vocálica*, que afeta várias preposições como *ao*, *com*, *por*,² não sejam relevantes para a caracterização desses itens gramaticais. No entanto, conforme veremos no decorrer desta dissertação, será somente por meio de processos fonológicos considerados pós-lexicais, como *degeminação*, *ditongação* e, sobretudo, *elisão*, que encontraremos subsídios para investigarmos a possibilidade da prosodização dos itens em estudo como constituindo o domínio do grupo clítico. Por essa razão, o aprofundamento da pesquisa focalizará esses processos de sândi.

Quanto à relevância do estudo desses clíticos que exercem a função sintática de preposições, como *com*, em *A menina foi embora com você.*, e *p(a)ra*, em *Eu doei muitas roupas pra você.*, justifica-se em razão de: (i) não haver análises de natureza fonológica dessas preposições no PB; e, sobretudo, por (ii) haver processos fonológicos que afetam tais elementos de modo a evidenciar características do seu *status* prosódico.

O material desta pesquisa é composto por 32 inquéritos de fala espontânea, selecionadas da amostra censo do banco de dados IBORUNA, resultado do projeto *Amostra Linguística do Interior Paulista – ALIP* (FAPESP 03/08058-6).³ Por haver esse banco de dados de fala, com variáveis sociolinguísticas controladas, elegemos a variedade do PB riopretense para estudo. Como fenômenos de análise, são utilizadas as ocorrências dos clíticos *a*, *de*, *por*, *com*, *em*, *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *ao(s)*, *à(s)* e *p(ar)a* identificadas nessas amostras de fala.

² O processo de palatalização dos fonemas /t/ e /d/, segundo Cagliari (1997), se aplica por uma regra de assimilação do traço coronal da vogal alta anterior /i/, seguida de uma regra de africativização das oclusivas /t/ e /d/, as quais se palatalizam, como em [tʃi]a, [dʃi]a. O fenômeno de neutralização vocálica, segundo Wetzels (1995) e Lee (1995), consiste em um processo pelo qual a diferença entre as vogais existentes na língua são neutralizadas por meio da eliminação de contraste em um dado contexto fonológico, neutralização vocálica, como em d[e] ~ d[i].

³ Na seção material e metodologia, é apresentado o banco de dados IBORUNA.

Por fim, cabe destacar que os resultados que serão obtidos a partir desta pesquisa, além de poderem contribuir para caracterização e ampliação de uma descrição inédita do Português falado na região do Noroeste Paulista, também proporcionarão uma reflexão a respeito do estatuto prosódico dos clíticos *a, de, por, com, em, do(s), da(s), no(s), na(s), ao(s), à(s)* e *p(ar)a* em Português.

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: a primeira seção trata dos subsídios teóricos sobre o estatuto prosódico dos clíticos e o aparato teórico da Fonologia Prosódica. A segunda seção apresenta o material e o *cópus* utilizados nesta pesquisa, bem como dos aspectos metodológicos seguidos. Mais especificamente, apresentaremos: (a) os fenômenos investigados; (b) a caracterização da comunidade de fala da região de São José do Rio Preto; (c) a descrição do banco de dados selecionado; (d) a composição da subamostra utilizada como material de pesquisa; (e) os principais aspectos de quantificação e análise dos dados; e (f) as justificativas tanto para as variáveis consideradas quanto para os contextos excluídos da análise quantitativa. A terceira seção apresenta as considerações iniciais feitas sobre o levantamento quantitativo e a análise perceptual das preposições em estudo. A quarta seção traz as considerações acerca da prosodização das preposições monossilábicas na variedade riopretense. Na quinta seção, apresentam-se as considerações finais sobre o encaminhamento da pesquisa, seguidas das referências bibliográficas.

SEÇÃO 1

PREPOSIÇÕES MONOSSILÁBICAS E SEU STATUS PROSÓDICO

Esta primeira seção abriga a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa. Quanto a sua apresentação, temos: em 1.1., uma apresentação das preposições do PB; 1.2., um breve panorama sobre a natureza dos elementos clíticos; em 1.3., as considerações acerca do estatuto prosódico dos clíticos na teoria prosódica, bem como uma breve apresentação do modelo teórico seguido nesta pesquisa: a Fonologia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986). Assim sendo, nos subitens que se seguem, abordaremos as discussões sobre o comportamento prosódico das preposições enquanto clíticos a partir do arcabouço teórico da fonologia prosódica e de trabalhos que apresentem considerações acerca do estatuto prosódicos dos clíticos. Por fim, na subseção 1.4., é feito um breve resumo acerca dos principais pontos tratados na presente seção.

1.1. As preposições do PB

De acordo com Segundo Said Ali (1971), em decorrência da redução dos casos latinos, as preposições começaram a ser empregadas, sobretudo, para subordinar o complemento ao verbo. Inicialmente, tinham por objetivo expressar noções mais concretas, como de lugar, tempo, instrumento, causa, origem, etc. Posteriormente, foram utilizadas com o objetivo de dar clareza a alguns valores semânticos empregados no discurso.

Ainda em seu trabalho de 1971, o autor classifica as preposições que temos atualmente na Língua Portuguesa em dois grupos: (i) as que não alteraram suas formas na transposição para o Português: *ante, contra, de, per*; e (ii) as que tiveram suas formas modificadas de alguma maneira: *ad>a, post>pós; cum>com; inter>antre, entre; sine>sem; trans>trás; pro>por; secundum>segundo; in>em, em; sub>sob, so; super>sobre; e tenus>até*.

Cabe destacar, ainda, que as preposições do português não são oriundas somente do latim. Muitas delas apareceram em decorrência do processo de gramaticalização, como por exemplo: *durante, mediante, tirante*, advindas do particípio presente.

Segundo Poggio (2008), na transposição do latim para o português, as preposições tiveram alterações gramaticais e semânticas. Do ponto de vista semântico, algumas preposições, como *ad, in* e *de*, sofreram um grande desbotamento semântico. Por outro lado, preposições como *ante, cum, contra excepto, inter, per, pro, secundum, sine, sub, super*, mantiveram-se transparentes quanto ao seu sentido.

A autora destaca também que as preposições, nessa transposição, foram gramaticalizadas, sobretudo, por extensão metafórica. Poucos são os casos em que se gramaticalizaram por extensão metonímica, processo pelo qual as preposições expandem sua função básica de relacionar vocábulos para relacionar sentenças.

No que diz respeito à categorização sintática das preposições, Faria (1944) afirma que esses itens são antigos advérbios utilizados com alguns nomes. A princípio, eram utilizados somente para dar ênfase às relações já expressas pelas próprias declinações latinas. Com a redução dos casos e o conseqüente enfraquecimento de seus valores semânticos, o uso desses advérbios se tornou mais recorrente, o que acabou determinando o aparecimento da classe gramatical das preposições. Diante dessa mudança, o autor chega a conclusão de que as preposições eram regidas pelos casos graças à necessidade de clareza da expressão.

De acordo com Camara Jr. (1970), as partículas adverbiais, no latim, aglutinaram-se aos verbos ou associaram-se ao seu complemento. Essa junção corroborou a origem da categoria, o que acabou por estabelecer um sistema de redundância com as desinências do caso acusativo ou ablativo, os quais também estabeleciam uma relação de complemento.

A partir do desaparecimento das declinações latinas, as preposições passaram a ser exigidas obrigatoriamente com o propósito de estabelecer relações entre os nomes, os verbos e os seus complementos. Nesse momento, o sistema linguístico passa a ser mais analítico e surge uma estrutura sintática de maior rigidez que determina uma posição mais fixa entre os termos relacionados.

No que concerne às propriedades semânticas das preposições, Castilho (2004) afirma serem difíceis de delimitar. Pressupondo que as preposições têm um sentido prototípico de base, que se desdobra por metáfora em sentidos derivados, o autor postula que esses sentidos corresponderiam às categorias semântico-cognitivas de: (i) posição no espaço; (ii) deslocamento no espaço; (iii) distância no espaço; e (iv) movimento. Entretanto, como destaca Castilho (2004), seria ingênuo supor que as preposições espelham perfeitamente essas categorias, pois a criatividade humana intervém de diferentes modos, promovendo alterações nos sentidos prototípicos, de que derivam os sentidos de aspecto, tempo e qualidade.

Ainda sobre o aspecto semântico desses itens, cabe retomar as postulações de Pottier (1962) de que as preposições expressam uma relação na língua que é independente do discurso. Seriam os elementos que põem em relação dois termos (denominados A e B), e os fenômenos de subordinação e coordenação decorrentes da relação expressa por eles.

Pottier (1962) destaca, ainda, a relação existente entre o uso de certos casos do latim e algumas preposições. O autor afirma que essas duas categorias estão intimamente ligadas, mesmo que funcionalmente tenham diferenças. De modo geral, observa-se que os estudos funcionais constataam uma regra quase perfeita: a preposição que representa um afastamento

do limite se associa ao caso ablativo; enquanto que a que expressa uma proximidade ao acusativo.

Para Travaglia (1985), o sistema preposicional funciona em dois níveis: no da língua e no da fala ou discurso. No primeiro nível, as preposições apresentam uma imagem representativa básica da qual, por extensão metafórica, surgem vários significados dependentes do contexto, a saber: estado, origem, posse, fim, meio, causa, instrumento, companhia, tempo, lugar, etc.

No estabelecimento dessa imagem representativa, são utilizados os traços de localização e direção. Este é a negação da localização (posição ou situação), enquanto que aquele pode ser um ponto de partida ou de chegada.

Travaglia (1985) postula, ainda, que as preposições exprimem duas funções gramaticais: (a) a relacional, pela qual estabelece uma relação entre o elemento regente e o elemento regido, estabelecendo uma subordinação; e (a) translativa, pela qual marca uma mudança qualquer de função ou status gramatical.

É imprescindível retomar a categorização feita pela Gramática Gerativa, na qual as preposições são divididas em lexicais e funcionais. Aquelas se caracterizam por serem predicados e trazerem uma carga semântica, o que não acontece com as últimas.⁴ Esse fato possibilita que se trabalhe com o sistema das preposições independentemente dos outros sistemas que compõem a língua. Dessa forma, as preposições formam, em relação aos outros vocábulos, um sistema próprio.

Conforme destaca Travaglia (1985), de modo geral, os artigos, as preposições e as conjunções são mais recorrentes no discurso que os nomes e os verbos. Isto implica dizer, por exemplo, que uma preposição é muito mais previsível, em termos de seu acontecimento no discurso, do que um nome, uma vez que a ocorrência deste é dependente do assunto, de

⁴ Segundo Miotto, Silva e Lopes (1999), carga semântica consiste em um predicado com capacidade de selecionar semanticamente seus argumentos.

condições socioculturais, etc. As preposições, por seu turno, estabelecem ligações e interdependência, inclusive do mundo extralinguístico.

De acordo com Pezatti e Camacho (2010), o estatuto gramatical ou lexical das categorias linguísticas também tem sido muito foco de discussão no arcabouço da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) recentemente.

Keizer (2007 *apud* PEZZATI; CAMACHO, 2010) postula que alguns itens, como as preposições, são mais difíceis de categorizar por não haver critérios que as definam claramente como itens lexicais ou gramaticais. De acordo com Bakker e Siewierska (2002 *apud* PEZZATI; CAMACHO, 2010), a distinção entre esses elementos é gradual e não discreta. Sendo assim, todas as preposições terão uma entrada no léxico que incluirá ou uma definição de significado (no caso de preposições lexicais) ou um predicado abstrato (no caso de preposições gramaticais).

Para Mackenzie (1992 *apud* PEZZATI; CAMACHO, 2010), com exceção das preposições *at*, *from*, *via*, *to*, *towards*, que devem ser tratadas como itens gramaticais por representarem, respectivamente, realizações das funções semânticas *Locação*, *Origem*, *Percurso*, *Alativo* e *Direção*, as demais preposições devem ser consideradas lexicais. Pérez Quintero (2004 *apud* PEZZATI; CAMACHO, 2010), por sua vez, defende que todas as preposições são itens lexicais. Embora admita o uso gramatical de certas preposições, acredita não haver razão para distinguir um conjunto de preposições gramaticais, como defende Mackenzie (1992).

Keizer (2004 *apud* PEZZATI; CAMACHO, 2010) é outro autor que, embora admita que algumas preposições do inglês, como *of* e *by*, possam ter um uso gramatical, postula que as preposições devam ser interpretadas como elementos lexicais. A autora ancora-se na primazia de que a maioria das preposições apresenta algum grau de conteúdo semântico, bem como compartilha diversas propriedades sintáticas e morfológicas com nomes, verbos e adjetivos. Segundo Keizer (2004), é necessário dispormos de um sistema que seja flexível. Nesse

sentido, a GDF mostra-se suficientemente flexível ao permitir que predicados combinem com mais de um esquema.

Pezatti e Camacho (2010) analisam a adequação dessas propostas no que diz respeito à categorização das preposições *sobre* e *sob*. A hipótese apresentada pelos autores é a de que, em português, algumas preposições constituem predicados monovalentes, enquanto outras funcionam como marcadores de funções semânticas. Estas poderiam ser categorizadas como itens gramaticais, enquanto que aquelas como tens lexicais.

A fim de sistematizar os resultados obtidos sobre a categorização das preposições *sobre* e *sob*, Pezatti e Camacho (2010) compararam dois conjuntos de preposições: (i) um composto por essas preposições; e (iii) outro pelas preposições *a*, *de*, *para* e *com*. Retomamos, a seguir, os quadros apresentados pelos autores a respeito das considerações obtidas da aplicação dos critérios utilizados.

Quadro 1. Aplicação dos fatores às preposições lexicais⁵

Níveis Fatores	Interpessoal	Representacional		Morfofossintático		Fonológico	
	Atrib.	Especif.	Dep. Cont	Coocor.	Obrigat.	Redução	Fusão
<i>Sob</i>	+	+	-	+	-	-	-
<i>Sobre</i>	+	+	-	+	-	-	-

Fonte: elaboração própria

Quadro 2. Aplicação dos fatores às preposições gramaticais

Níveis Fatores	Interpessoal	Representacional		Morfofossintático		Fonológico	
	Atrib.	Especif.	Dep. Cont	Coocor.	Obrigat.	Redução	Fusão
<i>a</i>	-	-	+/-	-	+	-	+
<i>para</i>	-	-	+/-	+	+	+	+
<i>de</i>	-	-	+/-	+	+	-	+
<i>com</i>	-	-	+/-	+	+	-	+
<i>por</i>	-	-	+/-	+	+	-	+

Fonte: elaboração própria

⁵ As abreviaturas correspondem: Atrib.: subato atributivo; Especif.: especificidade; Dep. Cont.: dependência contextual; Coocor.:co-ocorrência; Obrigat.: obrigatoriedade.

No que diz respeito às preposições *sob* e *sobre*, os autores afirmam que ocorrem no Nível Interpessoal e, por constituírem subatos de atribuição e serem condicionadas aos objetivos almejados pelo falante, são interpretadas como lexicais. As preposições *a*, *para*, *de*, *com* e *por*, por sua vez, ocorrem nos Níveis Morfossintático e Representacional e, por serem previsíveis quanto ao seu uso, visto que são requeridas pelo item lexical que as rege, constituem itens gramaticais.

No arcabouço da Fonologia Prosódica poderíamos postular que há outro critério influenciando a categorização dessas preposições em lexicais e gramaticais. As primeiras, em termos de acento de palavra, são definidas como palavras fonológicas. Já as demais, como apresentaremos ao longo desta pesquisa, são itens átonos que apresentam, frequentemente, um comportamento de clíticos prosódicos.

1.2. Os clíticos fonológicos: um breve panorama

Os clíticos compreendem palavras funcionais, como preposições, pronomes átonos, artigos, conjunções e, apesar de serem o foco de muitas investigações em diferentes línguas, são itens difíceis de classificar, sobretudo, no que concerne ao seu estatuto prosódico. Enquanto as palavras lexicais, como verbos e nomes, são sempre palavras fonológicas (ωs), por receberem acento de palavra, as palavras funcionais apresentam um padrão variável entre as línguas, podendo ser interpretadas de diversas maneiras.

A propósito dos diferentes comportamentos das palavras no enunciado, vale a pena retomar a classificação dos vocábulos proposta por Camara Jr. (1967) como: (i) *forma presa*;

(ii) *forma dependente*; e (iii) *forma livre*. A *forma presa* só aparece ligada a outra e é por ela condicionada, enquanto que a *forma dependente* nunca aparece isolada, mas entre ela e a sua condicionante se intercalam livremente outras formas, podendo aparecer ligada a outra que não é aquela que a condiciona. A *forma livre*, diferentemente das demais, pode ocorrer isoladamente sem a dependência de outras formas. Dessa distinção, interessa-nos o conceito de forma dependente que:

não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não é presa, porque é suscetível de duas possibilidades para se disjuntir da forma livre a que se acha ligada. (CAMARA JR., 1969, p. 37)

As preposições são, segundo Camara Jr. (1977), consideradas formas dependentes, uma vez que apresentam uma autonomia intermediária, ou seja, não são completamente livres nem completamente presas.

No caminho proposto por Camara Jr. (1970), cabe salientar as afirmações de Cook e Newson (1996) acerca das palavras funcionais. Segundo os autores, as palavras lexicais são definidas pelos seguintes traços: (i) são núcleos de classes abertas; (ii) são fonologicamente independentes; (iii) são potencialmente acentuadas; (iv) têm um ou mais complementos; (v) possuem um complemento separável; (vi) apresentam um conteúdo descritivo, ligadas ao mundo extralinguístico; e (vii) não têm traços gramaticais. Por outro lado, as palavras funcionais são definidas como: (i) núcleos de classes fechadas; (ii) fonologicamente dependentes; (iii) normalmente não acentuadas; (iv) têm um único complemento, (v) não tem um argumento e o complemento é inseparável; (vi) não têm conteúdo descritível; e (vii) têm traços gramaticais.

De acordo com Miotto et al (2004), preposições, artigos, conjunções, e pronomes pertencem à classe fechada ou categoria funcional, haja vista que, por não derivarem de um radical, não possibilitam a criação de novas categorias pelos falantes, tais como a verbal e a nominal.

Dentre os trabalhos que tratam da diferença entre clíticos e palavras de conteúdo, diferenciando-os, destacamos o trabalho de Mascaró (2002). Segundo o autor, os clíticos, inserem-se entre a palavra e o morfema. Para o autor, um clítico é uma forma átona, formado por um morfema ou por um conjunto de morfemas, e aparece ligado a outra palavra. De acordo com Zwicky (1985), outro autor que diferencia os clíticos dos itens lexicais, os clíticos assemelham-se a afixos, por serem unidades dependentes fonologicamente e não poderem ocorrer isoladamente em uma estrutura argumentativa. Diferentemente da proposta desse autor, Vigário (2001) afirma que os clíticos não se assemelham a afixos, uma vez que: (a) não afetam a mudança do acento de uma palavra fonológica, (b) não se submetem às regras aplicadas apenas a afixos, e (c) podem ser manipulados por operações sintáticas.

No que diz respeito à definição do elemento clítico, Nespor e Vogel (1986), retomando a tradição da teoria fonológica, afirmam que os clíticos são definidos ou como pertencentes à palavra fonológica, caso em que são considerados semelhantes aos afixos, ou como pertencentes à frase fonológica, caso em que são considerados semelhantes às palavras independentes. Para as autoras, os clíticos são dependentes fonologicamente, por isso, embora sejam semelhantes à palavra, não podem ser definidos como tal, uma vez que não podem se estabelecer por si mesmos no discurso. Nespor e Vogel (1986) destacam, ainda, que esses itens nem sempre se enquadram nas definições propostas pela teoria fonológica, uma vez que seu comportamento fonológico é, muitas vezes, diferente dos afixos, bem como das palavras independentes. Ou seja, existem processos fonológicos que são característicos apenas do grupo composto por uma palavra mais um ou mais clítico(s).

Quanto à possibilidade de as palavras funcionais, como os clíticos preposicionais em estudo, serem prosodizadas como palavras fonológicas independentes, Selkirk (1995) afirma, para as palavras funcionais do inglês, que há três situações em que recebem o acento tonal: (i) quando pronunciadas isoladamente; (ii) em posição final de sintagma; e (iii) quando são

focalizadas. Para dados do PE, Vigário (1999) postula que somente os complementizadores podem ocorrer como palavras fonológicas, visto que, quando em posição final de sintagma entoacional,⁶ recebem a proeminência (acento) desse domínio. Nos demais casos, por serem prosodicamente fracas, as palavras funcionais são formas consideradas clíticas.

Podemos observar algumas semelhanças no que concerne às palavras funcionais monossilábicas do PB. Por não formarem um pé,⁷ não recebem o acento primário, o que impossibilita que sejam prosodizadas como palavras fonológicas independentes. Entretanto, cabe salientar que, embora algumas palavras funcionais dissilábicas recebam acento lexical, tornam-se facilmente cliticizáveis. A exemplo disso, temos a preposição *para*, que pode não ser prosodizada como uma palavra fonológica independente, por sofrer o processo de redução na sílaba candidata a receber acento primário. O fato de esse item sofrer um processo fonológico característico de sílabas átonas evidencia que tal sílaba não porta acento lexical.

De modo geral, verificamos, no PB, que as palavras funcionais monossilábicas são palavras átonas e, por conseguinte, prosodizadas como clíticas. Por outro lado, as palavras lexicais são portadoras de acento primário e prosodizadas como palavras fonológicas independentes, a menos que não sofram processos fonológicos característicos de sílabas átonas.

Definido o objeto a ser investigado neste trabalho como elementos clíticos que funcionam sintaticamente como preposições, na subseção seguinte, passamos a tratar do estatuto prosódico dos clíticos no PB e em outras línguas.

⁶ Nespó e Vogel (1986) propõem sete domínios prosódicos hierarquicamente organizados – sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (ϕ), frase entoacional (I) e enunciado fonológico (U). Portanto, o sintagma entoacional constitui um dos níveis da hierarquia prosódica (área da fonologia que analisa processos fonológicos suprasegmentais, isto é, que sejam maiores do que o segmento).

⁷ De acordo com Cristófaró-Silva (2011), o pé métrico consiste na unidade rítmica com um nó dominante e um recessivo que compõem a organização fonológica do acento. São formados nas projeções dos núcleos que constituem as sílabas.

1.3. O *status* dos clíticos na teoria prosódica

Os clíticos, em função de sua natureza complexa, apresentam diversas maneiras de apoiar-se sintática e fonologicamente. Na literatura fonológica, há muitos estudos que discutem a prosodização desses elementos e, sobretudo, a existência do grupo clítico como um constituinte prosódico.

No que concerne à definição do *status* prosódico dos clíticos, como ressaltamos, esta pesquisa assume o modelo da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986), por ter sido observado, durante a descrição e análise dos dados, que as preposições em estudo aparecem constantemente ancoradas a uma palavra fonológica, fato que é evidenciado por meio da aplicação dos processos de sândi vocálico externo *degeminação*, *ditongação* e *elisão*.

O modelo teórico proposto pelas autoras propõe a existência de constituintes prosódicos, hierarquicamente, relacionados. Esse conceito permite estabelecer padrões prosódicos das línguas, bem como, compará-las e analisá-las. Nesse estudo, as autoras postulam que os traços prosódicos agrupam os segmentos nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico da língua. As pesquisadoras propõem, ainda, a elaboração de domínios prosódicos com *base em relações (relation-based)* e afirmam que os constituintes prosódicos estão distribuídos em sete categorias e/ou domínios, hierarquicamente, agrupados, a saber: sílaba (σ), pé (Σ), palavra fonológica (ω), grupo clítico (C), frase fonológica (ϕ), frase entoacional (I) e enunciado fonológico (U).

Nespor e Vogel (1986) propõem uma interação, na organização prosódica, entre aspectos fonológicos e de outros subsistemas gramaticais, ou seja, o morfológico, o sintático e o semântico. Além disso, consideram o subcomponente prosódico da Fonologia como uma estrutura hierarquicamente organizada. Essa proposição se contrapõe aos estudos gerativos

clássicos, segundo os quais a fonologia é caracterizada como um componente autônomo e, por conseguinte, sem vínculo com outros constituintes da gramática, limitando-se à função interpretativa do componente sintático e, como tal, sujeita a possíveis regras de reajuste. Além disso, a disposição dos segmentos obedece a uma organização linear.

Já no modelo prosódico de Nespore e Vogel (1986), os constituintes prosódicos são fragmentos mentais, distribuídos hierarquicamente, com base nos quais se aplicam regras fonológicas específicas. Cada um desses constituintes oferece diferentes tipos de informação fonológica para a sua definição e não apresenta, necessariamente, isomorfia com os constituintes sintáticos, morfológicos, fonológicos e semânticos.

Os constituintes prosódicos contam com informações fonológicas e não-fonológicas para sua definição de domínio.⁸ Entretanto, não estabelecem, necessariamente, uma relação de isomorfia entre as informações fonológicas e as não-fonológicas. Em outros termos, os componentes prosódicos baseiam-se, em alguma medida, em informações de outros componentes da gramática – os morfológicos, os sintáticos e os semânticos – sem que haja, no entanto, uma relação de espelhamento com esses componentes.

Essa relação de espelhamento entre domínios prosódicos e constituintes da gramática é impossibilitada devido à diferença entre suas naturezas. Por exemplo, enquanto o constituinte sintático é definido como uma estrutura recursiva, de extensão infinita, o constituinte prosódico é não-recursivo, limitado até mesmo por questões fisiológicas.

Nespore e Vogel (1986) afirmam, ainda, que as relações entre os níveis da hierarquia prosódica e os outros componentes da gramática são limitadas, uma vez que a escolha da informação morfológica, sintática e semântica para o mapeamento de regras é condicionada.

⁸ De acordo com Cristóvão-Silva (2011), caracteriza-se por ser um espaço de extensão e de natureza variadas, em cujos limites encontram-se o contexto para a aplicação de fenômenos gramaticais que, geralmente, contém dois ou mais constituintes, os quais estabelecem entre si relações do tipo dominante (cabeça) e de dominado. Por exemplo, domínios de aplicação de processos fonológicos a sílaba, o pé, a palavra fonológica ou qualquer escopo que seja definido para a descrição de análise.

Dessa forma, os constituintes mais baixos da hierarquia prosódica fazem uso de informações morfossintáticas para sua construção, enquanto os mais altos fazem uso também de informações semânticas.

Os constituintes prosódicos da hierarquia são definidos com base em regras que projetam informações de vários componentes da gramática. Segundo Nespor e Vogel (1986), os princípios que governam essa hierarquia são os seguintes:

- (a) “um dado nó terminal da hierarquia prosódica, X_p , é composto de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X_{p-1} ”;
- (b) “cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte”;
- (c) “os constituintes são estruturas n-árias”;
- (d) “a relação de proeminência relativa que se estabelece entre nós irmãos é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (ω)”.⁹

Quanto à formalização dos sete constituintes prosódicos, damos destaque somente aos que interessam a este trabalho, a saber: a sílaba, o pé, a palavra fonológica e, sobretudo, o grupo clítico. Isso porque são domínios importantes para a definição do estatuto prosódico das preposições aqui enfocadas.

- (i) a sílaba compõe a menor unidade prosódica. Ela possui, assim como os demais constituintes prosódicos, uma cabeça (nó com valor forte), que, no PB, é sempre

⁹ Trechos originais: “a given nonterminal unit of the prosodic hierarchy, X_p , is composed of one or more units of the immediately lower category X_{p-1} .”; “A unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part.”; “The hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching.”; “The relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w).” (NESPOR e VOGEL, 1986, p. 7).

uma vogal, e, seus dominados (nós com valor fraco), que, em PB, podem ser consoantes ou glides. Desse modo, em *muro*, na primeira sílaba, *mu*, o nó com valor forte é [u] e o nó com valor fraco é [m]. De acordo com o modelo prosódico proposto por Nespor e Vogel (1986), as sílabas são agrupadas em pés e não diretamente em palavras fonológicas. Por isso, o domínio da sílaba é a palavra fonológica, embora intermediada pelo pé;

(ii) o pé métrico (Σ) é uma estrutura hierárquica que se define pela relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas. Pode ser menor ou igual à palavra. No modelo prosódico de Nespor e Vogel (1986), apresenta uma estrutura forte ou fraca em relação a outros pés. Para a palavra *café*, temos, por exemplo, um pé binário¹⁰ em que à primeira sílaba se atribui o valor fraco e à segunda o valor forte;

(iii) a palavra fonológica é a categoria que imediatamente domina o pé, isto é, existe uma relação de proeminência entre as sílabas que a compõem, em que apenas uma delas pode receber o acento primário. Esta é considerada forte enquanto as demais fracas. É definida, portanto, por ser acentuada. Caracteriza-se, também, por ser o constituinte que representa a interação entre os componentes fonológico e morfológico da gramática. Cabe salientar, novamente, que não há, necessariamente, isomorfia entre a palavra fonológica e a palavra morfológica. Assim, a palavra morfológica *couve-flor* corresponde a duas palavras fonológicas, ([couve]_o [flor]_o)w;

¹⁰ É constituído de um par de constituintes métricos. A relação entre esses constituintes pode ser do tipo: (i) forte-fraco, quando caracterizam um pé troqueu; (ii) fraco-forte, quando é formado um pé iambo. Cabe enfatizar, ainda, que algumas correntes dentro da fonologia que propõem a existência de um pé ternário, isto é, formado por três constituintes, os quais estabelecem uma relação de forte-fraco-fraco, os denominados pés datílicos.

(iv) o grupo clítico é definido como uma unidade prosódica, que segue imediatamente a palavra fonológica ou prosódica, constituída por um ou mais clíticos e por uma palavra fonológica, definida como seu hospedeiro. A sequência *com você* constituir-se-ia como um grupo clítico, ([com]_{cl} [você]_ω) C.

Bisol (2005) afirma que os clíticos são palavras funcionais que não pertencem a uma classe morfológica específica. A autora ressalta que, devido ao seu caráter átono, os clíticos apóiam-se no acento de uma palavra vizinha. Nesse caso, as palavras funcionais clíticas são integradas na estrutura prosódica do PB junto a uma palavra fonológica pronta, formando um constituinte prosódico, o C ou palavra prosódica pós-lexical.

Para a autora, os clíticos são difíceis de classificar, uma vez que se distinguem: (i) da palavra lexical, por não receberem acento primário; e (ii) dos afixos, por serem formas com uma independência intermediária, como é o caso dos clíticos pronominais, os quais podem estar enclíticos ou proclíticos em relação ao verbo, como em *ajuda-me* e *me ajuda*. Distinguem-se também dos prefixos, pois estes integram uma ω e estão sujeitos a regras pertencentes ao domínio lexical. Os clíticos, por sua vez, adjungem-se à palavra fonológica sem integrá-la e estão sujeitos somente a regras pós-lexicais. Também são mais livres em relação ao hospedeiro do que o prefixo em relação à base.

Segundo a autora, em decorrência de o clítico só adquirir estatuto prosódico no nível pós-lexical da língua, está exposto às regras fonológicas características desse nível, a saber:

1. *A neutralização das átonas;*
2. *A nasalização;*
3. *O vozeamento da fricativa;*

4. A *palatalização* de /t/ e /d/;
5. A *elisão* da vogal /a/;
6. A *elisão* da vogal média anterior /e/.

Quanto à regra *neutralização da átona*, por ser variável, é considerada de caráter pós-lexical. Em muitos dialetos do PB, converte as vogais médias finais /e, o/ em altas [i, u]. Atinge tanto as palavras funcionais quanto palavras lexicais, como em *d[u]menin[u]*.

No que diz respeito à *nasalização da vogal*, é também considerada de natureza pós-lexical. Essa regra pode ser observada afetando tanto os clíticos, como *em, com*, quanto as palavras fonológicas, como *fenda, som*. A nasalização pode ou não ser morfêmica, como em *falam* (a nasal indica morfema de 3ª pessoa plural) e *fenda*, o que indica que o traço de nasalidade ignora a informação morfológica disponível no nível lexical.

O *vozeamento da fricativa* se caracteriza por se aplicar dentro de palavras, como em *pa[z]ma*, e entre palavras, o que pode ser observado em *o[z]alunos*. Nota-se que o vozeamento afeta a fricativa quer essa seja morfema (como o morfema de plural, no exemplo anterior, de caráter variável), quer não seja (como no primeiro exemplo, de caráter categórico).

De acordo com a autora, a *palatalização* de /t/ e /d/ diante da vogal alta /i/ pode ocorrer tanto no nível lexical da língua, como em *t[ji]a, [dʒi]a*, quanto no pós-lexical, como em *[tʃi]falei* e *[dʒi]você*.

As regras de sândi vocálico externo *degeminação, ditongação* e *elisão* são, de acordo com Bisol (2005), por definição, pós-lexicais. Entretanto, enquanto a *degeminação* e a *ditongação* podem ocorrer dentro de uma palavra e entre palavras, a *elisão* ocorre somente entre palavras.

Segundo a autora, a regra da *elisão* pode ser bloqueada: (i) dentro de uma palavra fonológica, pois produziria estruturas malformadas, como em *maometano* ~ **mometano*; (ii) em monomorfemas,¹¹ como em *na olaria* ~ **n[o]laria*, pois a palavra funcional perde informações gramaticais importantes; e (iii) em contextos em que a segunda vogal da sequência é acentuada. Para Bisol (2005), o fato de haver o bloqueio da *elisão* no interior de palavra pode ser uma evidência de que o clítico e seu hospedeiro não constituem uma única palavra fonológica, mas um grupo clítico. Esse argumento será explorado na análise da prosodização das preposições em estudo nesta pesquisa.

Ainda considerando as afirmações de Bisol (2005), o apagamento da vogal /e/ consistiria em um argumento favorável à existência do grupo clítico, uma vez que sua ocorrência se restringiria a esse domínio. Para a autora, teríamos outra evidência da constituição do C no PB no que diz respeito à redução silábica da preposição *para* ~ *pra* ~ *pa*. Esse fato confirmaria o caráter cliticizável desse item, visto que a redução na palavra lexical pode ocorrer apenas em sílaba desacentuada.

A partir dos argumentos supramencionados, Bisol (2005) postula que o C é: (i) o domínio específico para a aplicação da regra de *elisão* da vogal média alta anterior no fim de palavra; (ii) o preservador da vogal média de palavras, como a preposição *de*; (iii) o menor domínio para a aplicação da regra de *elisão* da vogal /a/; e (iv) o contexto para o surgimento de variantes da preposição *para*. Desse modo, teríamos um forte indício da constituição do grupo clítico no PB.

Da definição do *status* prosódico dos clíticos em dados do PB, destacamos, ainda, o trabalho realizado por Brisolara (2008) sobre a análise dos clíticos pronominais em uma variedade gaúcha. A autora, que diverge da proposta de Bisol (2005), defende que o C não deve ser considerado um constituinte prosódico. Para Brisolara (2008), o clítico e seu

¹¹ De acordo com Cristófar-Silva (2011), trata-se da unidade representacional do nível morfofonológico, como o monomorfema [-eS] para as formas regulares de plural do português.

hospedeiro formam uma palavra fonológica pós-lexical, o que fora observado por Vigário (2001), para o PE. A proposta da autora se ancora na de Selkirk (1986), segunda a qual, como o clítico é invisível a regras derivadas dos domínios prosódicos, constitui-se com o seu hospedeiro uma palavra fonológica.

Na busca por definição do *status* prosódico dos clíticos do Português, Vigário (2001) faz uma análise prosódica desses elementos no PE, na variedade de Lisboa. A autora acredita que grande parte dos casos que evidencia a existência do C pode ser reinterpretada. Para ela, embora os clíticos precisem estar ligados a categorias prosódicas, tais elementos não formam um domínio específico, o grupo clítico, podendo ser interpretados como pertencentes a ω , a ϕ ou a *I*.

Outra pesquisadora que aponta fortes evidências de C não estar inserido na escala prosódica é Peperkamp (1997). Para ela, a inserção do C na hierarquia prosódica é problemática, por violar princípios, como a *Hipótese da Camada Estrita (Strict Layer Hypothesis)*, de acordo com a qual cada constituinte deve dominar, na hierarquia prosódica, a unidade imediatamente mais baixa. No caso dos clíticos, ao se unirem a ω no C, formam palavras prosódicas independentes.

Segundo Peperkamp (1997), os clíticos, diferentemente das palavras lexicais, podem ser menores que um pé e, por isso, não são acentuados. De modo geral, esses elementos não se enquadram na exigência mínima imposta às palavras fonológicas em muitas línguas. No inglês, por exemplo, as palavras lexicais constituem minimamente um pé bimoraico, enquanto que as palavras funcionais são monomoraicas.¹² A autora destaca, ainda, que os clíticos não devem ser classificados como palavras fonológicas em decorrência das restrições fonotáticas relativas às palavras. A não obediência a essas restrições por parte dos clíticos pode ser

¹² De acordo com McCarthy e Prince (1993), segunda a hierarquia prosódica, qualquer exemplo da categoria palavra prosódica deve conter, pelo menos, dois pés. Pela binariedade do pé, todo pé deve ser bimoraico ou dissilábico. Portanto, por transitividade, a palavra prosódica deve conter pelo menos duas moras ou sílabas.

tomada como um indício de os clíticos não formarem ω s. Para Peperkamp (1997), os clíticos poderiam ser considerados sílabas vazias que se unem ao seu hospedeiro, uma palavra fonológica, num C. Entretanto, esse fato violaria a *Hipótese da Camada Estrita*.

Outra evidência apresentada pela autora consiste no fato de pode haver, diante de determinadas regras, assimetria entre proclíticos e enclíticos no inglês, no alemão e no italiano. De acordo com Hayes (1989), o apagamento de /v/ final antes de palavra iniciada por consoante, como em *a piece* [ə paɪ] (*a piece of pie*), [limi] *alone* (*live me alone*), evidencia a existência de C, visto que os dois elementos formam a sequência *clítico-hospedeiro* ou *hospedeiro-clítico*. Entretanto, para Peperkamp (1997), é possível explicar essa regra sem postular a existência do grupo clítico. Para tanto, primeiramente, é necessário distinguir próclise e ênclise, pois, em casos de próclise, o apagamento de /v/ pode ocorrer também diante de palavras iniciadas por vogal.

Peperkamp (1997) destaca o fato de que somente as formas reduzidas de *of* e *have* submetem-se ao apagamento em contextos de próclise. Segundo a autora, esses casos podem ser definidos como um alomorfismo frasal, isto é, esses elementos clíticos são marcados por terem um /v/ sem alomorfe, o qual é inserido opcionalmente diante de outra palavra, independentemente de ser iniciada por vogal ou consoante. Com isso, a autora propõe que o alomorfismo frasal não tem como domínio o grupo clítico, mas a frase fonológica. De acordo com a Peperkamp (1997), não existe uma regra que apague determinadas formas diante de próclise e ênclise. Há, somente, alomorfes registrados no léxico. O apagamento ocorreria somente com poucos verbos, como *leave*, *give*, *forgive*, diante de formas reduzidas iniciadas por consoante, como *me* e *them*.

Hayes (1989) apresenta outra evidência da necessidade de C na hierarquia prosódica com base na regra de palatalização de /s/ e /z/ diante de [j] e [ʒ]. Essa regra seria muito frequente, mas não obrigatória; podendo ocorrer entre palavras não clíticas, entre um clítico e

uma palavra não denominada seu hospedeiro, em situações de fala rápida ou descuidada. Para Peperkamp (1997), haveria a necessidade de distinguir próclise e ênclise também nesse contexto. É preciso assumir que existe uma simetria entre elas, caso se assuma uma abordagem que necessita de C. No entanto, como a *palatalização* apresenta comportamento assimétrico, a autora propõe que essa regra é facultativa e tem como domínio é a frase entonacional.

Nespor e Vogel (1986) postulam que a nasal final de um clítico é apagada obrigatoriamente diante de um hospedeiro que inicie por fricativa. Para as autoras, esse apagamento se caracteriza por ser uma regra de juntura que traz fortes evidências da necessidade de C na hierarquia prosódica. Nespor e Vogel (1986) afirmam que o fato de uma regra ser opcional em um domínio menor e obrigatória em um domínio maior contradiz o princípio geral da fonologia prosódica, que pressupõe a aplicação de regras obrigatoriamente em um domínio menor e opcionalmente em um domínio maior. Para Peperkamp (1997), essa regra não precisa fazer referência a C, se considerarmos esse fato, mais uma vez, como alomorfismo.

Por fim, outro problema apontado pela autora, no que diz respeito à consideração de C como um constituinte prosódico, decorreria da universalidade da hierarquia prosódica. Peperkamp (1997) destaca que o hospedeiro a que o clítico se anexa não é o mesmo para todas as línguas. No caso do PE, os clíticos têm, geralmente, a ω como hospedeiro. O mesmo não é observado em línguas como o Hausa, em que o hospedeiro é uma ϕ , e o Bantu, em que o hospedeiro é uma I . Tendo em vista esses argumentos, Peperkamp (1997), acredita que o C não pode ser incluído na hierarquia prosódica como um constituinte.

1.4. Resumo

No início desta seção, é apresentada a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa. De modo geral, primeiramente, traçamos o percurso realizado pelas preposições na transição do latim para o português. Em seguida, procuramos categorizá-las quanto as suas aceções sintática e semântica. Para tanto, retomamos ao modo como são abordadas dentro do arcabouço teórico das gramáticas gerativa e discursivo-funcional.

Na segunda subseção, são enfatizadas as discussões sobre o comportamento prosódico das preposições enquanto elementos clíticos. Nesse momento, observamos que esses itens, assim como as preposições, possuem uma natureza complexa, o que gera impasses quanto a sua categorização.

Em 1.3., é discutido o estatuto prosódico dos clíticos na teoria prosódica e é apresentado o modelo teórico seguido nesta pesquisa. Por fim, em meio às propostas antagônicas existentes dentro desse aparato teórico, observamos a complexa maneira como a prosodização dos clíticos pode ser interpretada.

SEÇÃO 2

MATERIAL E METODOLOGIA

Nesta seção, tratamos do *cópus* e dos aspectos metodológicos adotados nesta pesquisa. No que concerne a sua organização, temos: (i) em 2.1., a apresentação do objeto investigado, bem como os critérios para a sua classificação; (ii) em 2.2., informações sobre o banco de dados IBORUNA, do qual o nosso *cópus* foi selecionado; (iii) em 2.3., a descrição da subamostra utilizada como material de pesquisa; (iv) em 2.4., principais aspectos metodológicos de quantificação e análise dos dados; (v) em 2.5., são apresentadas as variáveis consideradas nesta pesquisa para a descrição prosódica das preposições *a, de, por, com, em, do(s), da(s), no(s), na(s), ao(s), à(s) e p(ar)a* na variedade em estudo. Por fim, em 2.6., são retomados os principais aspectos abordados nesta seção.

2.1. O objeto de investigação

O primeiro passo metodológico desta pesquisa foi a seleção do fenômeno a ser investigado. Como ressaltado nas seções anteriores desta dissertação, optamos por selecionar as formas que podem se estabelecer no discurso como preposições. Dos itens pertencentes a essa classe gramatical, selecionamos os que podem ser, também, considerados clíticos prosódicos no Português Europeu (PE). Com isso, pretendemos verificar se as preposições selecionadas também apresentam, na variedade do Noroeste Paulista, um comportamento cliticizável. Para tanto, reportamo-nos ao trabalho de Vigário (2001), que fez uma classificação dos clíticos do PE com base em critérios morfossintáticos. Dos elementos

clíticos apresentados pela autora (cf. Quadro 3), elegemos, para estudo, os classificados como monossílabos, a saber: *a, de, por, com, em, do(s), da(s), no(s), na(s), ao(s), à(s)*. Também consideraremos um clítico dissilábico *para*, por esse poder se reduzir a um clítico monossilábico, *pra ~ pa*. Vejamos, no quadro, a seguir, a categorização proposta por Vigário (2001), a qual nos permitiu recortar um conjunto de elementos com mesma função sintática: as preposições seguidas ou não de artigos definidos.

Quadro 3. Elementos clíticos do Português Europeu segundo Vigário (2001)

Clíticos monossilábicos		Clíticos dissilábicos	
a, de, por, com, em	Preposições	Para	Preposição, conjunção
o(s), a(s)	artigos definidos	pelo(s)/a(s)	Preposição+artigo definido
me, te, se, lhe(s), nos, vos, o(s), a(s)	pronomes pessoais	Cada	quantificador, pronome
e, mas, ou	Conjunções	Porque	pronome relativo interrogativo, complemento
que, se, de, em, por, a	complementizadores		
Que	Pronome relativo/interrogativo		
do(s)/da(s),no(s)/na(s), ao(s)/à(s)	preposições+artigos definidos		

Fonte: Vigário (2001)

Apresentado o objeto de investigação, passemos, na subseção, a seguir, a tratar do segundo passo metodológico desta pesquisa: a seleção do banco de dados utilizado, bem como da comunidade de fala considerada.

2.2. Material de investigação: o banco de dados IBORUNA

O *cópus* desta pesquisa é composto por ocorrências das preposições *a, de, por, com, em, do(s), da(s), no(s), na(s), ao(s), à(s) e p(ar)a* em inquéritos de fala representativos da variedade de São José do Rio Preto, Noroeste Paulista,¹³ extraídos da amostra censo do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto *Amostra Linguística do Interior Paulista – ALIP* (Proc. FAPESP 03/08058-6), realizado no IBILCE/UNESP, sob a coordenação do professor Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. Esse banco de dados, disponível em www.iboruna.ibilce.unesp.br, é composto de dois tipos de amostra de fala: Amostra Censo (AC), que reúne 152 amostras de fala controladas sociolinguisticamente, e Amostra de Interação Dialógica (AI), que reúne amostras de fala coletadas secretamente em situações livres de interação social. Para esta pesquisa, foram utilizados apenas inquéritos da Amostra Censo. As amostras censo são provenientes do município São José do Rio Preto, e dos demais seis municípios circunvizinhos.

Os informantes selecionados na composição do banco de dados foram estratificados de acordo com as seguintes variáveis sociais: (i) sexo/gênero (masculino/feminino); (ii) faixa etária (de 7 a 15 anos; de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos; de 36 a 55 anos; mais de 55 anos); (iii) nível de escolaridade (1º Ciclo do Ensino Fundamental; 2º Ciclo de Ensino Fundamental; Ensino Médio; Ensino Superior); e (iv) renda familiar (mais de 25 salários mínimos; de 11 a 24 salários mínimos; de 6 a 10 salários mínimos; até 5 salários mínimos). Cada informante produziu cinco tipos de texto oral: (i) Narrativa de Experiência (NE); (ii) Narrativa Recontada (NR); (iii) Descrição (DE); (iv) Relato de Procedimento (RP); e (v) Relato de Opinião (RO).

¹³ A cidade de São José do Rio Preto, com base nos dados do IBGE-2010 sobre as estimativas das populações residentes dos municípios dessa região administrativa, possui aproximadamente 408.435 mil habitantes. A população riopretense é predominantemente urbana, apenas 5% dela reside na zona rural. No que concerne à economia do município, é baseada no comércio, na prestação de serviços, nas diversas indústrias e na agropecuária.

Nesta pesquisa, desprezamos o tipo de texto como uma variável relevante para a descrição prosódica pretendida, haja vista que nossa premissa é que as ocorrências das preposições *a*, *de*, *por*, *com*, *em*, *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *ao(s)*, *à(s)* e *p(a)ra* não estão relacionadas aos tipos de textos que constituem as amostras.

Desprezamos também as variáveis sociais, pois se pretende, com este trabalho, fazer uma descrição estritamente prosódica do fenômeno investigado.¹⁴

Há, também, no banco de dados IBORUNA, arquivos com transcrições ortográficas de todas as entrevistas. Para a elaboração dessas transcrições, o coordenador do projeto com a colaboração da professora Dra. Luciani Ester Tenani, pautados por normas de anotação de *cópus* já conhecidas, como a do projeto NURC, elaboram um Manual do Sistema de Transcrição. Cabe enfatizar que essas transcrições não trazem notações da ocorrência de processos fonológicos na fala dos informantes. Para tanto, foi necessário definir uma metodologia para a análise fonético-fonológica dos dados, que é explicitada na seção 2.3.

2.3. Composição do *cópus*

Para a constituição da amostra que compõe esta pesquisa, optamos pela seleção de 32 entrevistas do Banco de Dados IBORUNA. Os informantes foram selecionados de acordo com o respectivo perfil social, para que a amostra contivesse um certo grau de representatividade do *corpus* IBORUNA como um todo. Os informantes foram selecionados e estratificados de acordo com as seguintes variáveis extralinguísticas: 04 níveis de escolaridade distintos (1º Ciclo do Ensino Fundamental, 2º Ciclo de Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior); pertencentes a 04 faixas etárias diferentes (de 16 a 25 anos; de 26 a 35 anos;

¹⁴ Cabe destacar que, embora tenhamos desprezado, como recorte metodológico, um conjunto de variáveis sociais, poderemos selecioná-lo em trabalhos futuros sob o viés sociolinguístico.

de 36 a 55 anos; mais de 55 anos);¹⁵ e a 02 gêneros/sexos. No Quadro 4, apresentado a seguir, destacamos as amostras de fala selecionadas a partir das variáveis sociais que constituem o banco de dados IBORUNA.

Quadro 4. Distribuição e identificação dos informantes selecionados da Amostra Censo do Banco de Dados IBORUNA (variáveis sociais)

RENDA / GÊNERO		MAIS DE 25 SM		DE 11 A 24 SM		DE 6 A 10 SM		ATÉ 5 SM		SUB-TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
FAIXA ETÁRIA / ESCOLARIDADE		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM		
7 A 15 ANOS	1º.C EF	001	002	003	004	005	006	007	008	2	0
	2º.C EF	009	010	011	012	013	014	015	016	3	
	ENSINO M	017	018	019	020	021	022	023	024	3	
	SUPERIOR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
16 A 25 ANOS	1º.C EF	025	026	027	028	029	030	031	032	2	8
	2º.C EF	033	034	035	036	037	038	039	040	2	
	ENSINO M	041	042	043	044	045	046	047	048	2	
	SUPERIOR	049	050	051	052	053	054	055	056	2	
26 A 35 ANOS	1º.C EF	057	058	059	060	061	062	063	064	2	8
	2º.C EF	065	066	067	068	069	070	071	072	2	
	ENSINO M	073	074	075	076	077	078	079	080	2	
	SUPERIOR	081	082	083	084	085	086	087	088	2	
36 A 55 ANOS	1º.C EF	089	090	091	092	093	094	095	096	2	8
	2º.C EF	097	098	099	100	101	102	103	104	2	
	ENSINO M	105	106	107	108	109	110	111	112	2	
	SUPERIOR	113	114	115	116	117	118	119	120	2	
+ DE 55 ANOS	1º.C EF	121	122	123	124	125	126	127	128	2	8
	2º.C EF	129	130	131	132	133	134	135	136	2	
	ENSINO M	137	138	139	140	141	142	143	144	2	
	SUPERIOR	145	146	147	148	149	150	151	152	2	

O número em cada uma das células identifica o perfil social de um informante.

Traço, “—”, indica impossibilidade de informantes para aquela célula social.

Fonte: elaboração própria

¹⁵ A exclusão da *faixa etária* que compreende os informantes de 7 a 15 anos se deve ao fato de que, caso adotássemos uma análise de viés variacionista, não poderíamos fazer o cruzamento dessa variável extralinguística com a variável *grau de escolaridade* que compreende os informantes de nível superior de instrução. Também não consideramos a variável *renda familiar* para a seleção dos informantes que compõem nossa amostra por ter sido observado pelo coordenador do Projeto ALIP, ainda no decorrer da coleta de dados, que essa variável está co-determinada por outra, a escolaridade (GONÇALVES, 2007).

2.4. Procedimentos metodológicos de quantificação e análise fonológica dos dados

O quarto passo metodológico adotado nesta pesquisa foi a identificação e catalogação das preposições *a, de, por, com, em, do(s), da(s), no(s), na(s), ao(s), à(s)* e *p(ar)a* nas transcrições das amostras de fala. É importante observar que, na análise quantitativa e qualitativa, alguns contextos de investigação foram descartados, pelos motivos apresentados a seguir.

Em primeiro lugar, consideramos somente as situações de adjacência entre a preposição estudada e as palavras precedentes/seguíntes, e o conseqüente descarte das ocorrências em que houve algum tipo de “quebra” do contínuo fônico. A justificativa é a de que, nos contextos excluídos, haveria outros fatores prosódicos em jogo, como exemplificaremos no Quadro 5.

Dentre os fatores condicionantes, descartamos as ocorrências em que houve hesitação, ou seja, quando ocorreram as regras de alongamento, pausa e repetição. A justificativa dessa exclusão se pauta por trabalhos de natureza fonético-fonológicos, como o de Nascimento e Chacon (2006), sobre o fenômeno da hesitação.

De acordo com Nascimento e Chacon (2006), tradicionalmente, o processo de hesitação é visto em função de sua determinação multifatorial. Como fatores determinantes a sua ocorrência, poderíamos mencionar questões: emocionais e atividade reflexiva (memória) e articulatória (GOLDMAN-EISLER, 1956); cognitivas, formais e interacionais em Marcuschi (1999); interacionais, emocionais (*stress*) e de planejamento em (LEVIN; SILVERMAN, 1965); de planejamento e desempenho linguístico (SCLiar-CABRAL et al, 1994); como a própria realização motora da fala (RAGSDALE; SISTERHEN, 1984); como o aumento da demanda cognitiva (WILLIAMS; WOOD, 1967); que indicariam aspectos do controle mental

da fala e não teriam um funcionamento somente segmental (NOOTEBOOM, 1980); e como marcas das escolhas dos falantes (JERNUDD; THUAN, 1983).

De modo geral, as hesitações são vistas como descontinuidades linguísticas, analisadas prioritariamente em relação a aspectos formais e/ou funcionais da linguagem e não são problematizadas as relações entre (diferentes) funções e (diferentes) marcas de hesitação.

Além dessas semelhanças, os enfoques sobre o processo hesitativo tendem, ainda, a se aproximar por se centrarem na materialidade da linguagem, o que lhes permite concebê-lo como um produto dos esforços cognitivos de um sujeito pragmático. Os autores defendem a hipótese de que as hesitações não se reduziriam a marcas linguísticas, mas se caracterizariam como um processo (marcado linguisticamente) de natureza enunciativo-discursiva.

Para Authier-Revuz (1990), as hesitações são vistas como marcas de formulação (ou marcas de problemas de formulação) no texto oral, ou seja, são vistas como descontinuidades. Desse modo, é possível conceber esse processo como um tipo de marca da negociação do sujeito do discurso com os múltiplos outros constitutivos de sua produção discursiva.

Embora acreditemos que, como afirmam Authier-Revuz (1990) e Nascimento e Chacon (2006), as hesitações sejam muito frequentes no discurso oral, bem como constituam evidências do posicionamento do sujeito no discurso, reafirmamos que o processo hesitativo restringiria a possibilidade de ocorrência dos processos pós-lexicais de sândi vocálico externo, foco de análise neste trabalho. Esse fator nos motivou à exclusão de todos os dados em que as marcas linguísticas ocorreram nas amostras de fala.¹⁶

No Quadro 5, a seguir, há a apresentação das definições de marcas linguísticas da regra da hesitação, bem como os exemplos de suas ocorrências.

¹⁶ Cabe enfatizar que, embora não observemos tais fatores nesta pesquisa, poderão ser objetos de descrição e análise em oportunidades futuras.

Quadro 5. Descrição das marcas linguísticas de hesitação

Marcas linguísticas	Caracterizações	Exemplos
<i>Alongamento</i> da vogal da forma analisada	Corresponde às produções com duração aumentada de uma estrutura linguística durante a fala.	“pra dar paz po:: po Brasil:...” (AC-35; RO: L. 494)
<i>Pausa</i> na fronteira direita da forma sob análise	Possui uma determinada duração e são percebidas, auditivamente, como um silêncio.	“pegava po... médicos” (AC-102; NR: L. 128);
<i>Repetição</i> da forma em análise		“um traficante... começa dá(r) droga po po teu filho na escola” (AC-59; RO: L. 250)

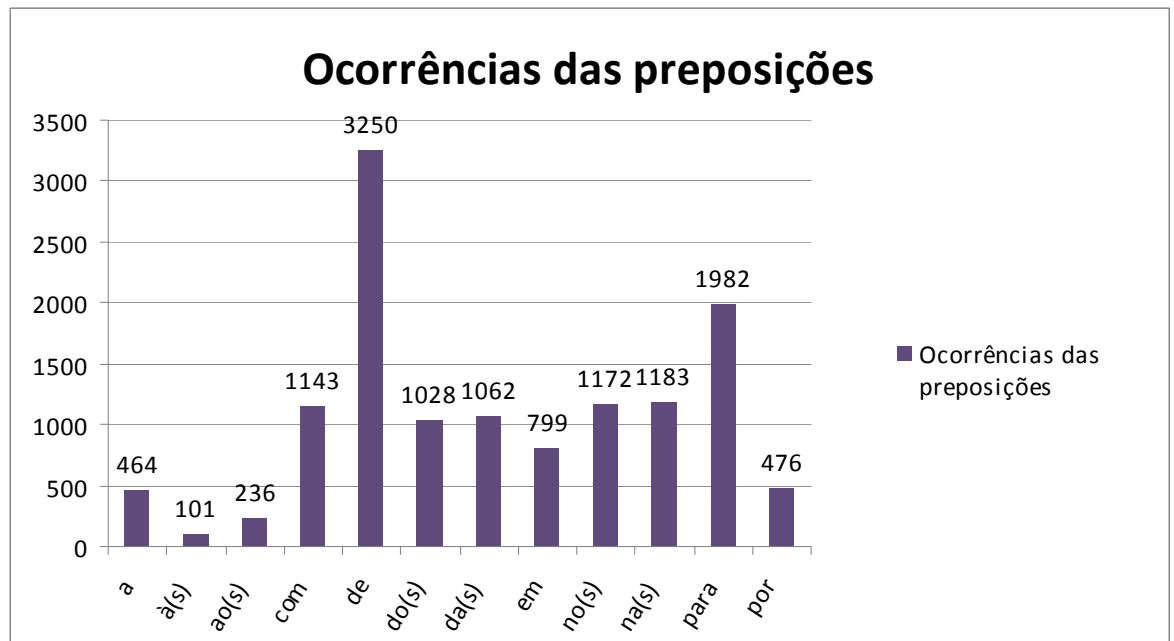
Fonte: elaboração própria

Excluídos os contextos em que cada ocorrência é seguida/precedida por hesitação, obtivemos os resultados expressos na Tabela 1 e no Gráfico 1, a seguir.

Tabela 1. Ocorrências das preposições

Preposições	Exemplos	Ocorrências	%
<i>a</i>	“cheguei na minha CAsa tomei BAnho me troQUEI... tal... e subi... subi a pé... né?”(AC-74; NE: L. 16-17)	464	03,60
<i>ao(s)</i>	“muitas vezes no término de uma CAMPANha política... que tá ligada ao momento de agora né?...” (AC-146; NE: L. 44-45)	236	01,83
<i>à(s)</i>	“minha mulher me revista dos pé à cabeça né?” (AC-89; NR: L. 49-50)	101	00,78
<i>com</i>	“essa história... NÃO FOI contada pra mim... pelo contrário eu vivi... e SOFRI com a história de Mirassol...” (AC-151; NE: L. 49-50)	1143	08,86
<i>de</i>	“então a... café era o produto brasile(i)ro de projeção...” (AC-151; NE: L. 76)	3250	25,20
<i>do(s)</i>	“ela a parte e faço u/ um estrogonofe de frango... que é mais ou menos o mesmo estilo do bolo salgado” (AC-52; RP: L. 258-259)	1028	07,97
<i>da(s)</i>	“e o pessoal da redondeza das o(u)tras fazendas que moravam... éh frequentavam ali” (AC-102; NR: L. 127-128)	1062	08,24
<i>em</i>	“depois então retomavam a caminhada em território já paulista...”	799	06,20
<i>no(s)</i>	“durante o carnaval... estávamos no fusca... da minha cunhada eu meu noivo... minha cunhada e o noivo dela” (AC-118; NE: L. 05-06)	1172	09,09
<i>na(s)</i>	“e:: lá na faculdade teve uma festa aqui na república” (AC-85; NE: L. 16-17)	1183	09,17
<i>para</i>	“depois de uma época continuei trabalhando de empregado para os outros” (AC-67; NE: L. 79-80)	1982	15,37
<i>por</i>	“a pessoa tá aí num tem nada a vê(r) toma um tiro mo::rre por causa de... um traficante...” (AC-59; RO: L. 248-249)	476	03,69
		12896	100

Fonte: elaboração própria

Gráfico 1. Ocorrências das preposições

Fonte: elaboração própria

Identificada e selecionada cada ocorrência das preposições em estudo, passamos ao quinto passo metodológico deste trabalho: a realização da análise do conjunto de dados por meio de uma transcrição fonética de base perceptual,¹⁷ a fim de se observar e assinalar a aplicação de processos fonológicos segmentais e de juntura entre o clítico e seu hospedeiro, como os sândis vocálicos.

A partir dos resultados obtidos da análise perceptual das preposições estudadas, passamos, como sexto passo metodológico, a analisar os dados encontrados nas amostras de fala qualitativa e quantitativamente por meio de uma perspectiva fonológica. Para tanto, definimos um conjunto de variáveis linguísticas, o qual é descrito na subseção seguinte.

¹⁷ Cabe destacar, ainda, que uma análise de base acústica, com o auxílio do programa PRAAT, por exemplo, não é possível de ser realizada em função da qualidade dos arquivos sonoros. Esse fator corroboraria a possibilidade de seleção de juízes para a definição de dados de difícil interpretação de oitiva. Entretanto, a quantidade de dados obtidos, 12.896, excluídos os contextos acima arrolados, faz-nos descartar também esse procedimento de investigação.

2.5. Definindo as variáveis de análise da prosodização

Mollica (2004) define que a variação linguística pode ocorrer de formas distintas e em diferentes níveis, inclusive no nível fonético-fonológico. Segundo a autora, essas formas em variação constituem o objeto de estudos da *Teoria da Variação e da Mudança Linguísticas*. William Labov (1972) foi quem a propôs, e, de acordo com essa teoria linguística, as escolhas entre dois ou mais sons, palavras ou estruturas obedecem a um padrão sistemático, o qual é, por sua vez, regulado por *regras variáveis*, as quais expressam uma variação entre elementos tanto do ambiente linguístico quanto do contexto social.

Faraco (2005) afirma que, embora a configuração estrutural das línguas se altere ao longo do tempo, não ocorre, com essa variação, totalmente, a perda das suas estruturas. Para o autor, as línguas sempre estão em movimento, e a variação linguística é decorrente do caráter heterogêneo e variável da língua. Assim sendo, é necessário haver variação para que ocorra uma mudança, embora nem todo processo de variação conduza, necessariamente, a uma mudança, situação que identifica processos de variação.

Verifica-se que as pesquisas realizadas a partir do arcabouço teórico da Variação e Mudança Linguísticas, geralmente, apontam para o fato de a variação ser estável ou em progresso. No que concerne à mudança, averigua-se que pode ser dada em: (i) *tempo real*, por meio da observação, por exemplo, de antigos textos escritos (*mudança em tempo real de longa duração*) ou pela consideração dos mesmos informantes separados por um lapso temporal (*mudança em tempo real de curta duração*); ou (ii) em *tempo aparente*, por meio da consideração de variáveis sociais, como as faixas etárias dos informantes – por exemplo, se determinada variante for mais utilizada entre os jovens e se o emprego dessa variante for

menor à medida que aumentam as faixas etárias dos informantes, pode-se dizer que há indícios de uma *mudança em progresso*.

A variação, para Labov (1972), não deve ser tratada apenas como um acidente, um mero acaso, mas sim como uma característica das línguas naturais, uma vez que é inerente à natureza da linguagem humana. Implica-se, ao se falar em variação, o uso alternante de formas distintas, as quais são utilizadas para transmitir um mesmo conteúdo. A cada uma dessas formas alternantes, denomina-se *variante linguística*, e ao conjunto desses usos, *variável linguística*. Por exemplo, para a sequência constituída pela preposição *com* mais artigo defino feminino *a* (com *a*), observamos, na variedade investigada, a coexistência de duas ou mais variantes em um mesmo contexto fonológico e, em certos casos, na fala de um mesmo informante, como em [kõw a] ~ [kwa] ~ [ka]. Essas formas em variação, em uma mesma comunidade de fala, constituem, por sua vez, a variável linguística.

A *variável linguística*, segundo Tarallo (2003), é composta de duas ou mais variantes. O conjunto de variantes forma a *variável linguística*, a qual pode ser *dependente* (composta pelas formas em variação) ou *independente* (composta por fatores que condicionam a realização dessas formas).

Do exposto, cabe destacar que esta pesquisa tem, como **variável dependente**, um conjunto de variáveis composto pelas preposições *a*, *de*, *por*, *com*, *em*, *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *ao(s)*, *à(s)* e *p(ar)a*, uma vez que se pretende analisar cada um desses itens como um objeto específico de investigação. Essas variáveis, por sua vez, são analisadas somente em função dos processos de *degeminação*, *ditongação* e *elisão*, o que permite, por exemplo, a concorrência de mais de uma forma, como *para o* ~ *pro*, fato que nos faz selecionar um conjunto de variáveis linguísticas.

Como **variáveis independentes**, esta pesquisa tem um conjunto de variáveis linguísticas, o qual foi selecionado somente para a investigação de contextos favoráveis à

aplicação de processos fonológicos de juntura externa, *degeminação*, *ditongação* e *elisão*, que ocorrerem entre o clítico e seu hospedeiro.¹⁸

As variáveis linguísticas serão analisadas a partir das questões que se colocam no arcabouço teórico da fonologia prosódica de Nespor e Vogel (1986) e, sobretudo, nos argumentos de Bisol (2005), sobre o comportamento prosódico dos clíticos no PB. Passemos a tratar das variáveis consideradas neste trabalho.

Quadro 6. Variáveis independentes consideradas

Variáveis Independentes Linguísticas	1. Tipo de vogal da sílaba da palavra seguinte
	2. Distância do clítico em relação ao hospedeiro
	3. Estrutura da sílaba do clítico
	4. Posição do clítico em relação ao hospedeiro

Fonte: elaboração própria

Com a consideração da variável *tipo de vogal da sílaba da palavra seguinte*, visamos verificar, nos casos de sândi vocálico, se há a aplicação de degeminação, elisão e ditongação entre o clítico e seu hospedeiro, como, respectivamente, “n[a]ula”, “n[o]relha”, “n[ai]scola”. Esses processos de sândi vocálico já foram atestado, para a variedade do português em estudo, quando observada uma sequência de palavras fonológicas dentro de uma frase fonológica como “alun[a]fricana”, “alun[o]landesa”, “alun[ai]spanhola” (conforme observado por TENANI, 2002, para dados da mesma variedade). Para essa variável, são, portanto,

¹⁸ Cabe destacar que as variáveis linguísticas serão consideradas apenas para a análise dos processos fonológicos de juntura encontrados entre o clítico e seu hospedeiro, pois será apenas por meio deles que poderemos buscar indícios da prosodização dos clíticos preposicionais na variedade riopretense. Desse modo, ao mesmo tempo em que alcançaremos ao objetivo central desta pesquisa, conseguiremos subsídios satisfatórios para responder a pergunta que o motiva.

considerados dois fatores: (i) vogal da sílaba da palavra seguinte igual à vogal do clítico e (ii) vogal da sílaba da palavra seguinte diferente à vogal do clítico.¹⁹

A variável *distância do clítico em relação ao hospedeiro* permitirá observar: (i) se o clítico está adjacente a uma palavra fonológica, como em *com sono*, ou (ii) se entre o clítico e seu hospedeiro há algum outro elemento clítico, como em *com o passar*. A hipótese a ser investigada é que o comportamento fonológico do clítico, no que diz respeito à atuação de processos, poderá ser influenciado quanto mais próximo estiver de seu hospedeiro.

No que concerne a variável *estrutura da sílaba do clítico*, esta pesquisa assume o conceito de sílaba proposta por Collinschonn (1999) para o PB, com base no modelo teórico de Selkirk (1982). Nessa concepção, as sílabas se estruturam a partir de um nó ramificado em ataque (A) e rima (R), que, por sua vez, consiste em um núcleo (N) e em uma coda (C). É possível, com exceção do núcleo, que o ataque ou a coda não sejam preenchidos. Devido a isso, emerge o argumento de que toda sílaba deve, necessariamente, conter uma rima.

A inclusão dessa variável permite observarmos que tipo de sílaba dos clíticos favorece mais à aplicação dos processos fonológicos de sândi externo ou se há alguma sílaba que os desfavoreça. A hipótese a ser investigada é a de que os clíticos que apresentam uma sílaba preenchida na coda teriam comportamento distinto dos clíticos com ausência de coda.

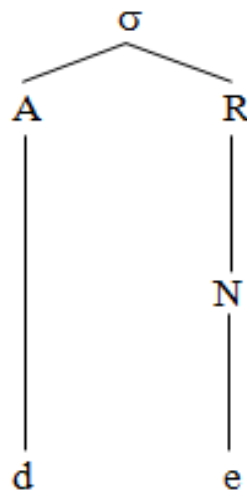
Apresentamos, no Quadro 7, a seguir, as estruturas silábicas consideradas nesta pesquisa e, nos Esquemas de 1 a 5, exemplos da representação dos tipos de sílabas das preposições *de*, *com*, *pra*, *em* e *a*, a fim de que pudéssemos representar cada uma das estruturas.

¹⁹ Cabe destacar que essa variável é analisada nas subseções que tratam das regras de sândi vocálico externo.

Quadro 7. Variável linguística: estrutura da sílaba do clítico

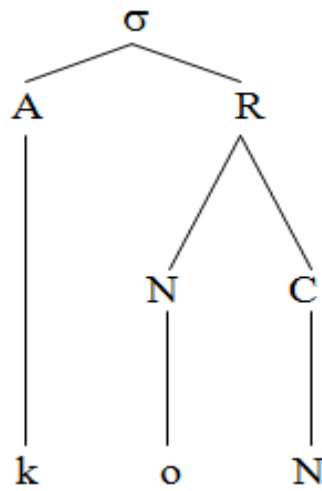
Tipo de sílaba	Exemplo de preposição
<i>ataque + rima (núcleo),</i>	<i>de, da, do, no, na</i>
<i>ataque + rima (núcleo + coda)</i>	<i>com, por</i>
<i>ataque complexo + rima (núcleo)</i>	<i>Pra</i>
<i>rima (núcleo + coda)</i>	<i>em, ao</i>
<i>rima (núcleo)</i>	<i>A</i>

Fonte: elaboração própria

Esquema 1. Representação da sílaba *de*

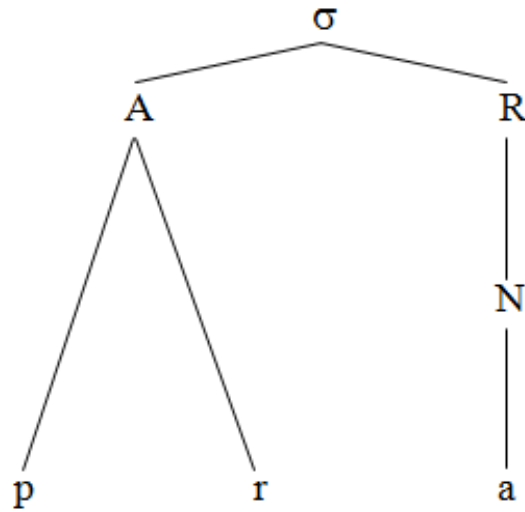
Fonte: elaboração própria

Esquema 2. Representação da sílaba *com*

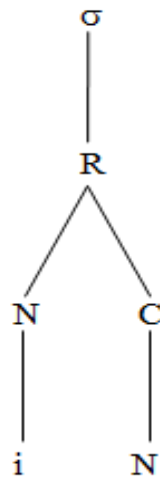


Fonte: elaboração própria

Esquema 3. Representação da sílaba *pra*



Fonte: elaboração própria

Esquema 4. Representação da sílaba *em*

Fonte: elaboração própria

Esquema 5. Representação da sílaba *a*

Fonte: elaboração própria

Com consideração da variável *posição do clítico em relação ao hospedeiro*, pretende-se observar a direção da prosodização do clítico: (a) o clítico anexa-se ao hospedeiro que o antecede, como em “[vou com] # [a vizinha]”; ou (b) o clítico anexa-se ao hospedeiro que o segue, como em “[vou] # [com a vizinha]”. A hipótese a ser investigada diz respeito à preferência pela próclise como direção de prosodização do PB.

2.6. Resumo

Esta seção inicia-se com uma descrição dos aspectos metodológicos adotados nesta pesquisa. Para tanto, primeiramente, há a apresentação dos fenômenos que são foco de investigação nesta pesquisa, as preposições *a, de, por, com, em, do(s), da(s), no(s), na(s), ao(s), à(s) e p(ar)a*. Em seguida, são abordados os critérios seguidos para a classificação e seleção desses itens.

São apresentadas características do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP (FAPESP 03/08058-6), do qual o nosso *cópus* é proveniente. A descrição da subamostra que compõem o nosso material de pesquisa é também apresentada. Discorre-se, ainda, sobre os principais aspectos metodológicos de quantificação e análise dos dados.

Por fim, é válido retomar que são apresentadas as variáveis linguísticas consideradas nesta pesquisa para a descrição prosódica das preposições em estudo na variedade riopretense.

Explicitados os principais aspectos abordados ao longo da presente seção, passamos a tratar, na seção subsequente, dos resultados quantitativos obtidos da identificação das ocorrências dos clíticos preposicionais *a, de, por, com, em, do(s), da(s), no(s), na(s), ao(s), à(s) e p(ar)a* nas amostras de fala.

SEÇÃO 3

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE PROCESSOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DAS PREPOSIÇÕES

Esta seção, apresenta os resultados do levantamento quantitativo e a análise fonológica obtida da transcrição fonética de oitenta das ocorrências das preposições *a, de, por, com, em, do(s), da(s), no(s), na(s), ao(s), à(s) e p(ar)a* nas amostras de fala do PB.

Procuramos organizá-la buscando apresentar respostas para a pergunta de pesquisa que possam confirmar e/ou refutar a hipótese de que o comportamento prosódico das preposições, monossilábicas na variedade riopretense, dar-nos-ia pistas de que esses itens possam ser interpretados como pertencentes a um constituinte prosódico no qual regras específicas se aplicariam, ou seja, o grupo clítico (como proposto por NESPOR; VOGEL, 1986).

Com base nos argumentos de Bisol (2005), a respeito do comportamento prosódico dos clíticos no PB, de que tais elementos possam ser interpretados a partir do estudo de processos fonológicos considerados pós-lexicais, como os de *sândi vocálico externo*, organizamos esse subitem de modo a descrever os processos a que as preposições em estudo estão sujeitas. Levando em conta as características desses processos, bem como o fato de esses itens estarem sujeitos a processos que não ocorrem em contexto de *sândi externo*, apresentamos a descrição de cada item, primeiramente, a partir dos processos que apenas afetam os segmentos interno das preposições,²⁰ em seguida, os considerados de *juntura*, dentre os quais são descritas as regras de *sândi vocálico externo*, focos de análise desta pesquisa.

²⁰ Por questões metodológicas, neste pesquisa, denominá-lo-emos de segmentais.

3.1. Processos Segmentais

O objetivo desta subseção é tratar dos processos fonético-fonológicos que afetam a estrutura interna das preposições que são objetos de estudo nesta pesquisa. Assim como procederemos à discussão dos processos de sândi externo, cada regra é apresentada separadamente de acordo com os seus índices de aplicação.²¹ Nesta subseção, há, portanto, as considerações sobre os seguintes processos: apagamento do “r” em final de sílaba, *assimilação da nasal*, *ditongação* fora do contexto de juntura, *metátese*, queda da consoante nasal, *neutralização vocálica*, *palatalização* da consoante “d” e *redução fonológica*, respectivamente, nessa ordem.

3.1.1. Apagamento do “r” em final de sílaba

O *apagamento do “r”* em sílaba final de palavra não é tão recente no PB. De acordo com Votre (1978), já era possível observar a ocorrência desse processo no século XV, nas peças de Gil Vicente. Segundo Bisol (1999), de modo geral, podemos mencionar, como as principais realizações do rótico em posição pós-vocálica, a *fricativa velar* [x], a *fricativa glotal* [h], a *vibrante simples* [r], a *vibrante múltipla* [ʀ], o *retroflexo*, [ɽ] e o *zero fonético* [∅], ou seja, o apagamento em final de sílaba. A variação do “r” em posição de *pós-tônica final* pode justificar-se em decorrência da vasta extensão territorial do Brasil, a qual possibilita várias realizações do rótico.

²¹ Cabe ressaltar que essa organização será decrescente, isto é, do maior ao menor índice de aplicação.

Segundo Callou, Moraes e Leite (1998), o apagamento do rótico em final de palavra parece configurar um processo que se estende às varias regiões do país. Em algumas, o processo se encontra bem avançado, como no Rio de Janeiro, por exemplo. Por outro lado, há regiões onde ainda não é predominante, sua manutenção é representada por variantes que caracterizam um enfraquecimento que, comumente, precede seu apagamento.

Ainda de acordo com os autores, a queda do “r” em final de palavras pode ocorrer em todo o Brasil, sobretudo, quando o contexto é composto por verbos no infinitivo: *estudá(r)*, *trabalhá(r)*. Amadeu Amaral (1920) afirma que o “r” cai quando em final de palavra, como em *andá*, *vapô*, etc. No entanto, mantém-se, geralmente, em alguns monossílabos acentuados, dada a posição proclítica habitual, como *dor*, *cor* e *par*. Interessa-nos a discussão realizada por Amadeu Amaral (1920) sobre o item *por*, por ter sido relatada a tendência de se conservar itens monossilábicos átonos como a própria preposição *por*.

A baixíssima frequência de supressão do “r” *final* do conectivo *por* em dados dessa pesquisa, menos de 1%, (precisamente 00,63%), como em “eu num queria ficá(r) com ele né? p[u] vários motivos” (AC-46; NE: L.49-50), pode ser justificada por se tratar de um item monossilábico que tende à preservação de seus segmentos, como atestou Amadeu Amaral (1920). É válido destacar que as ocorrências desse processo foram acompanhadas da *neutralização vocálica*, regra que abordaremos na subseção 3.1.6.

3.1.2. Assimilação da nasal

A *assimilação da nasal* é um processo alomórfico que proíbe a sequência de segmentos idênticos adjacentes. No caso dos prefixos *eN-*, *coN-* e *iN-*, por exemplo, pode ocorrer a assimilação do segmento final do prefixo em relação ao segmento inicial da base.

Esses prefixos podem apresentar duas formas a depender da base a que integra: uma delas pode ser constituída por uma sequência de vogal e consoante, como /en/ /con/, /in/, e outra constituída somente pela vogal, como /e/, /co/ e /i/, respectivamente. Tem-se a ocorrência de: (i) vogal e consoante, quando adicionada a bases iniciadas por vogais, como em *inanimado*, ou por consoantes obstruintes, como em *insuportável*; e (ii) de apenas vogal, que sofre a regra de eliminação da consoante /n/, quando adicionado a uma base iniciada ou por uma consoante líquida /R, l/ ou por uma consoante nasal /m, n/, como exemplificam *irreal*, *ilegal* e *imóvel*, *inativo*. Nesses dois primeiros casos, observa-se a chamada *alomorfia fonologicamente condicionada*, pois há uma restrição fonológica do português quanto à sequência de nasal mais líquida. No caso das bases iniciadas por nasais, há uma impossibilidade morfológica de se admitir a ocorrência de sequências iguais, o que acarreta na assimilação da consoante nasal final do prefixo a inicial da base, por exemplo.

Quanto aos dados envolvendo a preposição *com*, observamos, em 41,07% (23/56), a aplicação desse processo, isto é, quando *com* é seguido por uma palavra iniciada também por consoante nasal, como em “eu tava [ku] muito medo” (AC-51; NE: L. 17). Constatase, assim, haver a assimilação da consoante nasal da preposição *com* a inicial do hospedeiro. Cabe destacar que esse processo ocorreu acompanhado da *neutralização vocálica*.

3.1.3. Ditongação

A *ditongação*, fora de contexto de juntura, é outro processo fonológico que acomete algumas das preposições em estudo. De acordo com Cristófaros-Silva (2011), é caracterizado pela sequência de segmentos vocálicos em uma mesma sílaba. Todavia, uma das vogais passa

a ocorrer como um *glide* por perder a propriedade de ocupar o núcleo silábico.²² Na tabela, a seguir, apresentamos os índices de aplicação da regra.

Tabela 2. O processo de *ditongação* e as preposições

Processo	Preposições	Exemplos	Ocorrências/ Contextos	%
<i>Ditongação</i>	<i>com</i>	“pessoas que conviveram [kõu] pessoas mais velha” (AC-146; NR: L. 182-183)	66/1143	05,77
	<i>em</i>	“fiquei grávida [ẽi] dois mil” (AC-82; NE: L.22)	05/799	00,63
Total			71/1942	03,66

Fonte: elaboração própria

Da Tabela 2, verificamos que, em apenas 05,77%, há a formação de um ditongo, como em [kõu] *você*, sem que ocorra a neutralização da vogal ou a queda da consoante nasal da preposição *com*.

No que diz respeito à preposição *em*, a *ditongação* ocorre em 00,63% dos dados, resultando a forma [ẽi]. A baixa porcentagem de aplicação da regra se justifica por essa preposição se realizar, preferencialmente, como uma vogal nasal alta [i], conforme é apresentado na seção 3.1.6., sobre a regra da *neutralização vocálica*,

²² Ainda segundo essa autora, denomina-se *glide* o segmento que apresenta características articulatorias de uma vogal, mas que não pode ocupar a posição de nuclear de uma sílaba. Trata-se de uma vogal assilábica que não pode receber acento.

3.1.4. Metátese

O processo de *metátese* diz respeito à mudança na ordem de segmentos e de sílabas dentro de uma palavra. Segundo Hora, Telles e Monaretto (2007), tal alteração na sequência de elementos dentro de uma palavra é vista, em alguns casos, como um processo irregular, esporádico e restrito a erros de fala ou à linguagem da criança. Apesar de não ser considerada tão comum quanto os processos de *assimilação*, *dissimilação* e *apagamento*, a *metátese* tem sido atestada nos estudos diacrônicos. A análise de manuscritos dos séculos XVII a XXI do Português, de acordo com os autores, evidencia a *metátese* como uma regra muito mais produtiva na língua do que se supõe.

Para a preposição *em*, esse processo foi observado em 00,88% (07/799). Nesses dados, verificamos que a consoante nasal que ocupa a posição de coda silábica desse item passa a ocupar a posição de ataque na sílaba, resultando na forma *ni*. Esse tipo de dado foi observado em sequências como “não só político a coisa vem lá de cima vem descen(d)o vem descen(d)o vem descen(d)o até:... aTÉ chegá(r) n[i] nós mesmos” (AC-139; RO: L.581-582).

3.1.5. Queda da Consoante Nasal

A queda (pagamento ou cancelamento) trata-se de um processo em que há o cancelamento de um segmento consonantal ou vocálico. No caso da preposição *com*, podemos caracterizá-lo pela queda da consoante nasal que ocupa a posição de *coda* silábica. Há uma baixa ocorrência dessa regra, menos de 1% (08/1143), casos em que esse processo ocorre conjugado ao de *neutralização vocálica*, como em “ô caipira eu num posso í(r) junto [ku] você” (AC-129; NE: L. 46). Entretanto, cabe salientar que a referida regra não é observado somente nesses casos. Nos contextos em que há aplicação dos *sândis vocálicos externos*,

degeminação, ditongação e elisão, primeiramente, ocorre a queda da consoante nasal. Constatamos 585 ocorrências em que as regras de *sândi* se aplicam. Tais ocorrências, somadas às 08 descritas, correspondem a 51,88% de aplicação do processo para a preposição *com* nos dados da amostra.

3.1.6. Neutralização Vocálica

A *neutralização vocálica*, de acordo com Camara Jr. (1970), é um processo que caracteriza as posições átonas e consiste na redução do número de fonemas devido à perda de contraste fonêmico em um ambiente específico. Nas palavras do linguista, temos que:

Quanto à neutralização ela é diversa segundo a modalidade de posição átona. Nas vogais médias antes de vogal tônica (pretônica) desaparece a oposição entre 1º grau e 2º [...] Assim, há uma distinção, em posição tônica entre *forma* (com /ò/ tônico) e *fôrma* (com /ô/ tônico); mas, não obstante, o adjetivo derivado do primeiro desses substantivos (*forma* com /ò/ tônico) é *formoso* em que se tem /fôr/ por causa da átona (pretônica) da sílaba. (CAMARA JR., 1970, p. 33)

A partir dessa discussão, Câmara Jr. (1970) propõe, para a posição final de palavra, a qual é relevante para este estudo, a seguinte representação do sistema vocálico do PB:

Diagrama 1. Classificação das vogais postônicas do PB (CAMARA JR, 1970)

Altas	/u/	/i/
Baixa	/a/	

Fonte: Camara Jr, (1970)

Por exemplo, por ser o item *ao(s)* desacentuado, é considerado fraco prosodicamente, apresentando, por conseguinte, um comportamento semelhante ao das vogais médias postônicas. A regra da *neutralização vocálica* demonstra a perda de contraste em um dado contexto específico. Assim sendo, a vogal média posterior /o/ dessa preposição pode ser neutralizada e se realizar como a vogal alta [u], *a[u]s*. Vejamos a ocorrência desse processo nos dados da amostra.

Tabela 3. O processo de *neutralização vocálica* e as preposições

Processos	Preposições	Exemplos	Ocorrências/ Contextos	%
<i>Neutralização de /e/ e Palatalização de /d/</i>	<i>de</i>	“aí nós comemo(s) esse tal churrasco d[ʒi] bode” (AC-51; DE: L.257)	3077/3250	94,68
	<i>do(s)</i>	“além de tê(r) que vende(r) as coisas d[u] enxoval das coisas d[u] nenê...” (AC-82; NE: L.53)	1014/1028	98,64
	<i>em</i>	“até que eu tinha pensado [i]m desisti(r)”	787/799	98,49
	<i>por</i>	“despeja aquele caldo... e deixa p[u]r vinte minutos” (AC-72; RP: L.225)	467/476	98,11
<i>Neutralização Vocálica</i>	<i>no(s)</i>	“casei... só n[u] cartório” (AC-64; DE: L.95)	1160/1183	98,06
	<i>ao(s)</i>	“mas nenhum se compara a[u] condomínio” (AC-46; DE: L.298-299)	94/101	93,07
	<i>com</i>	“depois [kũ] sessenta em quatro a gente já sofreu... uma certa interferência” (AC-146; DE: L. 274-275)	744/1143	65,09%
Total			7343/7980	92,02

Fonte: elaboração própria

Como apresentado, a vogal média anterior /e/ da preposição *de* sofre a aplicação do processo em 94,68%. Há, desse modo, uma tendência de que essa vogal seja neutralizada e se realize como a vogal alta anterior [i]. Cabe enfatizar que essa regra ocorre combinada a *palatalização* da consoante “d”, da qual trataremos na subseção seguinte.

As vogais médias altas dos itens *do(s)* e *em* também sofrem a aplicação quase categórica da *neutralização vocálica*, como em *d[u]* *Carrefour* (98,64%) e *[i]* *você* (98,49%). Para as preposições *por* e *ao(s)*, a *neutralização vocálica* também se mostra um processo variável, como nos exemplos: *p[o]r* *você* ~ *p[u]r* *você*, *a[o]* *lado* ~ *a[u]* *lado*, com índices de aplicação bastantes elevados, respectivamente, 98,11% e 93,07%.

A vogal média alta do item *no(s)* também sofre a aplicação da regra em 98,06%, conforme verificamos na Tabela 3. Não constatamos a aplicação do processo em apenas em nove dados, como em *n[o]* *sábado*, e, em 11, aplicou-se o processo da *degeminação*, como em *n[o]* *spital*.

Para o item *com*, cabe destacar que a *neutralização* pode ocorrer conjugada ou não a processo de juntura. Em 34,03% (389 ocorrências), observamos apenas a neutralização da vogal desse item, como em *[kũ]* *fome*. Em 355 ocorrências, a *neutralização* ocorre conjugada a um processo de juntura, como em *[ku]* *menino*, o que totaliza 65,09% de aplicação da regra nos dados da amostra.

Esperávamos que fossem altos os índices da *neutralização* das vogais médias anterior /e/ e posterior /o/ das preposições *de*, *em*, *do(s)*, *por*, *no(s)*, *ao(s)* e *com* por esses itens serem fracos prosodicamente e não possuírem acento lexical. Há, desse modo, uma tendência de que as vogais sofram *neutralização* e se realizem, quase que em todas as ocorrências, como as

vogais altas anterior [i] e posterior [u], uma vez que as vogais dessas preposições se assemelham às vogais médias postônicas finais.

3.1.7. Palatalização da Consoante “d”

Em vários dialetos do português, os fonemas /t, d/ se realizam, respectivamente, como as *africadas* [tʃ, dʒ], quando seguidos da vogal alta anterior /i/. Esse processo ocorre porque as oclusivas alveolares /t, d/ assimilam o traço coronal da vogal alta anterior /i/, tornando-se africadas *alveopalatais*. De acordo com Cristófaró (2001), as africadas *alveopalatais* são caracterizadas por uma obstrução completa na passagem da corrente de ar através da boca seguida de uma fricção decorrente da passagem central da corrente de ar.

Trata-se de um processo de distribuição complementar que prevê que oclusivas alveolares não ocorram diante [i, ɨ] e que as africadas não ocorram diante de outras vogais. Pode se configurar em um caso de alofonia e, ainda, ser um importante marcador dialetal. É um processo fonético de ajuste articulatorio.

Desse modo, a elevada ocorrência da *palatalização* da consoante da preposição *de*, com 94,68% (3077/3250), deve-se ao fato de ter havido, primeiramente, a neutralização da vogal média alta /e/ desse item, como em “aí nós comemo(s) esse tal churrasco **d[ʒi]** bode” (AC-51; DE: L.257). Nos 173 casos em que a vogal não se neutraliza, observamos a aplicação de outros processos fonético-fonológicos, os de *sândi vocálico externo degeminação e elisão*, como, respectivamente, em *d[eu]*, preposição *de* mais pronome *eu*, e *d[ũ]*, preposição *de* mais artigo indefinido *um(a)*. Nas demais ocorrências, não observamos variação, o item *de* sempre se realizou, foneticamente, como [dʒi].

3.1.8. Redução Fonológica

A *redução fonológica* é um termo genérico que abrange vários tipos de processos, os quais são caracterizados pela queda de um ou mais segmentos.²³ O processo ocorre, de acordo com Cristófar-Silva (2011), por haver um enfraquecimento de um segmento consonantal ou vocálico. Quando aquele é produzido com menor grau de constrição no trato vocal, pode ser denominado também de lenição. No que diz respeito ao item *para*, quando a *redução* se aplica, leva à realização de duas formas, a saber: *pra* e *pa*. Quanto aos índices de aplicação da regra, na Tabela 4, constatam-se resultados para cada uma das formas.

Tabela 4. Ocorrências da realização da preposição *para*

Formas	Exemplos	Ocorrências	%
Para	“depois de uma época continuei trabalhando de empregado para os outros” (AC-67; NE: L. 79-80)	52	02,62
Pra	“nós fomos embora pra São Paulo” (AC-29; NE: L. 33-34)	1428	72,05
Pa	“eu tinha que trabalhá(r) pa pô(r)... dinhe(i)ro dentro de casa” (AC-32; NE: L. 15)	502	25,33
Total		1982	100

Fonte: elaboração própria

²³ Um exemplo de redução de mais de um segmento é o processo de *redução silábica*, o qual é caracterizado pela queda total de uma sílaba cujo contexto segmental é definido pela dessemelhança dos fones. De acordo com Alkmim e Gomes (1982), a ocorrência desse processo está relacionada à regras que se aplicam somente a certos itens lexicais caracterizados como proclíticos, como em [pɔfa'la], *pode falar*.

Destacamos, da tabela acima, que, das formas observadas, houve uma preferência de 72,05% pela realização, na fala dos informantes, da forma *pra*, seguida da forma *pa*, em 25,33% das ocorrências, e da forma *para*, em apenas 02,52% dos dados. A forma *pra* pode ser caracterizada como decorrente de apagamento da vogal /a/ e a forma *pa*, como decorrente de apagamento da vogal /a/ e do tepe /r/. Em ambos os casos, as formas deixam de receber acento no enunciado e passam a ser monossílabas.

A baixa ocorrência de *para*, 02,62%, merece uma ressalva. Durante a seleção e estratificação dessa forma dissilábica nos inquiridos de fala, observamos que pode estar condicionada ao perfil social do informante, sobretudo, no que concerne aos fatores *grau de escolaridade* e *idade*. Embora esta pesquisa não vislumbre realizar uma análise sociovariacionista, conforme é exposto em outras seções desta dissertação, selecionamos, para a investigação da ocorrência da forma *para*, três variáveis extralinguísticas com base nos próprios critérios de organização da amostra censo do banco de dados IBORUNA, a saber: (i) *grau de escolaridade*; (ii) *idade*; e (iii) *sexo/gênero*.

De acordo com Labov (1972), algumas formas linguísticas podem assumir uma característica socialmente marcada e serem estigmatizadas por outros grupos sociais que não as utilizam. Fatores sociais tais como *sexo*, *grau de escolaridade*, *renda familiar*, *idade*, *profissão*, *classe social*, *religião*, *origem geográfica* e *contexto de fala* podem caracterizar o comportamento linguístico dos indivíduos e, conseqüentemente, condicionar as suas escolhas linguísticas. Uma variante será considerada *prestigiada* se estiver relacionada a falantes ou a grupos sociais considerados de *status* superior. Caso contrário, será considerada *desprestigiada*. Deste modo, a atribuição ou não do estigma às variantes de uma comunidade de fala conduz autores, como Gnerre (1987), a afirmar que “uma variedade linguística *vale* o que *valem* na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que

eles têm nas relações econômicas e sociais.” (GNERRE, 1987, p. 4). Pensando nessas questões, procuramos observar se são conferidos diferentes valores sociais à variante *para*, de modo a possibilitar que fosse ou não selecionada pelos falantes

Para o fator *grau de escolaridade*, procuramos, em nossa análise, verificar se influencia a ocorrência de *para* nas amostras de fala da variedade riopretense. O pressuposto inicial assumido é o de que a realização dessa forma tende a ocorrer na fala de homens e mulheres mais escolarizados, isto é, que têm um contato maior com a norma culta da língua, sobretudo, no que diz respeito ao uso da modalidade escrita, onde a forma *para* é frequentemente utilizada. Abaixo, seguem os resultados observados.

Tabela 5. Frequência da forma *para* em relação ao fator grau de escolaridade

Categoria	Frequência da forma <i>para</i>	
	F	%
1º Ciclo do E.F.	01/52	01,92
2º Ciclo do E.F.	04/52	07,69
Ensino Médio	02/52	03,85
Ensino Superior	45/52	86,54
Total	52	100

Fonte: elaboração própria

Os percentuais, apresentados na Tabela 5, confirmam o nosso pressuposto inicial ao revelarem que a frequência da realização da forma *para* se concentra, majoritariamente, 86,54%, na categoria que compreende os informantes com nível de instrução formal mais elevado, Ensino Superior. Abaixo de 10%, observa-se a ocorrência de *para* na fala de informantes pertencentes aos: Ciclo 2º do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ciclo 1º do Ensino Fundamental, respectivamente, nessa ordem. Dessa forma, para a comunidade de fala

riopretense, confirma-se a premissa de que quanto maior é o nível de escolaridade maior a probabilidade de ocorrer formas mais conservadoras.

A fim de buscarmos evidências da ocorrência da forma *para* em relação ao fator *faixa etária*, investigamos se, quanto mais avançada é a idade dos informantes, maior a frequência da realização de *para*, uma vez que esses falantes tendem a não aceitar mudanças no sistema linguístico, sobretudo, que fujam à privilegiada norma culta da língua. Na tabela, a seguir, são apresentados os resultados obtidos.

Tabela 6. Frequência da forma *para* em relação ao fator faixa etária

Categoria	Frequência da forma <i>para</i>	
	F	%
de 16 a 25 anos	02/52	03,85
de 26 a 35 anos	03/52	05,77
de 36 a 55 anos	05/52	09,61
Mais de 55 anos	42/52	80,77
Total	52	100

Fonte: elaboração própria

A partir da tabela anterior, observamos que há uma correlação clara, em termos percentuais, entre a ocorrência de *para* e o fator *idade*. Quanto ao nosso pressuposto inicial, constatamos que é confirmado, pois é na fala de informantes da faixa etária mais elevada, mais de 55 anos, em que essa forma mais ocorre, 80,77%. Esses resultados nos conduzem a propor que esses informantes se demonstram mais resistentes e preservam em sua fala uma forma mais próxima ao uso da modalidade escrita formal. Além disso, o fato de *para* ser menos frequente, conforme diminui a idade dos informantes, confirma outra premissa: a de que as faixas etárias mais jovens são as que fazem o maior uso de variantes que podem ser consideradas, de alguma maneira, mais inovadoras.

O fator *sexo/gênero* foi a terceira variável extralinguística considerada para justificar a ocorrência da forma *para*. Atualmente, pesquisas, como a de Naro (2003), apontam para o fato de haver uma tendência de os representantes do sexo feminino usarem mais as formas consideradas de prestígio pela comunidade de fala do que os representantes do sexo masculino. Isso denota a tendência de os falantes do sexo feminino buscarem aproximar a sua fala à variedade padrão. Além disso, mostram-se mais conservadores às mudanças linguísticas, quando essas levam às formas menos prestigiadas socialmente, e favoráveis, quando a mudança privilegia a variedade padrão da língua. Observemos os resultados obtidos na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7. Frequência da forma *para* em relação ao fator sexo

Categoria	Frequência da forma <i>para</i>	
	F	%
Feminino	28/52	53,85
Masculino	24/52	46,15
Total	52	100

Fonte: elaboração própria

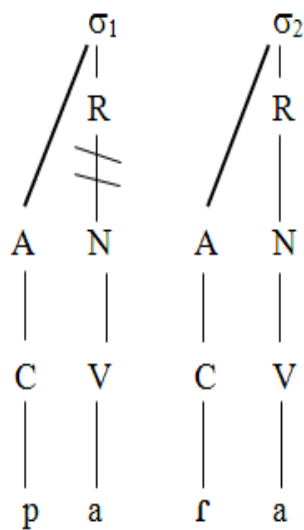
Conforme se observa na tabela acima, notamos que a forma *para* ocorre mais na fala feminina, 53,85%, do que na fala masculina, 46,15%. Esse fator, bem como os demais, apresenta resultados que possam levar a uma caracterização da ocorrência de *para* nas amostras de fala.

Tendo em vista os resultados obtidos, defendemos a possibilidade de se estabelecer uma relação entre a realização de *para* e as variáveis extralinguísticas consideradas, sobretudo, no que diz respeito aos fatores *grau de escolaridade* e *faixa etária*.

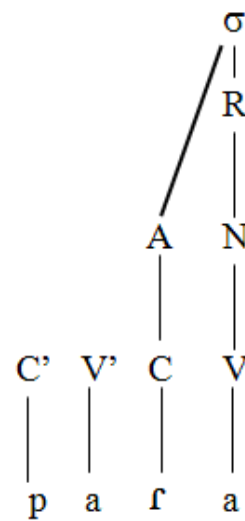
Por fim, considerando o modelo métrico de sílaba proposto por Selkirk (1982), bem como as discussões apresentadas por Bisol (1992, 1996b), propomos uma representação fonológica da aplicação do processo de *redução* para a preposição *para*, a seguir.

Esquema 6. Representação do processo de *redução*

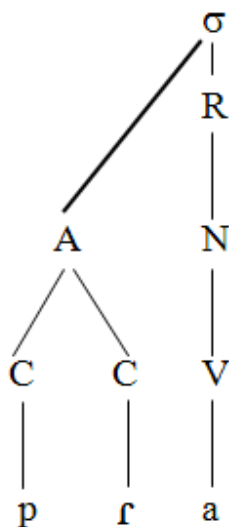
i) Desassociação 1



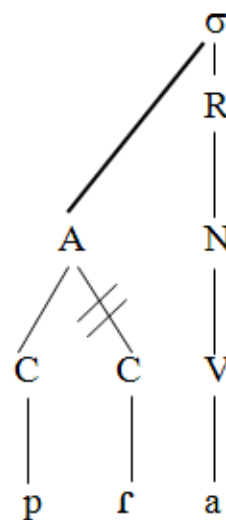
ii) Ressilabificação



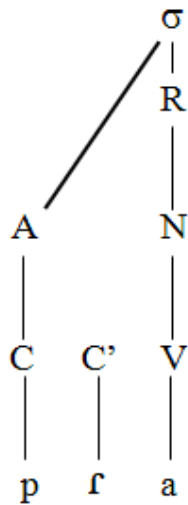
iii) Estrutura Nova 1



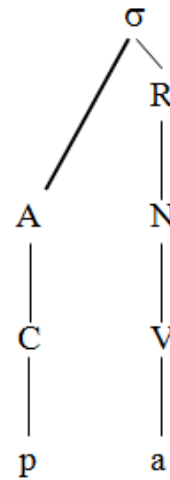
iv) Desassociação 2



v) Ressilabificação 2



vi) Nova Estrutura 2



Fonte: elaboração própria

A partir da estrutura inicial, a qual é composta por duas sílabas leves, estrutura CV, representamos, em (i), a possibilidade de ocorrer a desassociação de C' e V' . Por determinação do Princípio de Licenciamento Prosódico proposto por Itô (1986), ocorre a ressilabificação, representada em (ii), resultando a forma *pra*, como representado em (v). Podemos constatar, ainda, a possibilidade de haver uma segunda etapa da redução por meio da qual a forma *pra* resultará na forma *pa*. Assim, representamos que haverá desassociação do tepe, que passou a constituir um ataque complexo na estrutura *pra*. Novamente o Princípio de Licenciamento Prosódico atua, ocorrendo a ressilabificação, representada em (vi). Dessa última fase do processo, emerge a forma *pa*. Por meio desta proposta, a forma reduzida *pa* não é resultado de um processo de queda da segunda sílaba de *para*, isto é: *para*>*pa*. Dessa proposta, resulta que a regra de redução da preposição tenha duas fases de aplicação: se ocorrer apenas a primeira fase, o resultado é *pra*, se ocorrer duas fases, o resultado é *pa*, o que tem como consequência propor que o processo seja: *para*>*pra*>*pa*.

3.2. Processos de Juntura

Esta subseção abriga todos os processos de natureza fonético-fonológica que ocorrem entre as preposições em estudo e as palavras fonológicas que as precedem ou sucedem. Optamos por organizá-la da seguinte maneira: em 3.2.1., é abordado o processo de *haplologia*; em 3.2.2., o processo de vozeamento da consoante fricativa na coda; em 3.2.3, o processo que denominamos de *degeminação consonantal*; em 3.2.4., o processo *tapping*; em 3.2.5., o processo de *hiato*. Por fim, nas três subseções finais, os processos de sândi vocálico externo *degeminação* (3.2.6.), *ditongação* (3.2.7.) e *elisão* (3.2.8.).

3.2.1. Haplologia

O processo fonológico da *haplologia* pode ser entendido, de acordo com Alkmim e Gomes (1982), como um processo de *redução*, em virtude da queda total de uma sílaba no encontro de duas semelhantes átonas em fronteira de palavra, como em *faculdade de Letras*.

Em nossa amostra, existem ocorrências de *haplologia* envolvendo o item *de* em 02,94% (04/136), que são sequências constituídas por um *item lexical* terminado pela sílaba átona *de* mais a preposição *de*, como em “ela aTÉ te/ ela tem **vonta[dzi]** vende(r) lá...” (AC-51; DE: L.280).

Pavezi (2006) analisou dados da mesma variedade aqui estudada, considerando contextos que envolvem o item *de* em contexto de *haplologia*. Da mesma maneira que a autora, verificamos que a *haplologia* é bloqueada sempre que as sílabas candidatas fazem

parte de contexto composto pelo item gramatical desacentuado *de* mais um item lexical. Os resultados obtidos corroboram, também, a afirmação de Tenani (2002) de que, na sequência de sílabas candidatas à *haplologia*, apenas a primeira sofre o apagamento.

3.2.2. Vozeamento da Fricativa em Coda

Outro processo de juntura observado é o de *vozeamento intervocálico* da fricativa que indica o morfema de plural nas formas *aos, às, dos, das, nos* e *nas*. Esse processo caracterizado pela assimilação do traço [+ vozeado] pela consoante fricativa que deixa de preencher a posição de *coda silábica* e passa a ocupar a de *ataque*, após a *reestruturação silábica* com a vogal da sílaba seguinte. Esse processo é comum nas línguas do mundo e, em dados dessa pesquisa, pode ser observado com os seguintes índices:²⁴

²⁴ Vale ressaltar que os índices de aplicação da regra nos dados são apresentados em ordem decrescente de aplicação.

Tabela 8. O processo de *vozeamento da fricativa em coda* e as preposições

Processo	Preposições	Exemplos	Ocorrências/ Contextos	%
<i>Sândi Externo: Ressilabificação e Vozeamento da Fricativa em Coda</i>	<i>das</i>	“e ela me contava da[z]amigas ” (AC-82; NR: L.114-169)	20/20	100
	<i>nas</i>	“especialmente na[z]escolas primárias... mas tem sido também... vende(r) éh:... Mote para outros tipos de trabalho...” (AC-146; NR: L.76-77)	11/11	100
	<i>aos/às</i>	“as idéias devem sê(r) apresentadas ao [za] lunos” (AC-146; DE: L.284)	44/47	93,62
	<i>dos</i>	“não que seja melhor do[z]o(u)tros dois meus irmão” (AC-51; NE: L.84)	24/26	92,31
	<i>nos</i>	“comecei a implantá(r) esses sistemas... no[z]o(u)tros escritórios de contabilidade” (AC-99; NE: L. 108-109)	10/12	83,33
Total			99/116	85,34

Fonte: elaboração própria

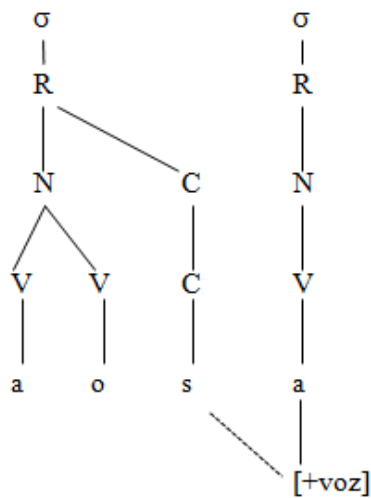
Para as formas *aos, às* essa regra pode ser verificada em dois contextos distintos: quando as formas são seguidas (a) de uma palavra iniciada por vogal, como em *as americanas, aos alunos*, e (b) de palavra iniciada por consoante vozeada, como em *aos meninos*. Em ambos os contextos, verificamos, na variedade estudada, que a fricativa alveolar não-vozeada [s] passa a ser uma fricativa alveolar vozeada [z]. Considerando os contextos de aplicação da regra envolvendo as preposições *aos, às*, observamos duas possibilidades de prosodização desse item: (i) à sua direita, adjungindo-se ao hospedeiro que lhe segue, caso de *au[z]alunos*, e (ii) à sua esquerda, adjungindo-se ao hospedeiro que lhe precede, caso de *mai[z] ao*.

Quanto à ocorrência do vozeamento, para o primeiro caso, (i), observamos a aplicação categórica do processo, 100%. Para o segundo, (ii), dos 41 ambientes propícios, em 38, o processo se aplica, o que equivale a 92,68%. São apenas três ocorrências que não sofrem o processo, como em *au[s] alunos*.

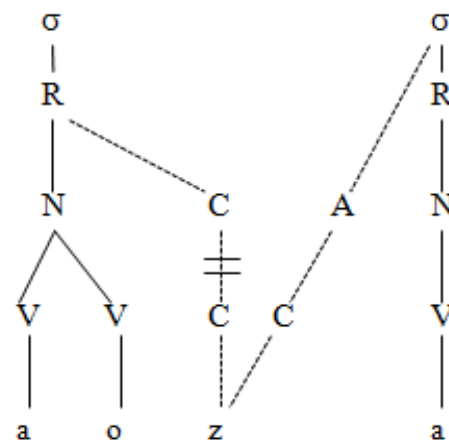
Com base nos trabalhos de Bisol (1996b), Tenani (2002) e Veloso (2003), a representação fonológica²⁵ para aplicação do processo para a sequência *au[z]alunos* é feita abaixo.²⁶

Esquema 7. Representação do processo de *vozeamento da fricativa em coda*

i) Assimilação do traço [+voz]



ii) Desassociação



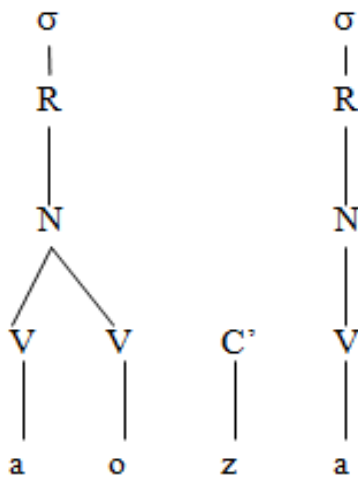
→

→

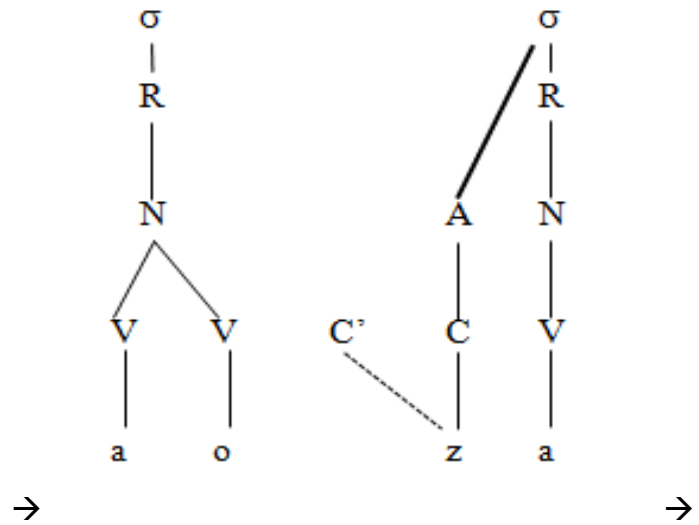
²⁵ Na fonologia Autossegmental, os segmentos são interpretados como conjuntos hierarquizados de traços, os quais passam a ser dispostos em camadas. No que diz respeito à formalização desse modelo teórico, é possível distinguir três tipos de segmentos: (i) segmentos simples; (ii) segmentos complexos; e (iii) segmentos de contorno. Tais segmentos são governados por princípios que delimitam a aplicação de suas regras e, de modo geral, decorrem das propriedades das representações. Nessa teoria, podemos observar três tipos de Princípios distintos, a saber: (i) Princípio de Não-Cruzamento de linhas de Associação, o qual proíbe a associação de dois elementos de uma ou mais camadas do cruzamento; (ii) Princípio do Contorno Obrigatório, que define que elementos adjacentes idênticos são proibidos; e (iii) Princípio de Restrição de Ligação, o qual restringe a aplicação de uma regra à forma que nela é representada, de modo que, se tiver uma só linha de associação, fica bloqueada em contextos de ligação dupla ou vice-versa.

²⁶ Este trabalho assume a seja uma fricativa /s/ na representação fonológica. Entretanto, há a possibilidade de ser considerado, nessa representação, um fonema fricativo subespecificado, conforme propõe Lopez (1980).

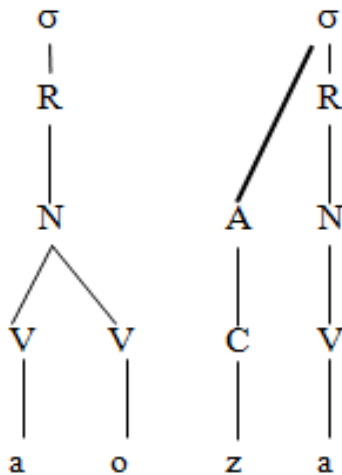
iii) Consoante Flutuante



iv) Reestruturação



v) Nova Estrutura



Fonte: elaboração própria

Em (i), na estrutura inicial do item *aos*, há contato de [s] com uma sílaba iniciada por vogal, como em *aos alunos*. Esse contato desencadeia a regra do *vozeamento*, em que [s], que ocupa posição de *coda silábica*, assimila o traço [+VOZ] da vogal, que ocupa o núcleo da sílaba seguinte. Em seguida, como há desassociação, (ii), C fica flutuante, (iii). Em

decorrência disso, o processo de *reestruturação* atua, (iv), possibilitando que C passe a ocupar a posição de *ataque* na sílaba seguinte. Como resultado, há a formação duma nova estrutura, constituída em (v).

No que concerne às preposições *dos* e *nos*, o *vozeamento da fricativa em coda* ocorre, respectivamente, em 92,31% e 83,33% dos contextos identificados, como em *do[z]alfaiates* e *no[z]outros*. Considerando as formas plurais *das* e *nas*, observamos, na Tabela 8, a aplicação categórica da regra, 100%, como em *da[z]oito*, *na[zi]presas*.

3.2.3. Degeminação Consonantal

Nesta subseção, trataremos de um processo que optamos por denominar de *degeminação consonantal*. Em, por exemplo, *aos seus*, há uma sequência composta por dois segmentos [s] – um presente na posição de *coda silábica* do item *aos* e outro na posição de *ataque* do vocábulo seguinte *seus*. Observamos que, para essa sequência, uma única consoante foi realizada, *ao[s]eus*.

Poderíamos postular duas interpretações: uma em que ocorre o apagamento de uma consoante quando há a configuração de duas consoantes seguintes; outra é haver um processo de “degeminação consonantal”, isto é, o apagamento de uma das consoantes semelhantes entre si, possivelmente, a da preposição por ocupar uma sílaba átona. A escolha de uma ou outra interpretação poderá feita no aprofundamento da análise deste tipo de dado em relação a demais encontrados que venham a ser encontrados no PB.

Verificamos a aplicação desse processo para as preposições *aos*, *às*, *dos* e *das*. Na tabela abaixo são apresentados os resultados obtidos.

Tabela 9. O processo de *degeminação consonantal* e as preposições

Processo	Preposições	Exemplos	Ocorrências/ Contextos	%
<i>Degeminação Consonantal</i>	<i>aos/às</i>	“então ele nasceu à[s]eis e quarenta” (AC-85; DE: L.204)	07/07	100
	<i>da(s)</i>	“toda::... quarta e sexta da[s]eis às sete e meia eu tava lá” (AC-118; DE: L.332-333)	05/05	100
	<i>do(s)</i>	“casa do[s]ete anões” (AC-115;DE: L.255)	03/07	45,86
Total			15/19	78,95

Fonte: elaboração própria

Para os primeiros itens *aos*, *às* e *das*, observamos a ocorrência categórica da regra, 100%. Já para o item *dos*, verificamos a aplicação da regra em 45,86% dos dados.

3.2.4. Tapping

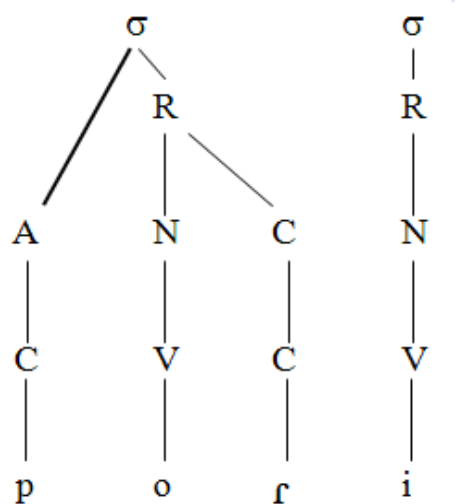
Tenani (2002) atribui a denominação *tapping* ao processo fonológico resultante de um processo do *sândi vocálico* que possibilita a *reestruturação* das sílabas envolvidas. Segundo a pesquisadora, esse processo ocorre quando, na variedade em estudo, o segmento caracterizado como um retroflexo, uma vibrante [ɾ] ou uma aproximante [ɹ], em posição de coda silábica, passa a ser um tepe [r], em posição de ataque silábico, caso a palavra seguinte for iniciada por uma vogal.

Quanto aos dados desta pesquisa, observamos que das 476 ocorrências da preposição *por*, 252 apresentam ambiente favorável à aplicação do processo, uma vez que correm seguidas de um vocábulo iniciado por uma vogal, como nos seguintes exemplos retirados do cópulus: *po[ra]lguns*, *po[re]xemplo*, *po[rɛ]la*, *po[ri]sso*, *po[rɔ]tra*, *po[ru]ma*, entre outras. Dessas ocorrências, 94,44% (238/252) sofrem o processo de *tapping*, passando a *consoante retroflexa* da sílaba final do item, *po[r̥]*, a ser um *tepe* em posição de ataque silábico, *po[ra]qui*, graças à *reestruturação* que se dá mediante a presença de uma vogal em posição inicial do vocábulo subsequente.²⁷

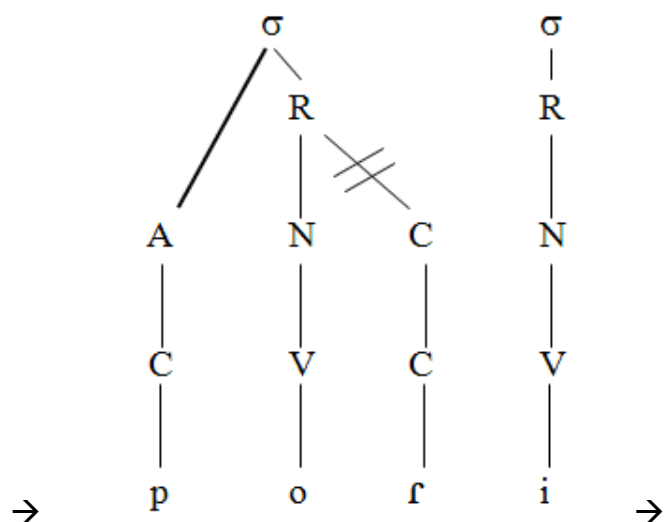
Com base no trabalho de Tenani (2002), é possível postular a seguinte representação fonológica para a aplicação desse processo para o item *por*:

Esquema 8. Representação do processo de *tapping*

i) Estrutura Inicial

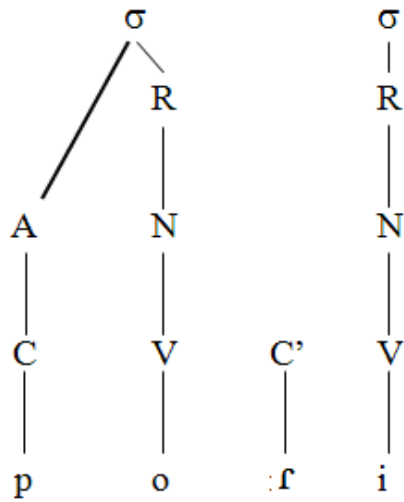


ii) *Desassociação*



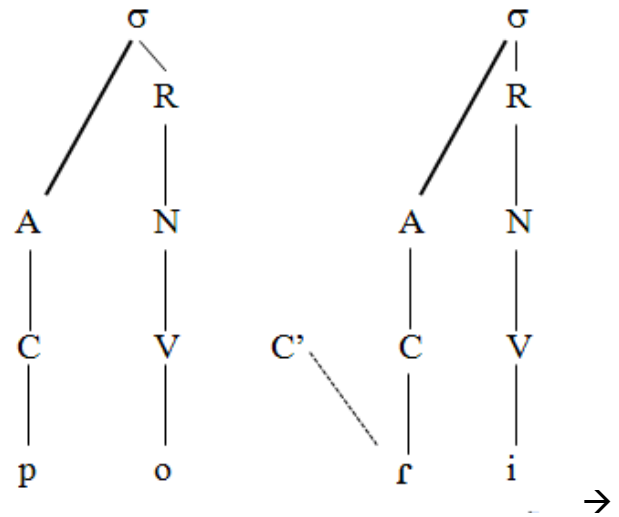
²⁷ Cabe destacar que, em todos os dados cujo processo de *tapping* se aplicou, observamos também a aplicação do fenômeno de *neutralização vocálica*, como em *p[ur̥]teresse*.

iii) Consoante flutuante



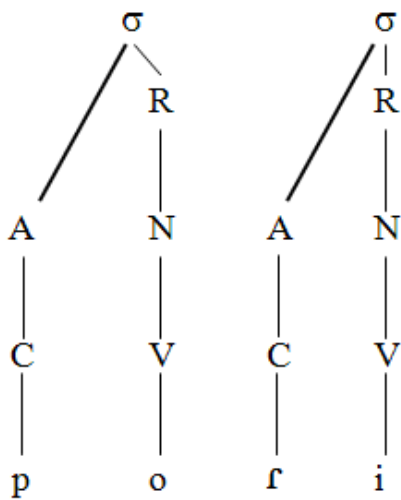
→

iv) Reestruturação



→

vi) Nova Estrutura

**Fonte:** elaboração própria

Em (i), a estrutura inicial do item *por* é representada em contato com uma sílaba iniciada por vogal, como em *por interesse*. Esse contato pode desencadear o processo do

tapping, havendo contexto favorável, a consoante que ocupa posição de *coda* silábica pode ser desassociada (ii). Uma vez desassociada, a consoante (C') fica flutuante (iii) e, em decorrência disso, o processo de *reestruturação* atua (iv), possibilitando que C' passe a ocupar a posição de *ataque* na sílaba seguinte. Como resultado há uma nova estrutura (v).

3.2.5. Hiato

Outro processo observado para as preposições *da*, *na* e *com* é o *hiato*. Atribui-se o nome de *hiato* ao encontro de vogais que ocupam sílabas diferentes.

Na tabela, a seguir, são apresentados os índices de aplicação da regra para cada uma das preposições.

Tabela 10. O processo de *hiato* e as preposições

Processo	Preposições	Exemplos	Ocorrências/ Contextos	%
<i>Hiato</i>	<i>na</i>	“só que n[ao]ra que teve... que teve a criança viu que era menina” (AC-67; NR: L.239)	84/158	53,16
	<i>com</i>	“um acontecimento [kõua] patroa da minha filha” (AC-92; NE: L. 79-80)	72/489	14,72
	<i>da</i>	“era d[ae]ra nossa esse [posto] e comecei vende(r) tam(b)ém po:: pos clientes do posto...” (AC-115; RO: L.55-57)	13/150	08,67
Total			169/797	21,20

Fonte: elaboração própria

Para a preposição *na*, verificamos aplicação do *hiato* em 53,16% dos dados, como em *n[ae]poca*. No quadro e tabela, a seguir, listamos os contextos prosódicos e os índices de aplicação do *hiato* envolvendo a vogal dessa preposição.

Quadro 8. Sequências observadas para o *hiato* envolvendo o item *na*

Contexto prosódico	Exemplos
[a+e]	<i>n[ae]missora</i>
[a+ɛ]	<i>n[ae]poça</i>
[a+ẽ]	<i>n[aẽ]trada</i>
[a+o]	<i>n[ao]casião</i>
[a+ɔ]	<i>n[ao]Ra</i>
[a+õ]	<i>n[aõ]de</i>

Fonte: elaboração própria

Tabela 11. Índices de *hiato* envolvendo o item *na*

Sequências	Ocorrências	%
[a+e]	03/07	42,86
[a+ɛ]	40/80	50,00
[a+ẽ]	01/03	33,33
[a+o]	17/21	85,95
[a+ɔ]	23/46	50,00
[a+õ]	00/01	00,00
	84/158	53,16

Fonte: elaboração própria

Como apresentado na tabela anterior, das sequências identificadas, observamos como contexto mais favorável à aplicação do processo quando o item seguinte é iniciado por uma vogal média alta posterior /o/. Na sequência, verificamos que o índice de aplicação é o mesmo, de 50%, tanto quando a vogal do item subsequente é uma média baixa aberta posterior /ɔ/ quanto quando é uma média baixa aberta anterior /ɛ/. Quando o item da sequência é iniciado pela vogal média alta /e/, obtivemos um percentual relativamente menor de 42,86%. Como contexto menos favorável, identificamos casos em que o vocábulo seguinte é iniciado pela vogal média alta nasal /ẽ/, 33,33%.

Conforme é descrito na Tabela 10, observamos em menor índice, 14,72% (14/489), o processo afetando a preposição *com*, como em [kõua] *patroa*.

A Tabela 10 mostra, ainda, a aplicação do processo para a preposição *da* em 08,67% (13/150). A seguir, apresentam-se quadro e tabela, nos quais são exemplificadas as sequências analisadas e descritos os ambientes prosódicos candidatos à aplicação da regra, bem como os seus índices de ocorrência.²⁸

Quadro 9. Sequências observadas para a formação do *hiato* envolvendo o item *da*

Contexto prosódico	Exemplos
[a+e]	d[ae]leição
[a+ɛ]	d[ae]poca
[a+o]	d[ao]relha
[a+ɔ]	d[ao]ra
[a+õ]	d[aõ]de

Fonte: elaboração própria

²⁸ Não ocorreu a sequência: [a+ẽ].

Tabela 12. Índices observados para a formação do *hiato* envolvendo o item *da*

Sequências	Ocorrências	%
[a+e]	05/28	17,86
[a+ɛ]	02/15	13,33
[a+o]	05/05	100,00
[a+ɔ]	01/02	50,00
[a+õ]	00/14	00,00
	13/64	20,31

Fonte: elaboração própria

Das sequências identificadas, o processo que mais se aplica aos contextos prosódicos em que o item seguinte à *da* é iniciado pelas vogais médias posteriores /o/ e /ɔ/. Porém, são poucos os dados encontrados (apenas sete ocorrências no total)

Apresentadas as considerações a respeito da regra de *hiato*, passemos a tratar dos processos de *sândi vocálico externo*, foco de investigação nesta pesquisa

3.2.6. Sândi Vocálico Externo: Degeminação

Antes de tratarmos do processo de *ditongação*, faz-se necessário apresentar uma breve discussão sobre o processo de *sândi vocálico externo*.

Bisol (1992) afirma que o *sândi vocálico* corresponde a um processo de *ressilabificação* que ocorre no domínio de um mesmo enunciado entre duas palavras. Esse processo leva a três resultados possíveis, a saber: a *degeminação*, a *ditongação* e a *elisão*.

Quando as vogais forem iguais, há a *degeminação*; quando forem diferentes entre si, pode haver *ditongação*; quando a primeira vogal da sequência vocálica for /a/, tem-se *elisão*.

A autora postula que, quando houver uma sequência em que a primeira palavra termina em vogal e a seguinte se inicia igualmente por vogal, ocorre um choque entre núcleos silábicos que provoca a perda do primeiro núcleo e, por conseguinte, da primeira sílaba. Essas regras de sândi são bloqueadas, se houver a presença de acento na segunda vogal da sequência ou de pausa.

À regra de *degeminação*, Bisol (1996b) afirma que esse sândi externo é desencadeado pela junção de vogais idênticas. Essa sequência provoca um choque dos núcleos silábicos envolvidos e, por sua vez, o Princípio do Contorno Obrigatório inibe segmentos adjacentes iguais no mesmo nível.

Na tabela, a seguir, apresentamos as preposições que estão sujeitas a essa regra.

Tabela 13. O processo de *sândi vocálico externo degeminação* e as preposições

Processos	Preposições	Exemplos	Ocorrências/ Contextos	%
<i>Redução, Sândi Vocálico Externo: Degeminação</i>	<i>para</i>	“tem uma divisão:: na porta que é... pra o(u)tro comodozinho... com o(u)tra porta pa saída” (AC-29; DE: L.133-135)	348/444	78,38
<i>Sândi Vocálico Externo: Degeminação</i>	<i>com</i>	“e EU c’a filha de::la [kõus] filhos dela” (AC-38; NE: L. 12)	146/333	43,84
<i>Queda da nasal + Neutralização + Sândi externo degeminação</i>	<i>com</i>	“ele saiu [ku]ma mulher” (AC-89; NR: L. 47)	143/333	42,94
<i>Sândi Vocálico Externo: Degeminação</i>	<i>em</i>	“então eu decido hoj[ĩ] dia minhas amizade” (AC-29; RO: L.183)	07/18	38,89
	<i>de</i>	“não tem problema SÓ d[eu] está(r) aqui tá bom” (AC-51; NE: L.95) sequencia “aluguei um escritório d’um amigo meu que era d[ɣĩ] formática” (AC-99; NE: L.81-82)	82/294	27,89
	<i>no</i>	“todo mundo entrô(u) n[o]spital e ficô(u) no quarto esperan(d)o” (AC-82; NE: L.68-69)	14/69	20,29
<i>Queda da Nasal+ Sândi Vocálico Externo: Degeminação</i>	<i>do</i>	“era de um jeito o(u)tro do lado era d[o](u)tro ” (AC-151; RP: L.398)	07/62	11,29
	<i>com</i>	“Abre e espeta né? [ko] palito” (AC-46; RP: L. 396)	07/333	02,10
Total			754/1220	61,80

Fonte: elaboração própria

Como apresentado na tabela anterior, a preposição *de* está sujeita à aplicação, além dos processos da *neutralização* e da *palatalização*, do *sândi vocálico externo ditongação*. Dos 294 contextos candidatos à aplicação da regra, verificamos a forma *de* realizada como [de], sem ter a vogal média alta neutralizada, bem como a forma [dɣi], com a vogal neutralizada. No Quadro, a seguir, apresentamos os dados.

Quadro 10. Sequências observadas para a *degeminação* do item *de*

Contexto Prosódico	Exemplos	Ocorrências	%
[e+ẽ]	* <i>d[ẽ]trada</i>	00/50	00,00
[e+e]	<i>d[eu]</i>	14/71	19,72
[i+i]	<i>d[zi]greja</i>	12/40	30,00
[i+ĩ]	<i>d[zĩ]teresse</i>	08/21	38,01
[i+i]	<i>d[zi]xame</i>	30/77	38,96
[i+ĩ]	<i>d[zĩ]presa</i>	18/35	51,43
		82/294	27,89

Fonte: elaboração própria

São 50 contextos em que a segunda vogal da sequência é média alta /e/ não alçada e nasal, como em *de entrada*, caso em que não há a aplicação da regra. Em 71 contextos, a preposição *de* é seguida por uma palavra também iniciada pela vogal média alta /e/ não alçada e oral, como em *de exercício*. Nesse caso, aplica-se a *degeminação* somente em 14 das 26 sequências em que *de* se segue o pronome *eu*, com em *de eu*. Em 57/71 ocorrências restantes, *de* é seguido de formas gramaticais ou lexicais com a aplicação da *ditongação*, como em *d[zie]leição*.

Verificamos 173 ocorrências da forma neutralizada *d[zi]* em que *de* é seguida por uma palavra iniciada pelas vogais oral [i] ou nasal [ĩ]. Dessas ocorrências, em 39,31% (68/173), aplica-se a *degeminação*, como em *d[zĩ]prego*. Na maioria das ocorrências, 60,69% (105/173), há somente *alongamento* da vogal alta, mas sem a aplicação do processo, como em *d[zi:] [i]nimigo*.

Os dados ora descritos para a preposição *de* estão em consonância com as considerações de Veloso (2003) que trata dos *monomorfemas* e os processos de *sândi*. O item

de, por veicular informações gramaticais que devem ser preservadas, pode ser definido como contendo dois monomorfemas. Dos contextos analisados pela pesquisadora como candidatos à aplicação do processo, temos, da mesma maneira, dois contextos: (i) *monomorfema mais qualquer item lexical* e (ii) *monomorfema mais monomorfema*. Para essas sequências, a autora constatou a possibilidade de aplicação do processo.

Quanto ao contexto prosódico formado pela vogal da preposição *de* mais a vogal média alta anterior nasal do item seguinte, primeiro contexto apresentado no Quadro 10, cabe enfatizar que o fato de a regra da *degeminação* não se aplicar pode estar relacionado com o de a vogal do item seguinte se realizar, foneticamente, como um ditongo, como em *de [ëi]trada*.

Nesta pesquisa, como apresentado na Tabela 13, para a preposição *do*, encontramos 62 ambientes formados pela sequência [o+o], como em *d[o]utro amigo*. Desses casos, aplica-se o processo em 11,29%.

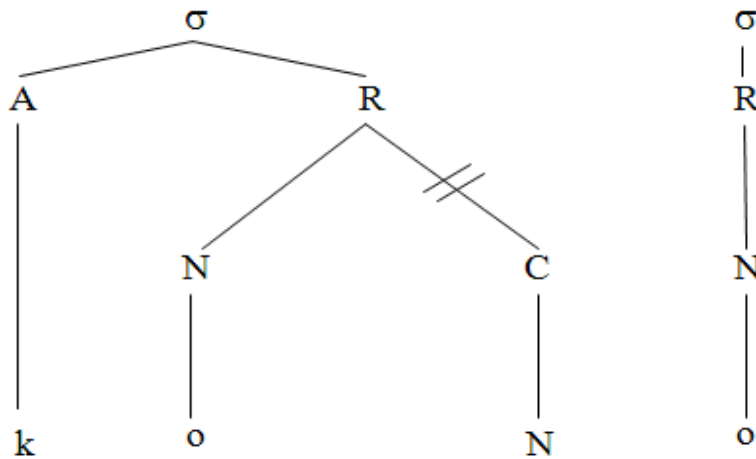
Outra preposição envolvendo a regra de *degeminação* em contexto de sândi externo foi a *em*. Conforme exposto na Tabela 13, esse processo se aplica em 38,89% (07/18). São sequências constituídas por um item lexical, terminado pela vogal média alta /e/, a qual se realizou com uma vogal alta anterior /i/, como *hoje* mais o item *em*, *hoj[i] dia*.

No que concerne à *degeminação* em contexto de sândi vocálico envolvendo o item *no*, aplica-se a 20,29% (14/69), quando esse item é seguido de um vocábulo iniciado pela vogal média alta posterior /o/, como em *n[o]spital*. Para a forma alçada *n[u]*, não encontramos, no córpus, sequências vocálicas possíveis à aplicação do processo, como em *n[ũ]bigo* (a forma neutralizada da preposição *n[u]* mais item lexical *umbigo*).

O processo de *degeminação* identificado para a preposição *com*, como em [ko] *menino*, pode ser representado, para o item *com*, conforme esquema abaixo.

Esquema 9. Representação do processo de *degeminação*

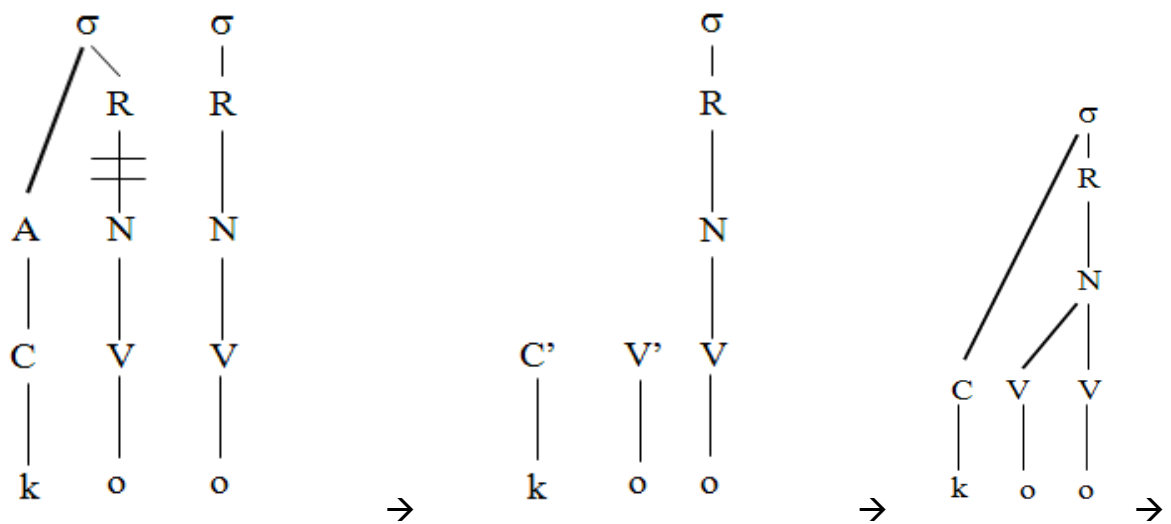
(i) Queda da Nasal



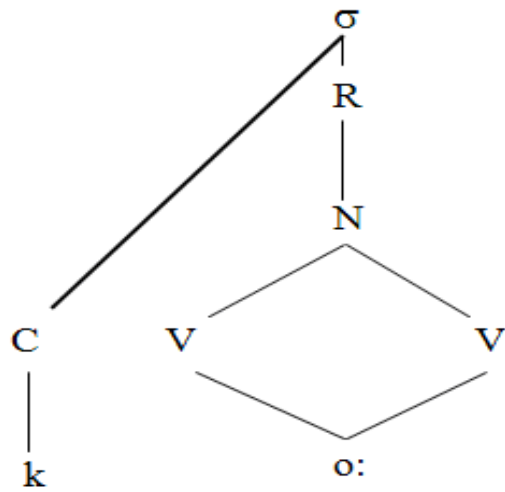
(ii) Choque dos Núcleos

(iii) Início de Aplicação da *Degeminação*

(iv) Ressilabificação

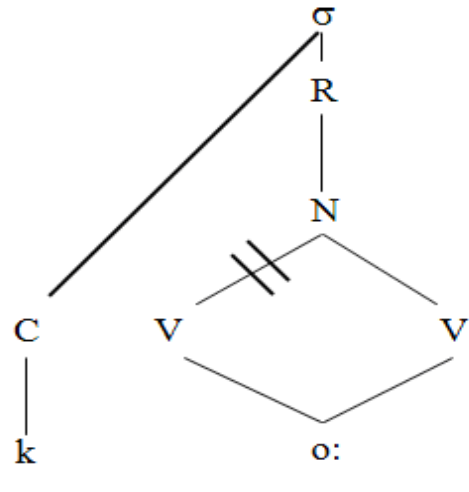


(v) Princípio do Contorno Obrigatório



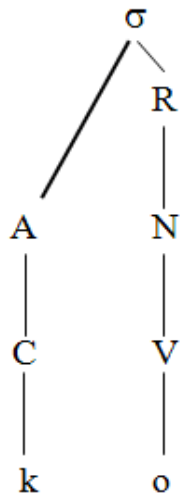
→

(vi) Regra do Encurtamento



→

(vii) Forma Reestruturada

**Fonte:** elaboração própria

Após a queda da nasal, em (i), configura-se o choque entre núcleos silábicos, em (ii), e observamos, em (iii), o início do processo de *degeminação*. Depois da formação do ataque silábico, constatamos, em (iv), a *ressilabificação* juntando as duas vogais em uma rima

preexistente. Tendo em vista que a sequência de vogais idênticas é proibida pelo Princípio do Contorno Obrigatório, há uma representação das vogais no nível melódico, em (v). Após essa representação, ocorre o processo de *encurtamento*, em (vi), a fim de reduzir as duas vogais a apenas uma. Em (vii), portanto, representamos o resultado da aplicação do processo de *degeminação*.

Quanto aos índices de aplicação da regra, verificamos, em 43,84%, o que corresponde a 146 dos 333 contextos, como em [kõus] *filhos (com os filhos)*. Conjugado ao processo da queda da nasal e da *neutralização*, constatamos a ocorrência do processo em 143 dados, o que corresponde a 42,94%, como em [ku] *menino (com o menino)*. Em apenas sete dados, o equivalente a 02,10%, houve a aplicação da *degeminação* combinado ao da queda nasal, como em [ko] *tio (com o tio)*. De modo geral, no *cópus*, observamos que o referido processo se aplica em 296 dos 333 contextos propícios, resultando em um total de 88,89%.

Considerando a qualidade da vogal do item *com*, observamos os seguintes contextos prosódicos como candidatos à aplicação da *degeminação*.

Quadro 11. Sequências observadas para a *degeminação* do item *do*²⁹

Contexto prosódico	Exemplos
[o+o] ~ [u+u]	[ko] <i>rapaz</i> ~ [ku] <i>menino</i>
[u+u]	[ku] <i>rgência</i>
[u+ũ]	[kũ] <i>menino</i>

Fonte: elaboração própria

²⁹ Não encontramos as sequências: [o+o], [o+õ], [o+õ].

Tabela 14. Ocorrências de *degeminação* do item *com*

Contexto prosódico	Ocorrências	%
[o+o] ~ [u+u]	203/228	88,04
[u+u]	01/03	33,33
[u+ũ]	92/102	90,20
	296/333	88,89

Fonte: elaboração própria

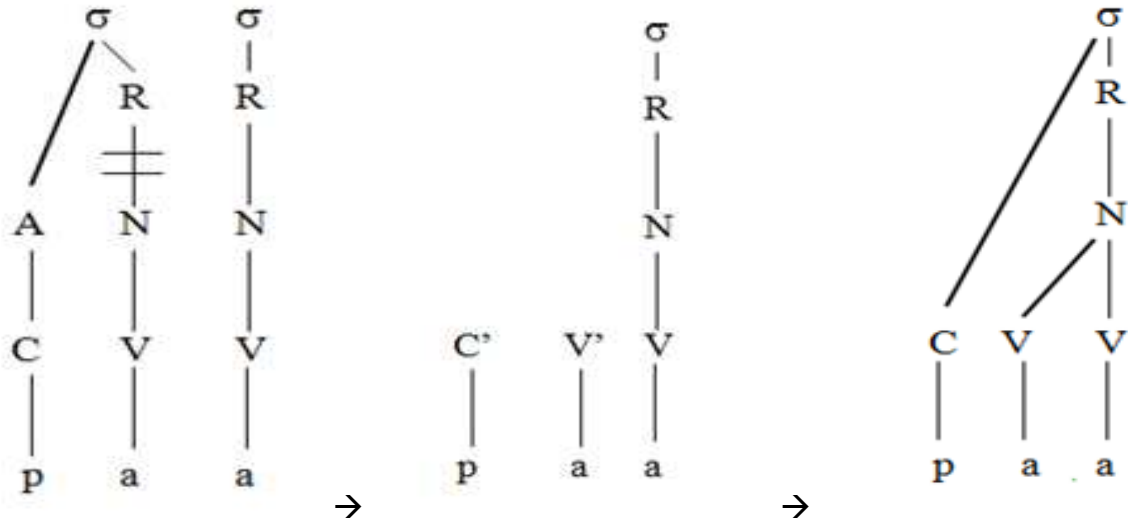
Do quadro e tabela acima, podemos observar que, de modo geral, das sequências candidatas à aplicação da *degeminação*, favorecem aquelas em que a forma subsequente é classificada como um item gramatical desacentuado, como em [ko] *tio* (*com* o *tio*), o que resulta no monossílabo [ko], constituído da preposição *com* mais artigo definido masculino *o*, e [ku] *ma criança*, o que resulta no dissílabo [kuma], constituído da preposição *com* mais artigo indefinido feminino *uma*. Nos termos de Veloso (2003), teríamos, quase que categoricamente, aplicação do processo somente quando o item da sequência é outro monomorfema, ou seja, elemento gramatical desacentuado, como o artigo definido *o*. Observamos, ainda, que tanto a vogal oral quanto a nasal são favorecedoras à aplicação do processo.

Apresentadas nossas observações a respeito do processo de sândi externo de *degeminação* em que está envolvida a forma *com*, passaremos a abordar a preposição *para*.

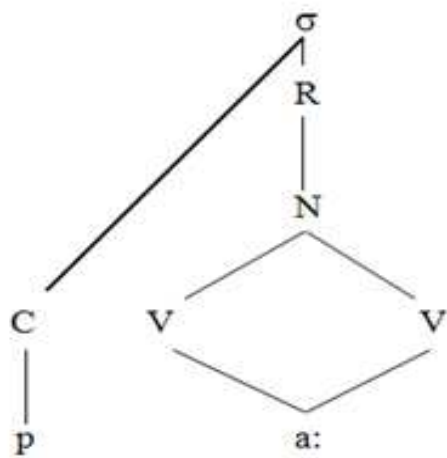
A regra de *degeminação* pode ser representada, para o item *para*, conforme esquema a seguir.

Esquema 10. Representação do processo de *degeminação*

(i) Choque dos Núcleos (ii) Desassociação de Traços de Ligação (iii) Ressilabificação

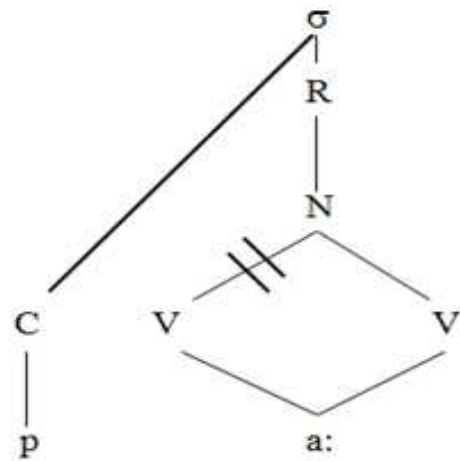


(iv) Princípio do Contorno Obrigatório



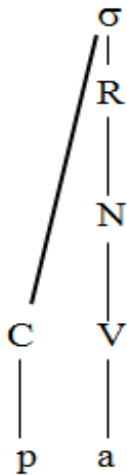
→

(v) Regra do Encurtamento



→

(vi) Forma Reestruturada



Fonte: elaboração própria

Em (i), representamos o início do processo de *degeminação*, quando há um choque nuclear, causado pelo encontro de duas vogais /a/ de mesma qualidade, o que leva à desassociação das linhas, resultando em (ii). Depois da formação do *ataque* silábico, constatamos por meio da representação em (iii), a *ressilabificação*, que associa as duas vogais no mesmo núcleo preexistente. Tendo em vista que a sequência de vogais idênticas é proibida pelo Princípio do Contorno Obrigatório, há, em (iv), uma reconfiguração da representação das vogais no nível melódico. Após essa reconfiguração, ocorre o processo de *encurtamento*, apresentado em (v), a fim de reduzir as duas vogais a apenas uma. Em (vi), visualizamos a sílaba resultante do processo de *degeminação*.

Outro aspecto a ser salientado sobre a aplicação de processos de sândi envolvendo *para* diz respeito ao fato de conter monomorfemas. Trazendo, mais uma vez, as considerações de Veloso (2003) a esse respeito, o item *para* poderia ser classificado por carregar informações gramaticais que devem ser preservadas. Veloso (2003), ao investigar, em dados

da variedade falada em Goiânia, contextos de aplicação dos processos de *sândi externo vocálico ditongação*, *degeminação* e *elisão* nos *monomorfemas*, selecionou sequências constituídas por: (i) *item lexical mais a presença de um monomorfema*, como em *hoje à noite*; (ii) *monomorfema mais item lexical*, como em *para escola*; e (iii) *monomorfema mais monomorfema*, como em *para a*. Para todas as sequências, a autora constatou a possibilidade de aplicação do processo. Quanto aos dados de *para* desta pesquisa, observamos, assim como Veloso (2003), a possibilidade de aplicação da *degeminação* nas sequências constituídas de *monomorfema mais item lexical* e de *monomorfema mais monomorfema*.³⁰ Os resultados obtidos são expressos, a seguir.

Tabela 15. Aplicação do processo de *degeminação* com o item *para*

Item	Item Gramatical Desacentuado + Item Gramatical Desacentuado		Item Gramatical Desacentuado + Item Lexical	
	N	%	N	%
<i>para</i>	319/377	(84,62)	29/67	(43,28)

Fonte: elaboração própria

O processo de *sândi externo vocálico degeminação* não ocorre nos dados da amostra para o item *da*, o que difere de Veloso (2003), que encontrou dados como *d[a]ula* (preposição *da* mais vocábulo *aula*). Nos contextos candidatos à aplicação do processo, verificamos um *alongamento da vogal* do clítico, sem a junção das vogais envolvidas, como em “eu tinha

³⁰ Cabe destacar que as sequências que Veloso define como (i) *item lexical mais monomorfema*, (ii) *monomorfema mais item lexical* e (iii) *monomorfema mais monomorfema*, denominaremos, respectivamente, de (i) *item lexical mais item gramatical desacentuado*, (ii) *item gramatical desacentuado mais item lexical* e (iii) *item gramatical desacentuado mais item gramatical desacentuado*.

VINte anos quando eu me estabeleci... porque o:: dono **d[a:]lfaiataria** um rapaz” (AC-115; NE: L.114-115), em 77,78% (28/36).

Para a preposição *na*, observamos, assim como para a preposição *da*, que, diferentemente do que atesta Veloso (20003), não há sequências como em *n[a]ula* (preposição *na* mais vocábulo *aula*). Dos 32 contextos favoráveis à aplicação da regra, verificamos um *alongamento da vogal* da preposição, mas sem que houvesse a juntura das vogais envolvidas em 40,63%, o que corresponde a 13 ocorrências, como em “o passage(i)ro chega **n[a:]agência...** compra a passagem aérea...” (AC-51; RP: L.327-329)

.Descritos os resultados obtidos para a *degeminação*, passamos, a seguir, a tratar do processo da *ditongação* em contexto de *sândi externo*.

3.2.7. Sândi Vocálico Externo: Ditongação

A *ditongação* é um dos processos de *sândi vocálico externo* que consiste na formação de *ditongos* entre a vogal final (V_1) de um item lexical e a inicial (V_2) de outro. Segundo Bisol (1992), existem dois tipos de *ditongação*: a *crescente*, como em *d[ẽi]teresse*, e a *decrecente*, como em *dʒ[ia]luno*.

Há duas restrições na aplicação do processo, uma no que diz respeito ao acento de palavra e outra, à qualidade da vogal. Para que se aplique essa segunda restrição, é preciso que uma das vogais seja alta, /i, u/, ou uma média alta átona, /e, o/. Caso apenas a primeira vogal seja alta, ela se converte em um glide, ocupando a posição de ataque da sílaba. Se for a segunda vogal alta, passa à posição de coda em decorrência do núcleo de maior sonoridade. Quando ambas são altas, preserva-se a da direita devido à ressilabificação em fronteira de palavra. Sobre o acento, o contexto é favorecedor se as vogais da sequência não são

acentuadas, sendo bloqueado se ambas forem acentuadas. Em outras combinações, pode haver a aplicação do processo, como nas sequências de (i) *átona mais acentuada*, (ii) *acentuada mais átona*. Em nossa amostra, a primeira vogal da sequência será, em todos os casos, átona, podendo ser seguida por uma vogal átona – como *de administração* – ou acentuada – como *de água*.

Tabela 16. O processo de sândi vocálico externo ditongação e as preposições

Processos	Preposições	Exemplos	Ocorrências/ Contextos	%
<i>Sândi Vocálico Externo: Ditongação</i>	<i>da</i>	“pelo que:: se tem uma reposição d[aĩ]flação por o(u)tro lado” (AC-115; RO: L.18-19)	63/86	75,26
	<i>de</i>	“uma área voltada pro segmento d[zia]dministração. ” (AC-99; NE: L.117-118)	426/592	71,96
<i>Redução, Sândi Vocálico Externo: Ditongação</i>	<i>para</i>	“depois uma época continuei trabalhando de empregado pr[au]s o(u)tros” (AC-67; NR: L.79-80)	287/475	60,42
	<i>do</i>	“aí eu cheguei em Cuiabá eu lembro que eu até::... comprei batata pra comê(r) dentro d[ua]vião... ” (AC-51; NE: L.18-19)	98/170	57,65
<i>Sândi Vocálico Externo: Ditongação</i>	<i>no</i>	“a gente vai sempre n[ua]no Novo pra lá” (AC-46; DE: L. 269)	84/163	51,53
	<i>na</i>	“eu sempre falava que eu gostaria de tá trabalhan(d)o n[aĩ]presa aérea...” (AC-51; NE: L.27-28)	40/87	45,98
<i>Queda da nasal + Neutralização + Sândi Vocálico Externo Ditongação</i>	<i>com</i>	“tem várias coisas a hor::ta a marcenari::a serralheria pro cê ficá(r) lá conversan(d)o [koa] rapazia::da” (AC-29; DE: L. 124-125)	181/489	37,01
<i>Queda da Nasal + Sândi Vocálico Externo: Ditongação</i>		“aí assim... teve problema [koa] minha avó” (AC-52; NE: L. 27)	09/489	01,84
Total			1189/2062	57,66

Fonte: elaboração própria

Iniciamos por observar que a grande maioria das ocorrências de *da* não sofre a aplicação de qualquer processo fonético-fonológico em 83,99% (940/1062). As justificativas são encontradas com base na qualidade da vogal. Das vogais do Português, de acordo com Camara Jr. (1970), a vogal /a/, por ser a mais baixa, é considerada a mais estável. Os resultados obtidos nesta pesquisa para as preposições que contêm a vogal /a/ nos conduz a postular que o observado pelo autor reduziria a aplicação de processos fonéticos fonológicos.

Quanto aos dados apresentados na Tabela 17, observamos a aplicação de *ditongação*, para a forma singular do clítico *da*, em 75,26% dos ambientes favoráveis.³¹

Quadro 12. Sequências observadas para a *ditongação* do item *da*

Contexto prosódico	Exemplos
[a+e] ~ [a+i]	<i>d[ai]Scola</i>
[a+ĩ]	<i>d[aĩ]presa</i>
[a+i]	<i>d[ai]migração</i>
[a+ĩ]	<i>d[aĩ]veja</i>
[a+u]	<i>d[au]ltima</i>

Fonte: elaboração própria

³¹ Não encontramos as sequências: [a+o] ~ [a+u], [a+õ] ~ [a+ũ], [a+ũ].

Tabela 17. Índices observados para a *ditongação* do item *da*

Sequências	Ocorrências	%
[a+e] ~ [a+i]	14/18	77,78
[a+ĩ]	11/14	78,57
[a+i]	23/34	67,65
[a+ĩ]	07/09	77,78
[a+u]	08/11	72,73
	63/86	75,26

Fonte: elaboração própria

Como apresentado no quadro e tabela, acima, tendo em vista a qualidade da vogal da preposição provoca a formação de um ditongo crescente em todos os contextos. De modo geral, verificamos que tanto vogais orais e nasais, quanto itens lexicais e gramaticais que se seguem à preposição favorecem a aplicação do processo.

Para a preposição *de*, a aplicação da *ditongação* é de 71,96%, (426/592). No quadro e tabela, a seguir, há a apresentação dos contextos prosódicos favorecedores à *ditongação*, bem como os índices observados.

Quadro 13. Sequências vocálicas observadas para a *ditongação* do item *de*

Contextos Prosódicos	Exemplos
[i+a]	<i>d[zi̯a]migo</i>
[i+ã]	<i>d[zi̯ã]tigamente</i>
[i+e]	<i>d[zi̯e]moção</i>
[i+ê]	<i>d[zi̯ê]trada</i>
[i+ɛ]	<i>d[zi̯ɛ]poça</i>
[i+o]	<i>d[zi̯o]brigaçã</i>
[i+õ]	<i>d[zi̯õ]bro</i>
[i+ɔ]	<i>d[zi̯ɔ]culos</i>
[i+u]	<i>d[zi̯u]rgência</i>
[i+ũ]	<i>d[zi̯ũ]tar</i>

Fonte: elaboração própria

Tabela 18. Índices de *ditongação* do item *de*

Sequências	Ocorrências	%
[i+a]	216/222	97,30
[i+ã]	06/08	75,00
[i+e]	47/50	94,00
[i+ê]	05/05	100,00
[i+ɛ]	05/06	83,33
[i+o]	59/62	95,16
[i+õ]	04/04	100,00
[i+ɔ]	18/18	100,00
[i+u]	11/14	78,57
[i+ũ]	55/203	27,09
	426/592	71,96

Fonte: elaboração própria

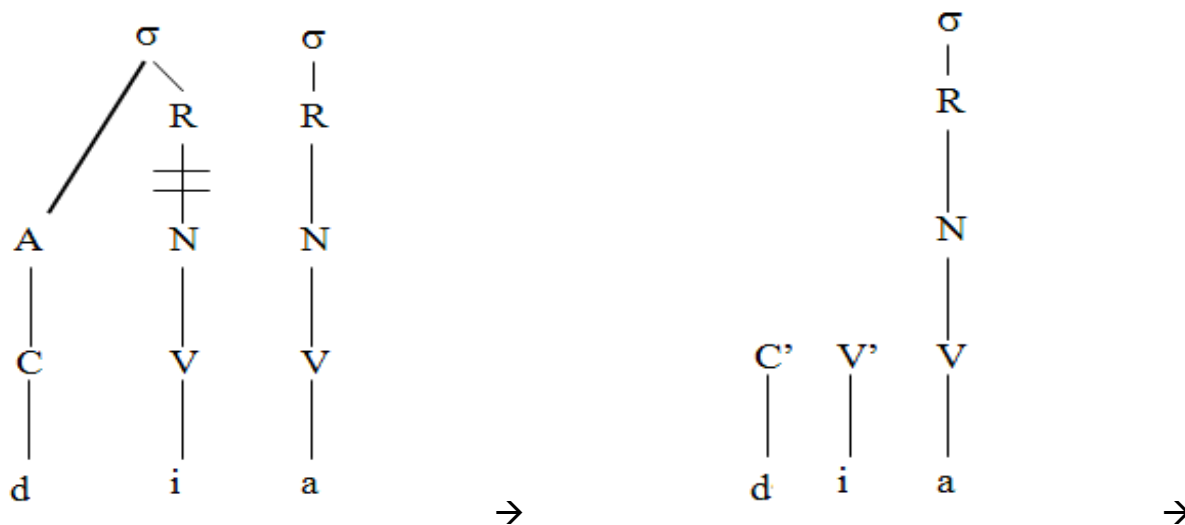
Pode-se verificar que a primeira vogal da sequência é alta, fato decorrente da neutralização que afeta a vogal da preposição. Desse modo, há contexto para a aplicação da *ditongação*. Ainda em relação ao Quadro 13, é possível constatar que tanto vogais orais quanto nasais favorecem a aplicação da *ditongação*, levando, de modo geral, altos índices de aplicação. Há uma ressalva somente no que diz respeito à última sequência, [i+ũ]. Dos 203 contextos favoráveis à ocorrência da regra, 198 correspondem à forma subsequente *um(a)*, como em *de uma* pessoa. Nesse contexto, como veremos mais detalhadamente, a seguir, ocorreu, preferencialmente, a aplicação do processo de *elisão*.

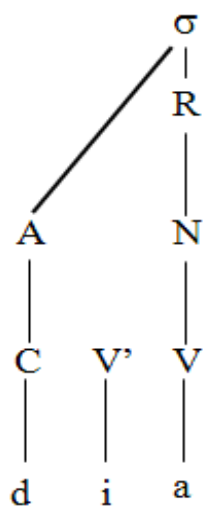
De acordo com Bisol (1992), quando somente a primeira vogal da sequência é alta, converte-se em um glide, passando a ocupar a posição de ataque da sílaba. Desse modo, propomos a seguinte representação para a regra da *ditongação* envolvendo a preposição *de*:

Esquema 11. Representação do processo de *ditongação*

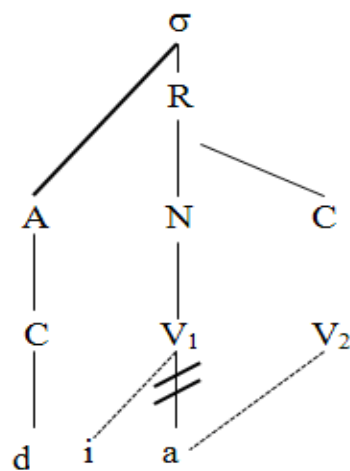
(i) *Choque silábico*

(ii) *Desaparecimento da Primeira Sílab*

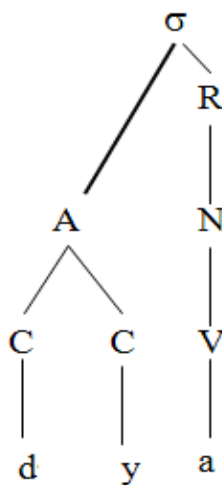


(iii) *Ressilabificação*

→

(iv) *Princípio do Licenciamento Prosódico*

→

(v) *Princípio da Sonoridade Sequencial***Fonte:** elaboração própria

O choque silábico provoca o desaparecimento da primeira sílaba (i), fato que deixa flutuantes a consoante (C') e a vogal (V') (ii). A ressilabificação incorpora a consoante ao

núcleo preestabelecido, momento em que se forma a sílaba CV (iii). Atendendo ao *Princípio do Licenciamento Prosódico*, a ressilabificação ocorre novamente para licenciar V' (iv).

Devido ao fato de a V₂ apresentar um segmento mais sonoro do que a V₁, passa a ser o pico da sílaba que será anexada. Em (v), podemos observar que, graças ao *Princípio da Sonoridade Sequencial*, a V₂, que ao ficar na posição de *ataque* (C), acaba formando um ataque complexo, CCV, com V₁ na posição de *núcleo* (N). Por fim, em sua nova posição dentro da estrutura silábica, /i/ converte-se automaticamente em *glide*, [y], e há a formação do *ditongo*.³²

Considerando o item *para*, duas sequências são observadas: (i) vogal baixa /a/ mais a alta anterior /i/, com em *para investigar*, ou (ii) vogal baixa /a/ mais a alta posterior /u/, como em *para urbanizar*. Desse modo, em todos os contextos em que o processo se aplicou, houve a formação de um *ditongo crescente*.

Cabe retomar, ainda, as considerações de Veloso (2003) sobre os *monomorfemas*, segundo as quais o item *para*, por veicular informações morfológicas que devem ser preservadas, pode ser definido como contendo *monomorfemas*. Quanto ao processo da *ditongação*, Veloso (2003) observou a sua aplicação em todas as sequências constituídas por: (i) *item lexical mais item gramatical desacentuado*, como em *hoje à noite*; (ii) *item gramatical desacentuado mais item lexical*, como em *para escola*; e (iii) *item gramatical desacentuado mais item gramatical desacentuado*, como em *para o*.

Na Tabela 16, observamos a aplicação da *ditongação* para a preposição *para* em 60,42%. Tendo em vista os segmentos do item *para*, obtivemos, como ambientes favoráveis à ocorrência da regra, as sequências: (ii) e (iii).

³² Cabe destacar que seguimos a proposta de Bisol (1992) para a representação do fenômeno.

Tabela 19. Aplicação do processo de *ditongação* com o item *para*

Item	Item Gramatical Desacentuado + Item Gramatical Desacentuado		Item Gramatical Desacentuado + Item Lexical	
	N	%	N	%
<i>para</i>	07/181	(03,87)	280/294	(95,24)

Fonte: elaboração própria

Conforme explica a tabela acima, o contexto mais favorecedor à aplicação do processo foi da sequência constituída por *item gramatical desacentuado mais item lexical*, com em *para estudar*.

Ainda conforme apresentado na Tabela 16, a preposição *do* está sujeita ao processo de sândi vocálico externo *ditongação*. Observamos a aplicação da regra em 57,65% (98/170).

O quadro, a seguir, apresenta as sequências vocálicas nas quais identificamos a *ditongação*.³³ De modo geral, observamos, do Quadro 14 e da Tabela 20, que tanto vogais orais quanto nasais são favorecedoras à aplicação do processo.

³³ Não foram encontradas as sequências: [u+ẽ], [u+õ].

Quadro 14. Sequências observadas para a *ditongação* do item *do*

Contexto prosódico	Exemplos
[u+a]	<i>d[ua]vião</i>
[u+ã]	<i>d[uã]tialérgico</i>
[u+e]	<i>d[ue]x</i>
[u+e] ~ [u+i]	<i>d[ui]scuro</i>
[u+ẽ] ~ [u+ĩ]	<i>d[uĩ]sino</i>
[u+ɛ]	<i>d[ue]ter</i>
[u+i]	<i>d[ui]BAMA</i>
[u+ĩ]	<i>d[uĩ]terior</i>
[u+o]	<i>d[uo]ficial</i>
[u+ɔ]	<i>d[uɔ]culos</i>

Fonte: elaboração própria

Tabela 20. Índices de *ditongação* do item *do*

Sequências	Ocorrências	%
[u+a]	39/51	76,47
[u+ã]	00/02	00,00
[u+e]	00/05	00,00
[u+e] ~ [u+i]	10/23	43,48
[u+ẽ] ~ [u+ĩ]	03/04	75,00
[u+ɛ]	00/02	00,00
[u+i]	06/11	54,55
[u+ĩ]	06/09	66,67
[u+o]	32/61	52,46
[u+ɔ]	02/02	100,00
	98/170	57,65

Fonte: elaboração própria

Para a forma *no*, observamos a aplicação da *ditongação* em 51,53% (84/163) No quadro e tabela, a seguir, há a apresentação das sequências vocálicas favorecedoras à regra.³⁴

Quadro 15. Sequências observadas para a *ditongação* do item *no*

Contexto prosódico	Exemplos
[u+a]	<i>n[ua]rmário</i>
[u+ã]	<i>n[uã]dar</i>
[u+e]	<i>n[ue]conômico</i>
[u+e] ~ [u+i]	<i>n[ui]scuro</i>
[u+ê]	<i>n[uê]dereço</i>
[u+ẽ] ~ [u+i]	<i>n[uẽ]sino</i>
[u+ε]	<i>n[uε]Dinho</i>
[u+i]	<i>n[ui]stado</i>
[u+ĩ]	<i>n[uĩ]prego</i>
[u+o]	<i>n[uo]utro</i>

Fonte: elaboração própria

³⁴ Não ocorreram as sequências: [u+õ], [u+o].

Tabela 21. Índices observados para a *ditongação* do item *no*

Sequências	Ocorrências	%
[u+a]	26/50	52,00
[u+ã]	01/02	50,00
[u+e]	00/04	00,00
[u+e] ~ [u+i]	07/07	100,00
[u+ẽ]	00/03	00,00
[u+ẽ] ~ [u+i]	06/10	60,00
[u+ɛ]	01/04	25,00
[u+i]	07/09	77,78
[u+ĩ]	06/07	85,71
[u+o]	30/67	44,78
	84/163	51,53

Fonte: elaboração própria

Em relação aos contextos prosódicos possíveis à aplicação da *ditongação*, observamos que tanto vogais nasais e orais, quanto itens lexicais e gramaticais, favorecem a aplicação do processo.

Destacamos o fato de a preposição *na* e sua forma plural *nas* não terem sofrido a aplicação de nenhum tipo de processo fonético-fonológico em 82,08% dos dados. Semelhantemente ao que salientamos para as preposições *a(s)* e *da(s)*, justificativas para o alto índice de não aplicação observado podem ser encontradas com base na qualidade da vogal /a/, uma vez que é considerada a mais estável do sistema vocálico do português.

Quanto aos dados apresentados na Tabela 16, observamos a aplicação do processo de *ditongação*, em contexto de sândi vocálico, para a forma *na* em 45,98% dos ambientes favoráveis. Tendo em vista a qualidade da vogal do clítico *na*, observamos a formação de um ditongo crescente em todos os contextos identificados. De modo geral, houve a *ditongação* tanto com vogais orais e nasais, quanto entre a preposição e itens lexicais e gramaticais.

Vejamos, no quadro e tabela, apresentados a seguir, os ambientes candidatos à aplicação desse processo de sândi vocálico externo, bem como os seus índices de ocorrência.³⁵

Quadro 16. Sequências observadas para a *ditongação* do item *na*

Contexto prosódico	Exemplos
[a+e] ~ [a+i]	<i>n[ai]scola</i>
[a+ẽ] ~ [a+ĩ]	<i>n[ãi]presa</i>
[a+i]	<i>n[ai]tália</i>
[a+ĩ]	<i>n[ãi]ternet</i>
[a+u]	<i>n[au]T.I.</i>

Fonte: elaboração própria

Tabela 22. Índices de *ditongação* do item *na*

Sequências	Ocorrências	%
[a+e] ~ [a+i]	17/34	50,00
[a+ẽ] ~ [a+ĩ]	09/11	81,82
[a+i]	13/21	61,90
[a+ĩ]	00/03	00,00
[a+u]	01/18	05,56
	40/87	45,98

Fonte: elaboração própria

³⁵ Não ocorreram as sequências: [a+o] ~ [a+u], [a+õ] ~ [a+ũ], [a+ũ].

No que diz respeito à *ditongação* em ambiente onde há a preposição *com*, houve a aplicação da regra em 38,85% dos dados. Conforme é apresentado na Tabela 16, observamos que há *queda da nasal* da coda e *neutralização* da vogal. Esses processos ocorrem em 37,01% (181/489) dos contextos, como em [kua] *meninada*. Também há a aplicação da *ditongação* sem haver a neutralização da vogal /o/ em 01,84% (o que corresponde a nove dados), como em [koa] *minha avó*. Somados esses nove dados os 181 dados em que a *ditongação* ocorreu, chegamos ao índice de 38,85%. As sequências vocálicas em que houve a aplicação da *ditongação* são listadas abaixo.

Quadro 17. Sequências observadas para a *ditongação* do item *com*³⁶

Contexto prosódico	Exemplos
[u+a]	[kua] <i>menina</i>
[u+e]	[kue] <i>sse menino</i>
[u+i]	[kui] <i>sso</i>
[u+ĩ]	[kũi] <i>teresse</i>
[u+ɛ]	[kue] <i>la</i>

Fonte: elaboração própria

³⁶ Não encontramos a sequência: [u+ã], [u+ẽ].

Tabela 23. Ocorrências de *ditongação* do item *com*

Contexto prosódico	Índices observados	%
[u+a]	106/275	38,55
[u+e]	53/129	41,08
[u+i]	07/25	28,00
[u+ĩ]	01/02	50,00
[u+ε]	23/58	39,66
	190/489	38,85

Fonte: elaboração própria

Conforme é apresentado no quadro e na tabela acima, tanto contextos constituídos por uma sequência de vogais orais quanto por uma vogal oral e outra nasal, há aplicação de processo da *ditongação*. Há uma distinção somente quanto à classe gramatical da palavra subsequente, como veremos a seguir.

No que se refere aos contextos [u+i] e [u+ε], observamos como contextos favoráveis à aplicação do processo apenas quando a palavra subsequente é gramatical e acentuado. Não encontramos, no *cópus*, *ditongação* quando houve *com* seguido de um item lexical. Também não identificamos a *ditongação* quando a sequências segmental foi [u+ĩ] e a segunda vogal pertencente a item gramatical. Houve aplicação da regra somente quando o item seguinte é lexical.

Um cenário mais complexo se configura quando há as sequências vocálicas [u+a] e [u+e]. Para a primeira sequência, a porcentagem de aplicação é de 38,55%. No entanto, essa taxa se configura de modo diverso a depender da classe gramatical do item que se segue à preposição *com*. O ambiente mais favorecedor à *ditongação* é o constituído pela sequência da preposição *com* mais o artigo *a*, com 39,11%, como em [kua] *menina*. Em seguida, com

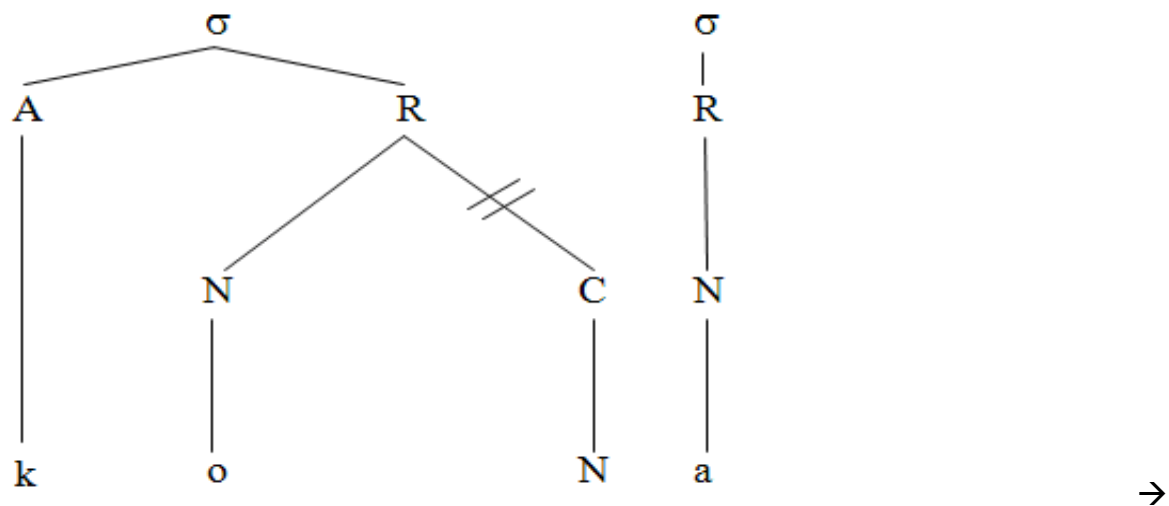
33,33% de aplicação, é a sequência constituída de preposição *com* mais item lexical iniciado pela vogal baixa /a/, como em [kua]mor . Como menos favorecedora, com taxa de 17,14%, é a sequência de preposição *com* mais item gramatical acentuado iniciado pela vogal baixa /a/, como em [kua]quele. Para a sequência vocálica [u+e], verificamos que o ambiente mais propício à aplicação do processo, com taxa de 41,13%, é o constituído de preposição *com* mais item gramatical iniciado pela vogal média alta anterior /e/, como em [kue]sse menino. Por fim, com taxa de apenas 00,40%, ocorre a sequência de preposição *com* mais item lexical iniciado pela vogal média alta anterior /e/, como em [kue]lemento.

Em resumo, considerados os ambientes favoráveis à *ditongação* em contexto de sândi externo identificamos as sequências: (i) *item gramatical desacentuado mais item gramatical desacentuado* como em [kua] menina; e (ii) *item gramatical desacentuado mais item lexical*, como em [kua]legria. Para ambos os contextos, verificamos a possibilidade de aplicação da regra, embora, como apresentado anteriormente, o primeiro ambiente tenha sido o mais favorecedor.

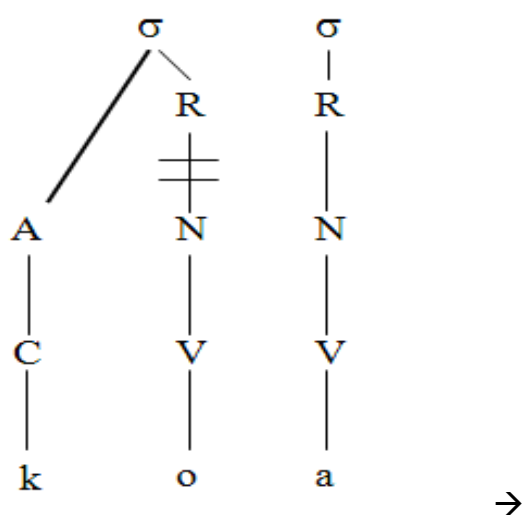
A representação fonológica de aplicação do processo para a preposição *com*, o qual é desencadeado pelo processo de ressilabificação, baseia-se no trabalho de Bisol (1992). Das sequências vocálicas identificadas e candidatas à *ditongação*, acima descritas, selecionamos a primeira, *com a rapaziada*, para ser representada. Vejamos, a seguir, a proposta de representação do processo segmental.

Esquema 12. Representação do processo de *ditongação*

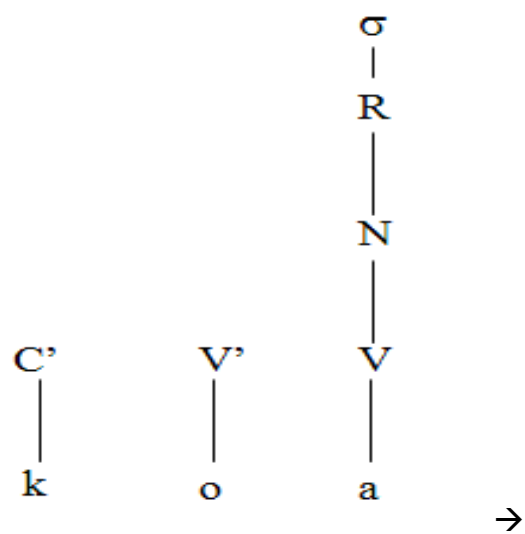
(i) Perda do traço nasal

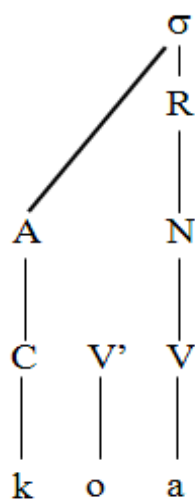


(ii) *Choque silábico*

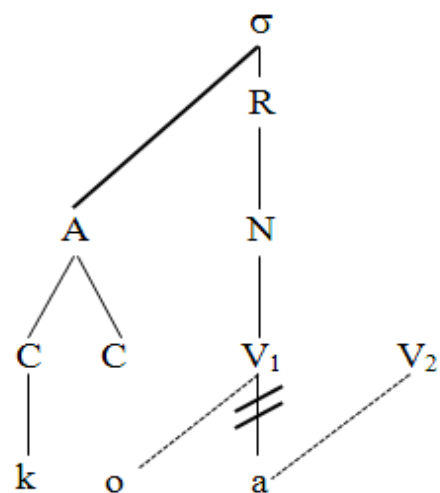


(iii) Desaparecimento da Primeira Sílaba

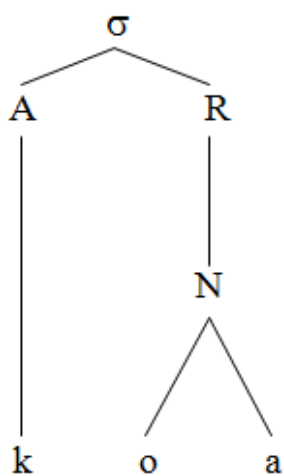


(iv) *Ressilabificação*

→

(v) *Princípio do Licenciamento Prosódico*

→

(vi) *Princípio da Sonoridade Sequencial***Fonte:** elaboração própria

Após a queda do traço [+nasal] da consoante que ocupara a posição de coda silábica (i), observamos, que o choque silábico provoca o desaparecimento da primeira sílaba (ii), fato que deixa as consoantes (C') e a vogal (V') da preposição *com* flutuantes (iii). A

ressilabificação atua (iv), incorporando as consoantes ao núcleo preestabelecido, momento em que se forma a sílaba CV. Atendendo ao Princípio do Licenciamento Prosódico, a ressilabificação ocorre novamente para licenciar V' (v). Devido ao fato de a V₁ apresentar um segmento mais sonoro do que a V₂, passa a ser o pico da sílaba que será anexada. Graças ao Princípio da Sonoridade Sequencial (vi), a V₂ fica na posição de *núcleo* (N) juntamente com V₁. Por fim, configurada a nova posição da vogal dentro da estrutura silábica, há a formação do *ditongo*.

Passemos a tratar da regra da elisão.

3.2.8. Sândi Vocálico Externo: Elisão

A *elisão* diz respeito ao apagamento de vogais em posição não-acentuada de final de palavra, quando o item seguinte se inicia por vogal de qualidade diferente. No caso da preposição *de*, há a possibilidade de a vogal ser elidida se a vogal da palavra seguinte for diferente de /e/, quando houver a forma [de], ou de /i/, quando houver a forma neutralizada [dʒi].

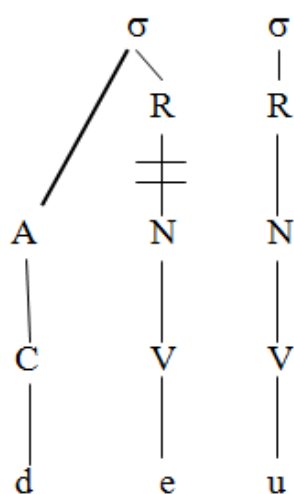
Segundo Bisol (2005), o processo, além de ser considerado variável, é de caráter pós-lexical, porque ocorre somente entre vocábulos, como em *pr[u] menino* (onde *pru* corresponde a junção da preposição *para* mais artigo definido *o*). Em contra partida, os demais processos fonológicos de *sândi vocálico externo* (*degeminação* e *ditongação*) podem ocorrer tanto no interior de palavras, no nível lexical, quanto entre palavras, nível pós-lexical.

Quanto à representação fonológica de aplicação da *elisão*, em seu trabalho de (1996b), a autora postula que o choque silábico incita a separação de um pico silábico, ocasionando o desaparecimento da sílaba que o domina. Esse fato faz com que C' e V' fiquem flutuantes.

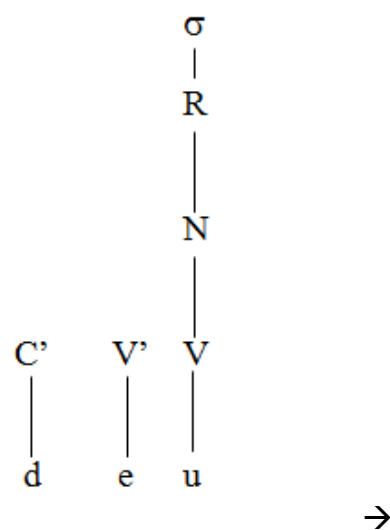
Vejam, nos esquemas, a seguir, como se dá a *elisão* entre a forma reduzida *de* mais artigo indefinido masculino singular *um*.

Esquema 13. Representação do processo de *elisão*

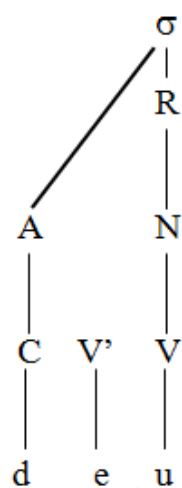
(i) *Choque Silábico*



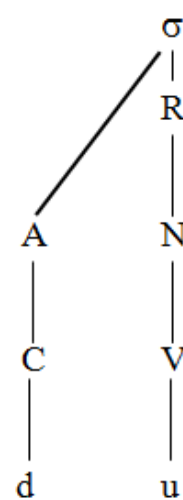
(ii) *Ressilabificação*



(iii) *Apagamento do Elemento Extraviado*



(iv) *Elisão*



Fonte: elaboração própria

A etapa (i) representa a ocorrência do *choque silábico*. Em seguida, (ii), estabelece-se a *ressilabificação* pelo Princípio de Licenciamento Prosódico, havendo a junção da vogal flutuante ao pico silábico já existente. Como um segmento adjungido, a vogal não está, ainda, licenciada, o que faz com que o Princípio de Licenciamento Prosódico assegure a aplicação do Apagamento do Elemento Extraviado, de acordo com o qual segmentos licenciados não são apagados, (iii). Por fim, observamos, como resultado, a *elisão*, (iv).

Vejamos, na tabela, a seguir, as preposições que são acometidas pelo processo da *elisão* em contexto de sândi vocálico externo.

Tabela 24. O processo de sândi vocálico externo *elisão* e as preposições

Processos	Preposições	Exemplos	Ocorrências/ Contextos	%
<i>Redução, Sândi Vocálico Externo: Elisão</i>	<i>para</i>	“nós vendemos o látex... a borracha puma empresa aí” (AC-41; RP: L.105-106)	193/560	34,46
<i>Sândi Vocálico Externo: Elisão</i>	<i>de</i>	“aí a gente chama o pessoal d[ũ]s trin::ta garçom” (AC-32; DE: L.163-164)	153/592	25,84
<i>Queda da nasal + Sândi Vocálico Externo: Elisão</i>	<i>com</i>	“e EU [ka] filha de::La com os filhos dela acabamo(s) ficamo(s) brincan(d)o...” (AC-38; NE: L. 11-12)	99/489	20,25
<i>Sândi Vocálico Externo: Elisão</i>	<i>no</i>	“cê num foi n[ue] roporto” (AC-51; NE: L. 78)	06/163	03,68
	<i>na</i>	“depois aqui n[o](u)tra sa::la... aí tem uma estan::te” (AC-139; DE: L.220)	04/245	01,63
Total			455/2049	22,21

Fonte: elaboração própria

Para a regra da *elisão* envolvendo o item *para*, verificamos que, das 1982 ocorrências desse item, 560 sofreram o processo fonológico, tendo ocorrido a aplicação da *elisão* em 34,46%.

Como destacado, a *elisão* diz respeito ao apagamento de vogais em posição desacentuada de final de palavra, quando o item seguinte inicia-se por vogal de qualidade diferente. No caso da preposição *para*, há a possibilidade de a vogal baixa ser elidida se a vogal da palavra seguinte for diferente de /a/, como em *para escola*.

Assim como observado por Veloso (2003), em dados desta pesquisa, apresentados na Tabela 24, constatamos a ocorrência da *elisão* para a preposição *para* e suas formas variantes *pra* ~ *pa*. Verificamos, como ambientes favoráveis para a aplicação do processo, as sequências: (i) *item gramatical desacentuado mais item gramatical desacentuado*; e (ii) *item gramatical desacentuado mais item lexical*.

Tabela 25. Processo de *elisão* com o item *para*

Item	Item Gramatical Desacentuado + Item Gramatical Desacentuado		Item Gramatical Desacentuado + Item Lexical	
	N	%	N	%
<i>para</i>	193/228	(84,65)	00/332	(00,00)

Fonte: elaboração própria

Da Tabela 25, observamos que houve 84,65% de aplicação da *elisão*, quando a sequência é composta por dois *itens gramaticais desacentuados*, com em *para o*, *para esse*, *para onde*. Por outro lado, quando obtivemos a sequência formada por um *item gramatical desacentuado mais elemento lexical*, como em *para informar*, verificamos o bloqueio do

processo em todos os contextos. Dessa forma, interpretamos que há a possibilidade de aplicação do processo, no primeiro caso, porque há a preservação dos *monomorfemas* nos elementos remanescentes de cada uma das formas: *para o* > *pru* > *pu*. Todavia, no segundo caso, os *monomorfemas preposicionais* não são preservados, como *p[i]formar*, fato que gera restrições para a aplicação da regra.

Retomando a Tabela 25, cabe destacar que, dos 228 ambientes favoráveis à aplicação do processo de *elisão*, na sequência composta por *item gramatical desacentuado mais item gramatical desacentuado*, 181 correspondem à sequência *para o*, contexto também favorável à aplicação do processo de *ditongação* (uma vez que o artigo definido *o* se realiza foneticamente como uma vogal alta [u] em todas as ocorrências). Dos 47 contextos restantes, como em *para esse*, houve a aplicação do referido processo em 24 dos contextos, o que equivale a 51,06%. Dada a possibilidade de aplicação de *ditongação* ou *elisão* nesses contextos, exploramos, na Tabela 26, uma descrição da sequência *para o*, considerando as possibilidades de aplicação dos dois processos.

Tabela 26. Sequência *para o* e os processos de *ditongação* e *elisão*

Sequência	<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>		Nenhum Processo Observado	
	N	%	N	%	N	%
<i>para o</i>	05/181	(02,76)	169/181	(93,37)	07/181	(03,87)

Fonte: elaboração própria

A partir da tabela acima, observamos que a sequência de *item gramatical desacentuado mais item gramatical desacentuado* constituída de *para o* favoreceu a *elisão*,

em 93,37% dos dados, realizando-se como *pr[u]*. Em menor percentual, com 2,76%, verificamos a formação de um *ditongo*, como em *pr[au]*. Em 3,87% dos dados, não averiguamos nenhum processo fonético-fonológico afetando os *monomorfemas*. De modo geral, podemos salientar que os resultados indicam essa sequência como grande favorecedora para a aplicação da *elisão*.

Quanto aos 332 ambientes em que a preposição *para* foi seguida de um item lexical, ressaltamos que 294 eram contextos que também possibilitam a ocorrência da *ditongação*, como em *pra [i]studar*. Como apresentaremos, a seguir, quando temos essa sequência, são raros os casos em que não há a formação de um ditongo. Dos 38 ambientes restantes, é possível a observação apenas da *elisão*, visto que não há a presença de uma vogal alta no início do vocábulo seguinte, mas a das vogais média-baixas /e, o/, como em *pra [e]sse*.

Ainda como apresentado na Tabela 24, verificamos que, das 3.250 ocorrências da preposição *de*, 592 são os ambientes favoráveis à aplicação do processo fonológico de *elisão*. Desses contextos, há a aplicação do processo em apenas 25,84% (153/592).

Outro aspecto a ser destacado é o bloqueio da *elisão* quando há *monomorfemas* na sequência, como é o caso do item *de*. Nesse caso, o bloqueio da *elisão* se dá, pois deve haver preservação de informações morfológicas. Como já anunciamos, Veloso (2003) verificou, da mesma forma que Bisol (2000), o bloqueio da *elisão* nos *monomorfemas*. A *elisão* pode desencadear-se apenas, quando a segunda vogal é pertence a um *monomorfema*, uma vez que somente a primeira vogal da sequência é apagada.

Considerando os contextos favoráveis à aplicação do processo de *sândi externo vocálico elisão*: (i) *item lexical mais item gramatical desacentuado*, (ii) *item gramatical desacentuado mais qualquer item lexical* e (iii) *item gramatical desacentuado mais item gramatical desacentuado*, constatamos – assim como Veloso (2003) observa para os *monomorfemas* – o bloqueio da *elisão* para os seguintes contextos: (i) item subsequente

lexical e (ii) entre *itens gramaticais desacentuados*. Entretanto, a *elisão* se aplica quando o item *de* é seguido do artigo indefinido *um(a)*, como em *dum, дума*, bem como quando é seguido do item gramatical *outro(a)*, resultando *doutro*.

Das 153 ocorrências da *elisão*, 143 correspondem a essa sequência de junção da preposição *de* mais artigo indefinido *um(a)*. Das 10 ocorrências do processo restantes, verificamos a aplicação do processo quando *de* é seguido pelo item gramatical iniciado pela vogal média alta /o/, *outro(a)*, como em *d[o]utra pessoa*.

Na tabela, a seguir, analisamos o contexto mais favorecedor à aplicação da *elisão*, comparando com os dados em que há *ditongação* da preposição *de* seguida de artigo indefinido *um(a)*.

Tabela 27. Sequência *de* e os processos de *ditongação* e *elisão*

Sequência	<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>	
	N	%	N	%
<i>de+ um(a)</i>	55/198	(27,78)	143/198	(72,22)

Fonte: elaboração própria

A tabela acima permite observar que a sequência de *item gramatical desacentuado* mais *item gramatical desacentuado de + um(a)* favorece, sobretudo, a *elisão* (72,22%), realizando-se, como em *dum/duma*. Em menor percentual (27,78%), verificamos a formação de um *ditongo*, como em [dʒiumɐ]. De modo geral, podemos salientar que os resultados indicam que essa sequência é um contexto altamente favorecedor da *elisão*.

Vale salientar, ainda, que os 592 ambientes favoráveis à aplicação da *elisão* são também contextos da *ditongação*. Como vimos, a *elisão* ocorre em 153 dados (25,8%),

enquanto que a *ditongação* em 426 (71,9%). No que diz respeito aos 13 contextos restantes (02,20%), observamos que não sofrem essas duas regras de *sândi vocálico externo*, como em *d[ʒi] amizade*.

Por fim, gostaríamos de enfatizar a afirmação de Veloso (2003), sobre a junção de *de* mais *um(a)*, de que esse tipo de juntura consiste em expressões cristalizadas e que, nesse caso, o apagamento da vogal não implica o apagamento de uma informação morfológica. É possível constatar, até mesmo, na modalidade escrita da língua, a ocorrência de *elisão* para *de um(a) ~ dum(a)*. A consoante após a *elisão* garante o reconhecimento do vocábulo com a consequente preservação da informação morfológica. Nesse mesmo sentido, conseguimos buscar explicações para a aplicação da *elisão* quando temos na sequência o item gramatical *outro(a)*.

Como apresentado na Tabela 24, verificamos que, das 1143 ocorrências do item *com*, 489 foram em ambientes favoráveis à aplicação do processo fonológico de *elisão*. Desses contextos, observamos a aplicação do processo em 20,25%.

No caso da preposição *com*, o contexto de *elisão* se configura se a vogal da palavra seguinte não for uma vogal posterior /o/ ou /u/, como em *[ke]sse menino (com esse menino)*. O processo de *elisão*, de acordo com Bisol (1992), tem, como fator desencadeador, uma rejeição à sequência de dois núcleos silábicos de palavras diferentes.

No quadro e tabela, a seguir, apresentamos os contextos prosódicos e os índices referentes à aplicação da *elisão* a depender do contexto segmental.

Quadro 18. Sequências observadas para a *elisão* do item *com*³⁷

Contexto prosódico	Exemplos
[o+a]	[ka] <i>menina</i>
[o+e]	[ke] <i>sse menino</i>
[o+ɛ]	[kɛ] <i>la</i>

Fonte: elaboração própria

Tabela 28. Ocorrências de *elisão* do item *com*

Contexto prosódico	Ocorrências	%
[o+a]	88/275	32,00
[o+e]	05/129	03,88
[o+ɛ]	06/58	10,34
[u+i]	00/25	–
[u+ĩ]	00/02	–
	99/462	20,25

Fonte: elaboração própria

Do quadro acima, constatamos que somente houve *elisão* da preposição *com* com itens gramaticais. Da mesma forma que observado por Veloso (2003), para os monomorfemas, observamos, para o item *com*, que, quando é seguido de um item lexical, há uma restrição para a aplicação da *elisão*. Por outro lado, há a possibilidade de aplicação da *ditongação*, como exemplifica *[ka]mor, mas [kua]mor.

Em resumo, o contexto mais suscetível à ocorrência da *elisão*, com 32,00% de aplicação, foi o constituído pela preposição *com* mais artigo definido *a*, o que configura uma sequência de *itens gramaticais desacentuados*. Os demais ambientes dizem respeito à

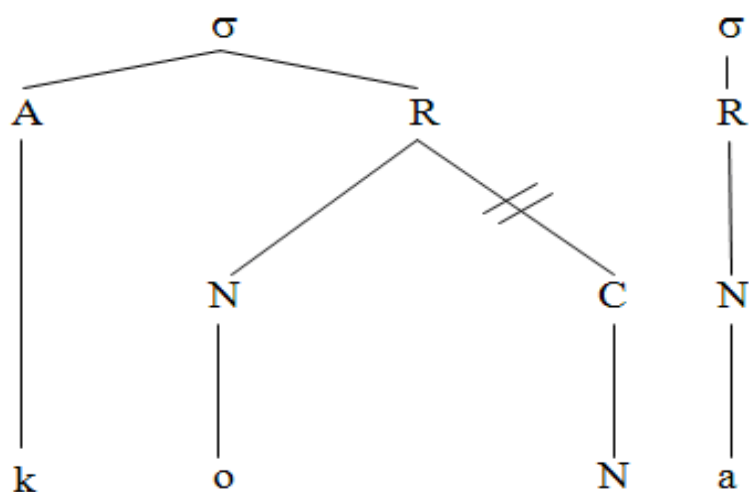
³⁷ Não encontramos as sequências: [o+i] e [o+ĩ] que correspondem a 27 dados que favoreceram somente a aplicação da ditongação (27+462= 489 contextos para *elisão* e *ditongação*).

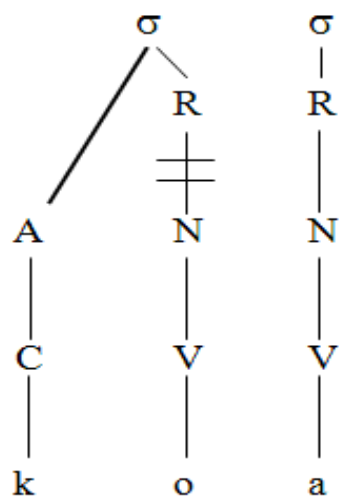
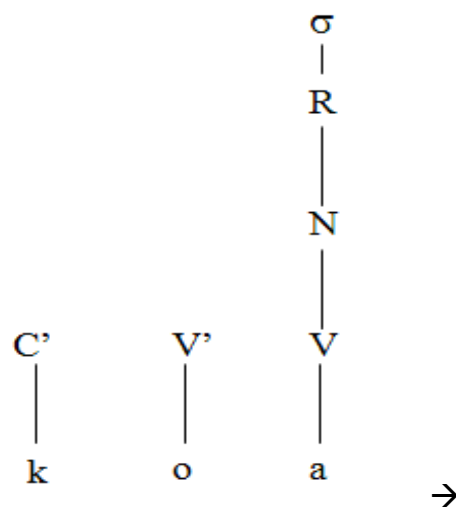
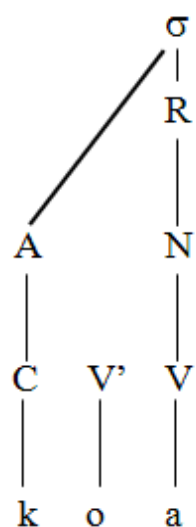
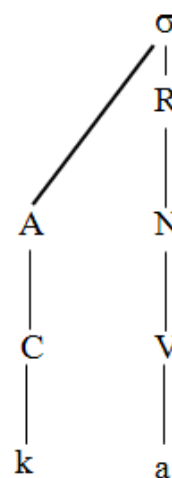
sequência de *com* e um pronome demonstrativo, *com esse(a)*, ou um pronome do caso reto, *com ele(a)*.

Quanto à representação fonológica de aplicação da *elisão*, apresentamos, a seguir, o processo entre a forma *com* e o artigo definido feminino singular *a*, em uma sequência como [ka]menina. (deixar claramente explicitado que o que ocorre com *da*, *na*, *ca* e *pra* são os mesmos processos, o que os difere é que duas últimas formas ainda estão em processo de mudança linguística).

Esquema 14. Representação do processo de *elisão*

(i) Queda da nasal



(ii) *Choque Silábico*(iii) *Ressilabificação*(iv) *Apagamento do Elemento Extraviado*(v) *Elisão*

Fonte: elaboração própria

Em (i), observamos a queda da nasal. Já em (ii), a ocorrência do *choque silábico*. Em seguida, em (iii), a *ressilabificação* é estabelecida pelo Princípio de Licenciamento Prosódico, havendo a junção da vogal flutuante ao pico silábico já existente. Como um segmento

adjungido, a vogal não está, ainda, licenciada, o que faz com que o Princípio de Licenciamento Prosódico assegure a aplicação do Apagamento do Elemento Extraviado, de acordo com o qual segmentos licenciados não são apagados, em (iv). Por fim, observamos, como resultado, a *elisão*, em (v).

Cabe salientar que observamos a ocorrência da regra da *elisão* em 03,68% (06/163) para a preposição *no*. Trataram-se de casos em que a vogal apagada foi a da palavra seguinte, como em *n[ʊɛ]roporto*.

Um aspecto a ser salientado é tendência de a *elisão* não ocorrer em *monomorfemas*, como é o caso do item *no*. A presença de dois *monomorfema* em *no* leva à preservação de informações morfológicas, o que restringe a aplicação do processo. Como já observado anteriormente, Veloso (2003) verificou, da mesma forma que Bisol (2000), o bloqueio da *elisão* nos *monomorfemas*. Entretanto, quando é a segunda vogal o *monomorfema*, a *elisão* pode ser desencadeada, uma vez que somente a primeira vogal da sequência é apagada. Foi esse o contexto no qual observamos a aplicação da *elisão* envolvendo o item *no*.

No que se refere à *elisão* com a preposição *na*, identificamos a aplicação somente em quatro dos 245 contextos candidatos à ocorrência do processo (o que equivale a 01,63%), os quais também são favoráveis à aplicação da *ditongação* e do *hiato*. Trataram-se de casos em que foi apagada a vogal da preposição. Em três das ocorrências, a palavra seguinte era uma forma gramatical acentuada, como em *n[o]tra pessoa*. Em apenas uma, observamos a junção da vogal da preposição e a da palavra seguinte, sendo esta um item lexical, como em *n[õ]de*.

Vejamos no quadro e tabela, abaixo, os contextos prosódicos e os índices observados.

Quadro 19. Sequências observadas para a *elisão* do item *na*³⁸

Contexto prosódico	Exemplos
[a+o]	<i>n[o]tra</i>
[a+õ]	<i>n[õ]de</i>

Fonte: elaboração própria

Tabela 29. Índices de *elisão* do item *na*

Contexto prosódico	Ocorrências	%
[a+o]	03/21	14,29
[a+õ]	01/01	100,00
	04/22	18,18

Fonte: elaboração própria

Desses resultados, destacamos a tendência de a *elisão* não ocorrer em *monomorfemas*, como é o caso do item *na*, pois, nesses casos, a não aplicação do processo garante que haja a preservação de informações morfológicas. Tanto Bisol (2000) quanto Veloso (2003) atestaram o bloqueio da *elisão* no caso dos *monomorfemas*.

3.3. Resumo

Nesta seção, são apresentados os resultados quantitativos acerca da descrição prosódica das preposições *a*, *de*, *por*, *com*, *em*, *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *ao(s)*, *à(s)* e *p(ar)a*

³⁸ Não ocorreram as sequências: [a+e], [a+e] ~ [a+i], [a+ẽ], [a+ẽ] ~ [a+ĩ], [a+i], [a+ĩ], [a+o] ~ [a+u], [a+õ] ~ [a+ũ], [a+ũ].

na variedade do Noroeste Paulista. Como resultados principais, observamos que as preposições estão sujeitas a dois tipos de processos: os que afetam algum segmento das preposições e os que ocorrem em contexto de juntura.

Nos quadros, a seguir, procuramos retomar a descrição realizada de modo a sintetizar os processos fonético-fonológicos verificados. Em cinza, representamos a aplicação dos processos; em verde, a não aplicação das regras, embora houvesse contexto favorável; e, em branco, sinalizamos a ausência de contexto para que os processos ocorram.

Quadro 20. Os processos segmentais e as preposições

Preposições Processos Léxicais	A	AO	ÁS	AOS	COM	EM	NO	NA	NOS	NAS	DE	DO	DA	DOS	DAS	PARA	POR	
Apagamento do "r" em final de sílaba																		
Assimilação da nasal																		
Ditongação																		
Metátese																		
Queda da Consoante Nasal																		
Neutralização Vocálica																		
Palatalização da Consoante "d"																		
Redução Fonológica																		

Fonte: elaboração própria

Quadro 21. Os processos de juntura externa e as preposições

Preposições Processos Pós-Lexicais	A	AO	ÀS	AOS	COM	EM	NO	NA	NOS	NAS	DE	DO	DA	DOS	DAS	PARA	POR
Haplologia																	
Vozeamento da Fricativa em Coda																	
Degeminação Consonantal																	
Tapping																	
Hiato																	
Sândi Vocálico Externo: Degeminação																	
Sândi Vocálico Externo: Ditongação																	
Sândi Vocálico Externo: Elisão																	

Fonte: elaboração própria

De maneira, encerra-se esta seção, cabendo destacar que, das regras descritas, focaliza-se, na seção seguinte, somente as de sândi vocálico externo *degeminação*, *ditongação* e *elisão* por possibilitarem investigar a prosodização das preposições em estudo.

SEÇÃO 4

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PROSODIZAÇÃO DE PREPOSIÇÕES

Nesta seção, trataremos dos processos segmentais que afetam algumas das preposições, visando interpretar os resultados descritos como índices da prosodização dessas preposições. A partir do que é descrito na seção 3 desta dissertação, discutimos somente acerca das preposições *de*, *do*, *da*, *em*, *no*, *na*, *com* e *p(ar)a*, uma vez que apresentam ambientes propícios para junção, configurando contextos para aplicação dos processos de sândi vocálico externo.

4.1. Preposições monossilábicas em contexto de sândi externo

Inicialmente, faz-se necessário considerar que foram 3.612 ocorrências potencialmente sensíveis à aplicação dos processos de sândi vocálico, e esses processos ocorreram em 2.397 ocorrências, o que equivale a 66,36%. Na tabela, a seguir, apresentamos os resultados anteriormente descritos para os contextos de sândi vocálico de modo a visualizar o comportamento geral das preposições monossilábicas.

Tabela 30. Comparação da aplicação do sândi vocálico entre as preposições monossilábicas

Preposições	<i>Degeminação</i>		<i>Elisão</i>		<i>Ditongação</i>		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>de</i>	82/294	27,89	153/592	25,84	426/592	71,96	661/886	74,60
<i>do</i>	07/62	11,29	-	-	98/170	57,65	105/232	45,26
<i>da</i>	-	-	-	-	63/86	75,26	63/86	75,26
<i>em</i>	07/18	38,89	-	-	-	-	07/18	38,89
<i>no</i>	14/69	20,29	06/163	03,68	84/163	51,53	104/232	44,83
<i>na</i>	-	-	04/245	01,63	40/87	45,98	44/332	13,25
<i>com</i>	296/333	88,89	99/489	20,25	190/489	38,85	585/822	71,17
<i>para</i>	348/444	78,38	193/560	34,46	287/475	60,42	828/1004	82,47
Total							2397/3612	66,36

Fonte: elaboração própria

Da tabela acima, é possível observar uma tendência geral no que concerne tanto a descrição quanto a interpretação dos resultados. De um lado, temos um grupo composto por *de*, *da*, *do*, *no* e *na*; de outro, o constituído por *com* e *para*.

No que diz respeito ao primeiro grupo, a primazia é pela aplicação da *ditongação*. Para os itens com vogais médias altas, *de*, *do* e *no*, verificamos, na sequência, a ocorrência dos de *degeminação* e, salvo o item *do*, o de *elisão*. Quanto às formas que contêm a vogal baixa /a/, *da* e *na*, não averiguamos a aplicação da *degeminação* e, em pequena proporção, constatamos a *elisão* somente para a preposição *na*. Para o segundo grupo, verifica-se a preferência pela ocorrência da *degeminação* seguida da *ditongação* e *elisão*. Por fim, ocorrendo de forma um pouco distinta dos demais itens, temos a preposição *em*, para a qual foi verificada a aplicação de somente um dos processos de sândi vocálico externo, o da *degeminação*.

Apresentados os números referentes à comparação da aplicação dos processos de sândi vocálico entre as preposições monossilábicas, na subseção seguinte, buscamos tratar das considerações acerca do fenômeno da prosodização a partir da análise das variáveis linguísticas selecionadas.

4.2. Evidências segmentais da prosodização das preposições monossilábicas

Como já detalhado na seção sobre a metodologia adotada nesta pesquisa, a hipótese inicial para a *variável distância do clítico em relação ao hospedeiro* é a de que o comportamento fonológico do clítico, no que diz respeito à atuação de processos de sândi, pode ser influenciado quanto mais próximo estiver de seu hospedeiro. Para tanto, analisamos o contexto morfofonológico em que cada preposição ocorre, bem como a proeminência fonológica do item adjacente à preposição, o que nos leva a considerar dois fatores: a classe gramatical e a tonicidade do item que segue a preposição. Verificamos, dessa forma, se as preposições estão adjacentes a uma palavra fonológica, como em *com amor*, ou se há algum outro elemento clítico entre elas e seu hospedeiro, como em *com a rapaziada*. São três os contextos de análise, a saber:

- (a) *preposição + item gramatical acentuado*, como em *com esse menino*;
- (b) *preposição + item gramatical não-acentuado*, como em *para a menina*;
- (c) *preposição + item lexical*, como em *da rapaziada*.

Mostraremos, a seguir, os resultados encontrados, destacando que, a depender da preposição em questão, há variação na ordem de porcentagem de aplicação dos processos de

juntura externa. Iniciamos a descrição e análise desses resultados para a preposição *de*, apresentando a tabela abaixo.

Tabela 31. Sândis externos e contextos morfofonológicos para *de*

Contextos	Processos					
	<i>Degeminação</i>		<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prep. + item gram. acentuado	14/71	19,72	-	-	10/13	76,92
Prep. + item gram. não-acentuado	-	-	55/198	27,78	143/198	72,22
Prep. + item lexical	68/223	30,49	371/381	97,38	-	-

Fonte: elaboração própria

Da tabela anterior, observamos que, quando o item da sequência é lexical, há a preferência pela aplicação da *ditongação*, 97,38%, como em *d[ʒia]dministração*. Em seguida, em menor percentual, ocorre a *degeminação*, como em *d[ʒi]formática*. Conforme apresentado na tabela acima, foram 223 os ambientes propícios à aplicação da *degeminação*, que compreendem a sequência *preposição mais item lexical*. O processo se aplicou em 68 dados, o que corresponde a 30,49%. Por fim, considerando os contextos para *elisão*, constatamos que não há aplicação desse processo. Dessa forma, encontramos a seguinte ordem de aplicação de processos de juntura para essa sequência: *ditongação* > *degeminação*, e, principalmente, o fato de a *elisão* ter sido bloqueada.

Quando observamos a sequência constituída da preposição *de* mais item gramatical acentuado, como em *d[e]u*, verificamos que os resultados se diferem no que se refere aos processos de *degeminação* e de *elisão*. Temos a seguinte ordenação de taxa de aplicação dos processos: *elisão* > *degeminação*, e não ocorre a *ditongação*. Para a *elisão*, verificamos que, dos 13 contextos candidato à aplicação da regra, em 10 o processo ocorreu, o que equivale

76,92%, como em *d[o]utra pessoa*. Para a *degeminação*, há a aplicação de 14 dos 71 ambientes constituídos pela sequência em questão (cf. Tabela 31), como em *d[e]u (de eu)*, o que corresponde a 19,72%.

Quando o item subsequente é um item gramatical que não tem estatuto de palavra fonológica, como em *d[ũ] (de um)*, há a aplicação da *elisão* e, na sequência, o de *ditongação*. Para esta regra, dos 198 contextos formados por essa sequência, o processo de se aplicou em 55, o que equivale a 27,78%. Para aquele, em 143, o que corresponde a 72,22%.

Ainda quanto à preposição *de*, observamos que pode ser prosodizada tanto com um item lexical quanto com item gramatical acentuado, o que diz respeito à ocorrência dos processos *ditongação* e *degeminação*. No entanto, se observarmos a *elisão*, constatamos que *de* se prosodiza apenas com outro item gramatical desacentuado.

Passamos à descrição do comportamento prosódico do item *do*. De acordo com a Tabela 32, para a sequência preposição mais item lexical, como em *do amigo*, há aplicação somente da *ditongação*, 57,65%, o que equivale a todas as ocorrências no cópús. Quando essa preposição é seguida de um item gramatical acentuado, como em *do outro*, constatamos a aplicação da *degeminação* somente em 11,29%. Não encontramos contextos em que essa forma fosse seguida de um item gramatical átono.

Tabela 32. Sândis externos e contextos morfofonológicos para *do*

Contextos	Processos					
	<i>Degeminação</i>		<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prep. + item gram. acentuado	07/62	11,29	-	-	-	-
Prep. + item gram. não-acentuado	-	-	-	-	-	-
Prep. + item lexical	-	-	98/170	57,65	-	-

Fonte: elaboração própria

Passamos a considerar a preposição *da*, apresentando os resultados na Tabela 33. Iniciamos por observar a sequência preposição mais item lexical e constatamos que somente se aplicou o processo de *ditongação*. Não houve a aplicação nem da *degeminação*, nem da *elisão*. Nos contextos de *degeminação*, houve alongamento da vogal, com taxa de 77,78% dos dados.

Tabela 33. Sândis externos e contextos morfofonológicos para *da*

Contextos	Processos					
	<i>Degeminação</i>		<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prep. + item gram. acentuado	-	-	-	-	-	-
Prep. + item gram. não-acentuado	-	-	-	-	-	-
Prep. + item lexical	-	-	63/86	75,26	-	-

Fonte: elaboração própria

Similarmente ao que ocorre com o item *de* e, sobretudo, com o item *do*, destacamos que há: (i) o bloqueio da regra da *elisão*, caso o item subsequente seja de conteúdo; (ii) a preferência pela *ditongação*, caso o vocábulo seguinte seja lexical; (iii) não há um elemento gramatical desacentuado na sequência – como para o item *do*; e (iv) a prosodização do item, principalmente, com um item lexical.

Comprovando as hipóteses de Bisol (2005) sobre os clíticos e os processos de sândi vocálico externo, constatamos que a *ditongação* é um forte indício de que as preposições *de*, *do* e *da* funcionam como clíticos prosódicos, notadamente, quando seguidos de um item lexical. A *elisão*, por outro lado, revela que podem ser prosodizados quando o item adjacente é gramatical e desacentuado.

Como exposto na Tabela 34, a preposição *em* também é sujeita à aplicação dos processos de sândi vocálico externo, particularmente, o da *degeminação*. Quanto aos contextos morfofonológicos selecionados, verificamos que ocorre, diferentemente do que é observado para os demais itens, a fusão das vogais envolvidas somente quando item anterior é lexical, como em *hoj[i] dia*, o que é decorrente da própria estrutura do item. Vejamos a tabela, a seguir, onde são apresentados os contextos em relação aos índices de aplicação dos processos de sândi.

Tabela 34. Sândis externos e contextos morfofonológicos para *em*

Contextos	Processos					
	<i>Degeminação</i>		<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prep. + item gram. acentuado	-	-	-	-	-	-
Prep. + item gram. não-acentuado	-	-	-	-	-	-
Prep. + item lexical	07/18	38,89	-	-	-	-

Fonte: elaboração própria

Da tabela anterior, constatamos que a *degeminação* ocorre em 38,89%. Salientamos, ainda, que não observamos a aplicação da *ditongação* e da *elisão*. Da discussão apresentada por Bisol (2005), observamos que a *degeminação* pode ser considerada um indício de que essa preposição funcione como um clítico prosódico, com a ressalva de o vocábulo precedente ser lexical.

Passemos a tratar da descrição dos processos de sândi e contextos morfofonológicos para a preposição monossilábica *no*. Na Tabela 35, a seguir, são apresentados os índices observados.

Tabela 35. Sândis externos e contextos morfofonológicos para *no*

Contextos	Processos					
	<i>Degeminação</i>		<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prep. + item gram. acentuado	-	-	-	-	-	-
Prep. + item gram. não-acentuado	-	-	-	-	-	-
Prep. + item lexical	14/69	20,29	84/163	51,53	06/163	03,68

Fonte: elaboração própria

Quanto à configuração prosódica da preposição *no*, considerando que o vocábulo subsequente seja lexical, constatamos a seguinte ordem de aplicação dos processos de juntura: *ditongação*, 51,53% > *degeminação*, 20,29% > *elisão*, 03,68%. Não observamos a aplicação dos processos de juntura quando esse item é seguido de um elemento gramatical acentuado ou não.

É válido enfatizar, novamente, a ocorrência do processo de *elisão* envolvendo o clítico preposicional *no* e o hospedeiro adjacente. Bisol (2000) afirma que há o bloqueio da regra no que concerne aos monomorfemas. Veloso (2003) constatou, ainda, que o processo não ocorre se o item seguinte ao monomorfema for lexical. Nos dados desta amostra, observamos que há apagamento da vogal do hospedeiro e não a do item gramatical *no*, como em *n[ue]roporto*. Assim sendo, como foi a segunda vogal a apagada, a *elisão* pôde ser desencadeada, uma vez que a vogal da preposição, a qual contém o monomorfema, foi preservada.

Ainda quanto à preposição *no*, destacamos que há a preferência pela *ditongação*, caso o vocábulo seguinte seja lexical. Dessa forma, é possível afirmar que esse processo de juntura se configura como uma forte evidência de que a preposição *no* funciona como um clítico prosódico.

A caminho do que ocorre com as preposições *de*, *do*, *da* e *no*, a primazia pela aplicação do processo de sândi vocálico externo *ditongação* pode ser considerada um indício

de que essa preposição funcione como um clítico prosódico, notadamente, se o vocábulo adjacente for lexical. Conforme apresentado na Tabela 36, a seguir, o processo ocorreu em 45,98%, como em *n[ã]presa*. Para esse item, não averiguamos, da mesma forma que para a preposição *da*, a aplicação da *degeminação*. Dos contextos candidatos à aplicação do processo, verificamos um *alongamento* da vogal da preposição, mas sem que houvesse a junção das vogais envolvidas. Dos 32 ambientes favoráveis, há aplicação da regra em 40,63%, o que corresponde a 13 ocorrências. Ainda quando o vocábulo seguinte é lexical, ocorreu em apenas uma ocorrência a aplicação do processo da *elisão*, como em *n[õ]de (na onde)*, o que equivale a um percentual abaixo de 1%.

Considerando que o item seguinte seja gramatical e não-acentuado, não observamos a aplicação de nenhum dos processos de sândi. Para a sequência preposição *na* mais item gramatical acentuado, há a aplicação somente da *elisão* em baixo percentual, 01,22%, como em *n[ε]la*.

Tabela 36. Sândis externos e contextos morfofonológicos para *na*

Contextos	Processos					
	<i>Degeminação</i>		<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prep. + item gram. acentuado	-	-	-	-	03/245	01,22
Prep. + item gram. não-acentuado	-	-	-	-	-	-
Prep. + item lexical	-	-	40/87	45,98	01/245	00,41

Fonte: elaboração própria

Apresentadas as nossas considerações a respeito da preposição *na*, passamos a tratar da descrição do comportamento prosódico do item *com*. Na Tabela 37, a seguir, são

apresentados os resultados da comparação entre os processos de sândi vocálico externo e os contextos morfofonológicos selecionados.

Tabela 37. Sândis externos e contextos morfofonológicos para *com*

Contextos	Processos					
	<i>Degeminação</i>		<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prep. + item gram. acentuado	-	-	88/242	36,36	11/87	05,88
Prep. + item gram. não-acentuado	295/330	89,40	95/228	41,67	88/302	29,14
Prep. + item lexical	01/03	33,33	07/19	36,84	-	-

Fonte: elaboração própria

Como já antecipado, para o item *com*, quando há um item adjacente lexical, ocorre a porcentagem de aplicação dos processos de juntura na seguinte ordem: *ditongação* (36,84%), *degeminação* (33,33%) e nunca *elisão*. Já quando é um item gramatical acentuado o elemento subsequente, temos *ditongação* (36,36%), *elisão* (05,88%) e nunca *degeminação*. Por fim, se o vocábulo seguinte é gramatical e não-acentuado, verifica-se a *degeminação* (89,40%), a *ditongação* (41,67%) e a *elisão* (29,14%).

De modo geral, podemos observar que há: (i) o bloqueio da regra da *elisão*, caso o item seguinte seja lexical; (ii) a preferência pela *ditongação*, caso o vocábulo subsequente seja lexical e/ou gramatical acentuado; (iii) não há a aplicação da *degeminação*, se o elemento adjacente for gramatical e acentuado; e (iv) a primazia pelo processo da *degeminação* se o vocábulo seguinte for gramatical e átono.

A partir de Bisol (2005), observamos, para o item *com*, que os processos de sândi *degeminação*, *ditongação* e *elisão* indiciam uma forte tendência de *com* se realizar, prosodicamente, como um elemento clítico e poder ser prosodizado, sobretudo, se seguido de um item gramatical e desacentuado.

Averiguamos um comportamento prosódico semelhante ao da preposição *com* para a *para*. Vejamos a Tabela 38, a seguir, onde são apresentados os contextos em relação aos índices de aplicação dos processos de sândi.

Tabela 38. Sândis externos e contextos morfofonológicos para *para*

Contextos	Processos					
	<i>Degeminação</i>		<i>Ditongação</i>		<i>Elisão</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Prep. + item gram. acentuado	21/35	60,00	200/203	98,52	24/203	51,06
Prep. + item gram. não-acentuado	319/377	84,62	07/181	03,87	169/181	93,37
Prep. + item lexical	08/32	25,00	80/91	87,91	-	-

Fonte: elaboração própria

Como vimos, para o item *p(ar)a* e a sequência constituída de um item lexical, temos a aplicação da *ditongação* (87,91%) > *degeminação* (25,00%), mas nunca *elisão*. No entanto, quando o item subsequente é gramatical não-acentuado, os resultados se invertem quanto aos processos observados: *elisão* (93,37%) > *degeminação* (84,62%) > *ditongação* (03,87%). Quando a preposição *p(ar)a* é seguida de um elemento gramatical acentuado, temos: *ditongação* (98,52%) > *degeminação* (60,00%) > *elisão* (51,06%).

Da Tabela 38, podemos observar algumas tendências quanto à cliticização³⁹ da preposição *p(ar)a*, a saber: (i) há o bloqueio da regra da *elisão*, caso o item seguinte seja lexical; (ii) ocorre a preferência pela *ditongação*, caso o vocábulo adjacente seja lexical e/ou gramatical acentuado; e (iii) a primazia pelo processo da *elisão* se o vocábulo seguinte for gramatical e átono.

³⁹ Segundo Cristófar-Silva (2011), é o “fenômeno pelo qual uma palavra passa a ter proeminência acentual fraca e passa a ser fonologicamente dependente de uma outra palavra adjacente com a qual deverá coocorrer, tornando-se um clítico”.

Considerando-se as afirmações de Bisol (2005) sobre os processos de sândi vocálico externo e dos elementos clíticos, da mesma maneira que para a preposição *com*, para a *p(ar)a*, constatamos que os processos de sândi evidenciam uma tendência de essa preposição se realizar, fonologicamente, como um elemento clítico e poder ser prosodizada, principalmente, quando seguida de um item gramatical e não-acentuado.

A análise dessa variável nos permite interpretar que temos dois grupos de preposições: (a) um constituído por aquelas já gramaticalizadas na língua, como as preposições *de*, *do*, *da*, *em*, *no* e *na*; e (b) outro por itens que ainda estão em processo de mudança linguística, no nível fonético, que são os casos de *com* e *p(ar)a*. Embora não exista um registro formal para as formas variantes de *com* ~ *ca* ~ *co*, bem como de *para* ~ *pra* ~ *pro*, observamos claramente que coocorrem na fala dos informantes. Esse fato evidencia, de alguma maneira, que os mesmos processos fonético-fonológicos de juntura que afetaram as preposições *de* e *em*, em um dado estágio da língua, são perceptíveis se os observamos sincronicamente dados de fala da variedade riopretense para as preposições *com* e *p(ar)a*.

Em decorrência da mudança no nível fonológico que está afetando esses itens, verificamos que os índices de aplicação das regras de sândi vocálico externo se diferem para os dois grupos de preposições. Constatamos o caráter cliticizável das preposições *de*, *do*, *da*, *em*, *no* e *na* por esses itens serem adjungidos diretamente a um hospedeiro, quase sempre um item lexical, por meio da regra da *ditongação*. Os processos de *degeminação* e *elisão*, quando ocorrem, são raramente verificáveis. Por outro lado, para o grupo das preposições *com* e *p(ar)a*, o alto índice de aplicação dos processos de *ditongação* e, sobretudo, de *degeminação* e *elisão*, ocorre, principalmente, quando há outro elemento clítico na sequência.

Os resultados, obtidos da análise das preposições monossilábicas na variedade do Noroeste Paulista em contexto de juntura, evidenciam que as formas *a*, *ao*, *às*, *aos*, *do(s)*, *da(s)*, *no(s)* e *na(s)* já sofreram adjunção a outros elementos clíticos durante o processo de

gramaticalização desses itens. Como as preposições *com* e *p(ar)a* ainda estão em processo de mudança linguística, apresentam um comportamento muito mais complexo em termos de sua realização fonética.

Quanto à constituição do grupo clítico que procuramos, ao longo desta dissertação defender ou refutar, a análise dos dados de fala da variedade do Noroeste Paulista, revela que é inegável o caráter cliticizável que as preposições analisadas possuem. O fato de *com* e *p(ar)a* aparecerem constantemente adjungidas a outros elementos clíticos denota mais evidentemente o quão cliticizáveis esses itens são. Temos a constituição de um grupo clítico formado por clítico mais palavra fonológica, principalmente, para os itens *de*, *do*, *da*, *no* e *na*, *por*, *a*, *em*, e clítico(s) mais fonológica para as preposições, *com* e *p(ar)a*.

No que concerne a variável *estrutura da sílaba do clítico*, a hipótese investigada é a de que os clíticos que apresentam uma sílaba preenchida na coda teriam comportamento distinto dos clíticos com ausência de coda. Observamos que as preposições cujas sílabas são formadas por *ataque + rima (núcleo)*, *de*, *do*, *da*, *no* e *na* favorecem a aplicação da *ditongação*, respectivamente, em 73,56%, 57,65%, 75,26%, 51,53% e 45,98%. Quando temos a estrutura silábica *ataque + rima (núcleo + coda)*, preposição *com*, o processo mais recorrente é a *degeminação*, 88,89%. Para a estrutura constituída de *ataque complexo + rima (núcleo)*, *pra*, a tendência é de que também haja a *degeminação* em 78,38%.

Embora a *variável distância do clítico em relação ao hospedeiro* evidencie mais claramente um mapeamento da prosodização das preposições em estudo, de alguma maneira, a inclusão da variável *estrutura da sílaba do clítico* permite observarmos que tipo de sílaba dos clíticos favorece mais à aplicação dos processos fonológicos de sândi externo.

Por fim, quanto à variável *posição do clítico em relação ao hospedeiro*, cabe destacar que a nossa hipótese inicial de que, no PB, há a preferência pela próclise como direção de prosodização dos elementos clíticos se confirma para os dados da variedade riopretense.

Como observamos ao longo desta seção, com exceção da preposição *em*, que se anexa encliticamente ao seu hospedeiro em 38,89% (07/18), por meio da aplicação da *degeminação*, como em *hoj[i] dia*, e de pouquíssimos dados da regra da haplologia envolvendo a preposição *de*, 02,94%, quando os processos de sândi vocálico externo atuam, as preposições *de*, *do*, *da*, *no*, *na*, *com* e *p(ar)a* sempre se adjungem à palavra seguinte, como em *[no]spital*, *[kwa] minha irmã*, *[pru] menino*.

4.3. Resumo

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos da análise das variáveis linguísticas selecionadas para a investigação da prosodização das preposições *de*, *do*, *da*, *em*, *no*, *na*, *com* e *p(ar)a*. De modo geral, podemos observar os seguintes aspectos:

- *distância do clítico em relação ao hospedeiro*: (i) há, nos dados da variedade riopretense, dois grupos de preposições, um constituído pelos itens já gramaticalizados na língua (*de*, *do*, *da*, *em*, *no* e *na*), outro por preposições que ainda estão em processo de mudança linguística no nível fonético (*com* e *p(ar)a*); (ii) as preposições *de*, *do*, *da*, *em*, *no* e *na* são adjungidas diretamente a um hospedeiro, quase sempre um item lexical, por meio da regra da *ditongação*; (iii) os processos de sândi evidenciam uma tendência de as preposições *com* e *p(ar)a* se realizarem, fonologicamente, como elementos clíticos e podem ser prosodizadas, principalmente, quando seguidas de um item gramatical não-acentuado;

- *estrutura da sílaba do clítico*: para as preposições cujas sílabas são formadas por: (i) *ataque + rima (núcleo)*, *de, do, da, no* e *na*, ocorre, principalmente, a *ditongação*; (ii) *ataque + rima (núcleo + coda)*, *com*, e *ataque complexo + rima (núcleo)*, *pra*, o processo mais recorrente é a *degeminação*;
- *posição do clítico em relação ao hospedeiro*: quando os processos de sândi vocálico externo atuam, com exceção da preposição *em* e somente quatro ocorrências da preposição *de*, as demais preposições sempre se adjungem procliticamente à palavra seguinte.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que, das variáveis investigadas, acreditamos que a categoria gramatical e o contorno acentual se mostraram mais relevantes no que diz respeito à aplicação dos processos de sândi vocálico externo.

Apresentadas as reflexões iniciais sobre a descrição e análise da prosodização das preposições *de, do, da, em, no, na, com* e *p(ar)a*, passemos às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da transcrição fonética de base perceptual realizada, identificamos a ocorrência de dois tipos de processos fonético-fonológicos para as preposições em estudos: (i) os aqui denominados de segmentais, por meio dos quais os segmentos das preposições são afetados, como os processos de apagamento do “r” em final de sílaba, *assimilação da nasal*, *ditongação* fora do contexto de juntura, *metátese*, queda da consoante nasal, *neutralização vocálica*, *palatalização* da consoante “d” e *redução fonológica*; e (ii) os de juntura externa, como os processos de *haplologia*, *vozeamento* da consoante fricativa na coda, *degeminação consonantal*, *tapping*, *hiato* e os de sândi vocálico externo *degeminação*, *ditongação* e *elisão*.

Verificamos, para as preposições suscetíveis aos processos de sândi vocálico externo, a possibilidade de ocorrer os processos de *degeminação* e *ditongação* quando são seguidas por um item lexical e/ou gramatical, como em *pr[a] menina*, *pr[ai]nformar*. Por outro lado, não constatamos a ocorrência de processo de *elisão* quando as preposições são seguidas de itens lexicais, como em **prinformar*. Observamos a *elisão* somente quando há, na sequência, outro elemento gramatical, como em *pr[u]ma*.

No que concerne aos processos apresentados por Bisol (2005), que podem ser característicos do componente pós-lexical, verificamos, conforme apresentado na seção 3 desta dissertação, a aplicação especialmente dos processos de sândi vocálico externo entre as preposições e seus hospedeiros.

No que concerne às restrições de aplicação do processo da *elisão*, no caso dos monomorfemas, constatamos o bloqueio da regra em virtude de as preposições em estudo carregarem informações morfológicas que devem preservadas. Como vimos, segundo Bisol (2005), o fato de haver o bloqueio da *elisão* dentro no interior de palavra pode ser uma

evidência de que o clítico e seu hospedeiro constituem um grupo clítico. Nesse sentido, a análise dos dados evidencia a possibilidade de esses itens serem prosodizados no domínio do grupo clítico, isto é, no componente pós-lexical juntamente com uma palavra fonológica, denominada seu hospedeiro.

Retomando as afirmações de Bisol (2005), teríamos, ainda, dois outros fortes indícios da constituição do grupo clítico na variedade riopretense: (i) a *elisão* da vogal média alta do clítico *de*, *d[u]m*, uma vez que sua ocorrência se restringiria a esse domínio; e (ii) a redução silábica da preposição *para* ~ *pra* ~ *pa*, haja vista que, por esse item sofrer um processo que é característico das sílabas átonas, confirmar-se-ia o seu caráter cliticizável.

Da análise das variáveis linguísticas, verificamos que aplicação das regras de sândi indicia haver, nos dados da amostra, dois grupos de preposições: (a) um constituído por preposições já gramaticalizadas na língua, como as preposições *a*, *ao(s)*, *de*, *do(s)*, *da(s)*, *em*, *no(s)*, *na(s)* e *por*; e (b) outro por preposição que ainda estão em processo de mudança linguística, no que diz respeito a sua realização fonética, que são os casos de *com* e *p(ar)a*.

Cabe destacar que, embora as preposições pertencentes a cada um desses grupos apresentem uma realização fonética distinta, mais ou menos complexa, o caráter cliticizável delas é fortemente evidenciado. Se adjungidas diretamente a um hospedeiro ou, primeiramente, há outro elemento clítico da sequência, por meio da *degeminação*, *ditongação* ou *elisão*, as preposições *a*, *de*, *por*, *com*, *em*, *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *ao(s)*, *à(s)* e *para* aparecem constantemente ancoradas a uma palavra fonológica, constituindo com ela um grupo clítico. Sendo assim, a nossa hipótese de que a relação entre o clítico e seu hospedeiro pode ser evidenciada por meio da análise de processos fonológicos de sândi vocálico externo a que estão sujeitas as preposições monossilábicas é confirmada.

Os resultados obtidos conduzem-nos, portanto, a afirmar que as preposições monossilábicas *a*, *de*, *por*, *com*, *em*, *do(s)*, *da(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *ao(s)*, *à(s)* e *para* do Português

Brasileiro falado na variedade do Noroeste Paulista são, assim como no Português Europeu, clíticos fonológicos, constituindo com o seu hospedeiro um grupo clítico.

Por fim, da descrição das preposições monossilábicas realizada, esperamos que tenhamos contribuído, de alguma forma, para caracterização e ampliação da descrição do Português falado na variedade de São José do Rio Preto, Noroeste Paulista, bem como proporcionado uma reflexão a respeito do estatuto prosódico das preposições como elementos clíticos no PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, M. & GOMES, C. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaio de Linguística*, nº 7, p. 43-51, 1982.

AMADEU, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4º ed. São Paulo: Hucitec, 1981. (1ª ed. 1920).

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.19, p.25-42, 1990.

BAKKER, D., SIEWIERSKA, A. Adpositions, the lexicon and expression rules. In: MAIRAL USÓN, R.; PEREZ QUINTERO, M.J. (Eds.) *New perspectives on argument structure in Functional Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 125-177.

BISOL, L. Sândi vocálico externo: *degeminação e elisão*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP, n. 23, p. 83-101,1992.

_____. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, v. 31, p. 159-168,1996. (a)

_____. Sândi externo: o processo e a variação. In: KATO, M. A. (Org.) *Gramática do português falado: convergências*. Campinas: Editora da UNICAMP, v. V, p. 55-96, 1996. (b)

_____. Os constituintes prosódicos. In: _____ (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 229-241.

_____. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos de Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v. 9, p. 5-30, 2000.

_____. *A degeminação e a elisão no VARSUL*. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 231-250.

_____. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*. Dordrecht: Foris Publications, v.15, n.2, p.177-200, 2003.

_____. *O clítico e seu hospedeiro*. Porto Alegre: Letras de Hoje, 2005. p.163- 184.

BOOIJ, G. Principles and parameters in prosodic phonology. *Linguistics* 21, p. 249-280,1983.

_____. Cliticization as prosodic integration: the case of Dutch. *The Linguistic Review* 13, p. 219-242, 1996.

BRISOLARA, L. B. *Os clíticos pronominais e sua prosodização*. Tese (Doutorado em

Letras). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

_____. *A prosodização dos clíticos pronominais no sul do Brasil: uma análise variacionista com base na elevação da vogal átona /e/*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pelotas: UCPel, 2004.

_____. *Fonologia do Português: Análise pela Geometria de Traços*. Campinas: Edição do Autor, 1997.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. Tese de Livre Docência. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1982.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, M. A. (Org.) *Gramática do Português falado*. v. 5. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 33-53.

CÂMARA JR, J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

CARMO, M. C. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2009.

CARVALHO, J. B. de. *Phonological conditions on Portuguese clitic placement: on syntactic evidence for stress and rhythmical patterns*. Berlin: Linguistics, 1989. p. 405-436.

CASTILHO, A. *O problema da gramaticalização das preposições no projeto 'para a História do português brasileiro'*. São Paulo: Estudos linguísticos, XXXIII: p. 982-988, 2004.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and its Social Significance*. Cambridge: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91-119.

COOK, V. J. e NEWSON, M. *Chomsky's Universal Grammar - an introduction (second edition)*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português (roteiro de estudos e guia de exercícios)*. São Paulo: Contexto, 2001.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1980.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3º ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005, p. 14-90.

FARIA, E. *Gramática elementar da língua latina. Primeira e segunda séries*. 3.ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944.

GALVES, C.; ABAURRE, M. B. M. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Orgs.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. UNICAMP, v. IV Estudos Descritivos, p. 273-319, 1996.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GOLDMAN-EISLER, F. The determinants of the rate of speech output and their mutual relations. *Journal of Psychosomatic Research*, London, v. , p.137-143, 1956.

GONÇALVES, S. C. L. Banco de dados IBORUNA: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <[http:// www.iboruna.ibilce.unesp.br](http://www.iboruna.ibilce.unesp.br)>.

_____. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. Relatório científico final apresentado à FAPESP, 2007. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/relatoriofinal>.

HAYES, B. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. (ed.). *Rhythm and meter: Phonetics and phonology*. New York: Academic Press, v. 1, p. 201-260, 1989.

HORA, D. A palatalização das oclusivas dentais: uma abordagem não-linear. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 175-193, 1993.

HUBACK, A. P. da S. *Cancelamento do (R) final em nominais na cidade de Belo Horizonte: uma abordagem difusionista*. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

INKELAS, S. *Prosodic Constituency in the Lexicon*. New York: Garland Publishing, 1990.

INKELAS, S.; ZEC, D. Syntax-Phonology interface. In: GOLDSMITH, J. (ed.). *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 535-549.

ITÔ, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Massachusetts. PhD. Massachusetts: Dissertation. University of Massachusetts, 1986.

JACOBS, H. Old French Proclisis and Enclisis: The Clitic Group or the Prosodic Word?. In: DRIJKONINGEN, F.; KEMENADE, A. van. *Linguistics in the Netherlands*. Amsterdam: Benjamins, 1991. p. 91-100.

JERNUDD, B. H.; THUAN, E. Control of language though correction in speaking. *International Journal for the Sociology of Language*, v.44, p.71-97, 1983.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in FDG. *Alfa – Revista de Linguística*, Araraquara, v. 51. n. 2, p. 35-56, 2007.

KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. In: YANG, S. (Org.). *Linguistic morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. p.3-91.

_____. From cyclic phonology to lexical phonology. In: VAN DER HULST, H.; SMITH, N. (ed.) *The structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris, v. I, 1982.

KLAVANS, J. L. The independence of Syntax and Phonology in cliticization. *Language*, Washington: Linguistic Society of America, v. 61, p. 95-120, 1985.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. 11th printing. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEVIN H.; SILVERMAN, I. Hesitation phenomena in children's speech. *Language and Speech*, [S.l.], v.8, p.67-85, 1965.

LLORET, M. When does Variability become Relevant to Formal Linguistic Theory? In: HINSKENS, F.; HOUT, R. V.; WETZELS, L. W. *Variation, change and phonological theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1997. p. 181-206.

MCCARTHY, J. J.; PRINCE, A. Generalized Alignment. In: BOOIJ, G. E.; MARLE, J. Van (Ed.). *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1993. p. 79-153.

MACKENZIE, J. L. English spatial prepositions in Functional Grammar. *Working Papers in Functional Grammar*. Amsterdam, n. 46, 25 p., 1992.

MARCATO, F. Relatório Final de Iniciação Científica. *A realização das vogais médias de prefixos na variedade do Noroeste Paulista*. FAPESP, 2010.

MARCUSCHI, L. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1999b. p.159-194.

MASCARÓ, J.; SALDANYA, M. P. (eds.) *Gramàtica del Català Contemporani*. Barcelona: Empúries, v. 1 [fonética i fonologia; morfologia], p. 39-86, 2002.

MIOTO, C., SILVA; M. C. F.; LOPES R. E. V. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.

MIOTO ET AL. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis, Insular, 2004.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, M. L.; MOLLICA, M. C. (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

NARO, A. J. *Estudos Diacrônicos*. Trad. Lais Campos e Katia Elisabeth Santos. Petrópolis: Vozes, 1973.

NASCIMENTO, J. C.; CHACON, L. *Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação*. Alfa (ILCSE/UNESP), v. 50, p. 59-76, 2006.

_____. *Estudos Diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

NESPOR, M. The phonology of clitic groups. In: HELLAN; VAN RIEMSDIJK, H. (ed.). *Clitic doubling and clitic group*. Eurotyp Working Papers, 1993. p. 67-90.

_____. *Fonologia*. Bologna: Mulino, 1993.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

_____. La Prosodia. In: *Linguística y Conocimiento*. Madrid: Visor, 1986.

NOOTEBOOM, S. G. Speaking and unspeaking: detection and correction of phonological and lexical errors in spontaneous speech. In: Fronkin, W. (Ed.) *Errors in linguistic performance: slips of the tongue, ear, pen and hand*. New York: Academic Press, 1980. p.87-95.

PAVEZI, V. C. *A haplogia no dialeto paulista*. Programa de Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP. 2006. 126f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). São José do Rio Preto – SP: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, 2006.

PEPERKAMP, S. A. On the prosodic representation of clitics. In: KLEINHENZ, U. *Studia Grammatica- Interfaces in Phonology*. Akademie: Verlag, 1996.

_____. *Prosodic Word*. Ph.D. Dissertation. Amsterdam: University of Amsterdam, 1997.

REVITHIADOU, A. A cross-dialectal study of cliticisation in Greek. *Lingua*. Greece: Aegean University, v. 118, p 1393-1415, 2008.

PÉREZ QUINTERO, M.J. Adpositions in FG: has this Cinderella been invited to the Ball? In: AESTERN, H.; HANNAY, M.; LYALL, R. (Eds.) *Words in their places: a festschrift for J. Lachlan Mackenzie*. Amsterdam: Faculty of Arts, Vrije Universiteit, 2004. p. 153-168.

PEZATTI, E.G.; CAMACHO, R. G. *O estatuto lexical das preposições sob e sobre*. São Paulo: Estudos linguísticos, 39 (1): p. 89-97, 2010.

POGGIO, R. M. G. F. *Discussão de processos de gramaticalização de preposições documentadas nos Gregorii Magni Dialogi Libri IV*. 2088. Disponível em: <http://www.geocities.com/textosbec/poggio.doc>. Acesso em: 29 nov. 2012.

POTTIER, B. *Systématique des éléments de relation. Études de morphosyntaxe structurale romane*. Paris: C. Klincksiech, 1962.

RAGSDALE, J. D.; SISTERHEN, D. H. Hesitation phenomena in the spontaneous speech of normal and articulatory-defective children. *Language and Speech*, v.27, p.235-44, 1984.

ROCHA LIMA, L .H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 2ª ed. Melhoramentos, 1971.

SANDMAN, A. J. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. (Trad. de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 1916

SELKIRK, E. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge Mass: MIT Press, 1984.

_____. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*. Cambridge: Cambridge University Press, v. 3, p. 371-405, 1986.

_____. The prosodic structure of function words. In: McCARTHY, J. J. *Optimality Theory in phonology: a reader*. Oxford: Blackwell, 2004.

SILVA, T. C. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). São José do Rio Preto: Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2002.

TONELI, P. M. *A palavra prosódica em Português Brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais*. Dissertação (Dissertação de Mestrado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. Sobre as possíveis razões da ausência e presença da preposição no objeto direto. *Letras & Letras*, Uberlândia, v.1, n.1, p. 15-38, 1985.

VELOSO, B. S. *A elisão de monomorfemas em casos de sândi vocálico externo em três variedades do português*. 113f. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

VIGÁRIO, M. On the Prosodic Status of Stressless Function Words. In: KLEINHENZ, U.; HALL, T. A. (ed.). *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

_____. Pronominal cliticization in European Portuguese: a postlexical operation. *Barcelona-Servei Publicacions*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona-Servei de publicacions, v. 7, p. 219-237, 1999.

_____. *The prosodic word in European Portuguese*. Tese (Doutorado). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2001.

VIGÁRIO, M. O lugar do Grupo Clítico e da Palavra Prosódica Composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M.; COUTINHO, M. A. (Orgs.). *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos selecionados*. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007. p. 673-688.

_____. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: Recursive nodes or an independent domain?. *Linguistic Review*. The Netherlands: Mouton de Gruyter, v. 27, p. 485-530, 2010.

VOGEL, I. The clitic group in phonology prosodic. In: MASCARÓ, J.; NESPOR, M. *Grammar in Progress*. Dordrecht: Floris, 1990. p. 447-454.

_____. The morphology-phonology interface: Isolating to polysynthetic languages. *ACTA Linguistica Hungarica*. Budapest: International Journal of Linguistics, 2008.

_____. The Status of the Clitic Group. In: GRIJZENHOUT, J.; KABAK, B. (ed.). *Phonological Domains: Universals and Deviations..* Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

ZWICKY, A. M. Clitics and particles. *Language*. Washington: Linguistic Society of America, v. 61, p. 283-305, 1985.

Autorizo a produção xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, ____/____/____

Assinatura